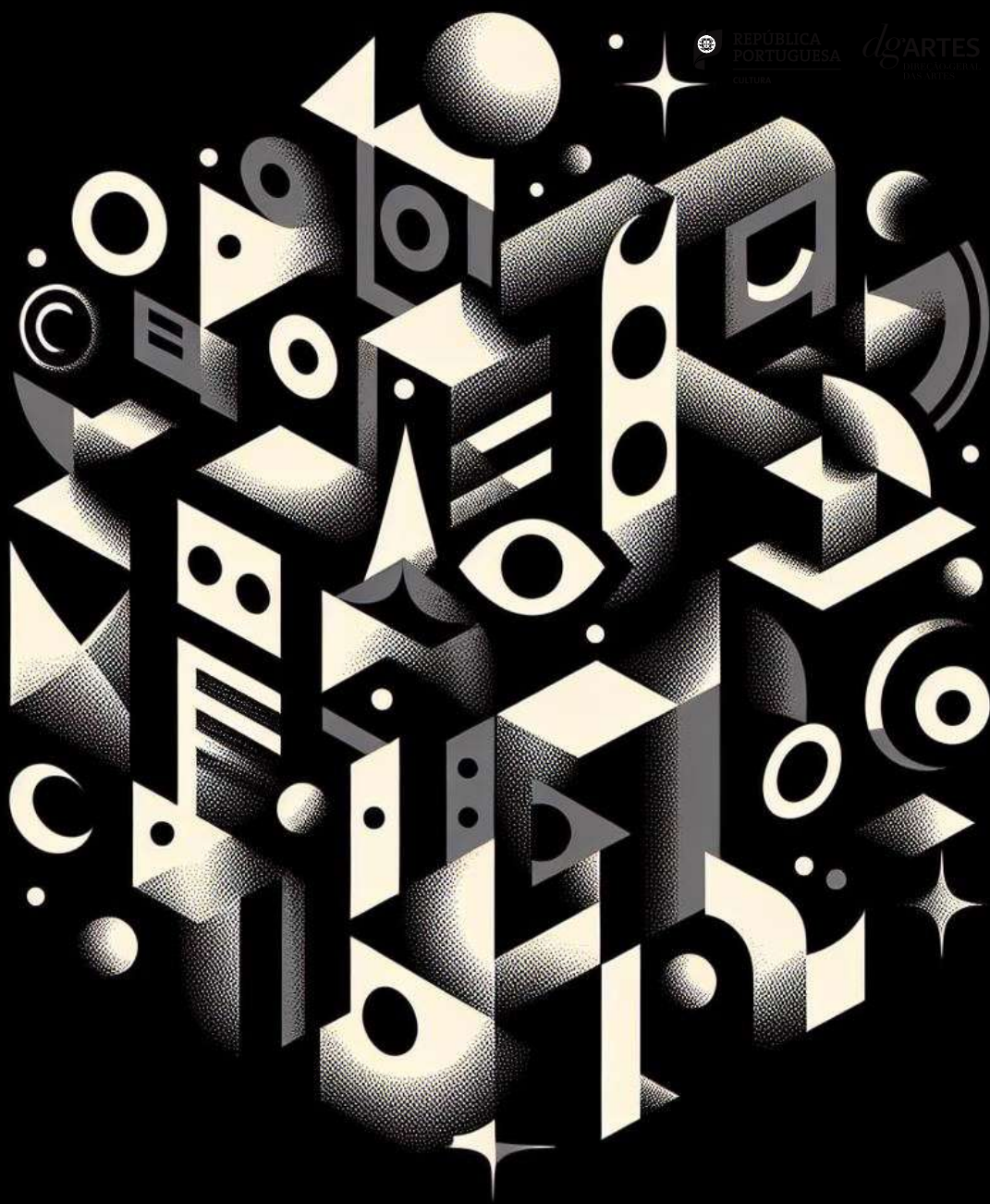


JAZZ PANORAMA PORTUGAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



JAZZ PANORAMA PORTUGAL

A criação deste programa de promoção internacional da música improvisada portuguesa insere-se numa estratégia, seguida há muitos anos pela Festa do Jazz e pela Associação Sons da Lusofonia (ASL) desde a sua criação, em 1996, de constituição de uma comunidade forte à escala nacional, que possa, de forma sustentada, promover-se na Europa e no mundo.

Desde antes da primeira Festa do Jazz, em 2003, passando pela Europe Jazz Conference de Lisboa, em 2018, até à primeira embaixada do jazz português na feira Jazzahead!, em Bremen, e inclusão de Portugal no Jazz Panorama da Europe Jazz Network, que trabalhamos (recentemente em conjunto com a Rede Portuguesa de Jazz) para impulsionar a música improvisada portuguesa, criando um espaço de visibilidade como nunca teve na nossa história. Mas ainda há muito por fazer. Por isso, decidimos desenvolver a ideia de Jazz Panorama, numa iniciativa apoiada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), para aumentar a exposição pública internacional de músicos e grupos portugueses de jazz.

O Jazz Panorama Portugal que aqui damos a conhecer é mais uma das nossas propostas de internacionalização estruturada do jazz português, apresentando uma série de perfis de músicos e bandas portuguesas e programadores internacionais, nomeadamente europeus. Tencionamos alargar futuramente o espectro de perfis, de modo a alcançar uma ampla representatividade da comunidade do jazz nacional junto de programadores europeus. Todos os perfis estarão em inglês e serão associados às páginas online dos artistas e grupos selecionados. Esta iniciativa também servirá de inspiração e de apoio à formação e ao desenvolvimento das carreiras de jovens músicos, em Portugal e na Europa.

Ao criar um impulso na divulgação do jazz nacional no mapa europeu e ao incentivar a cooperação com outras entidades europeias no que diz respeito ao trabalho direcionado para as camadas jovens da população, a profissionalização e o intercâmbio de músicos, estamos igualmente a adotar uma perspetiva de longo prazo.

Na Europa e no mundo ocidental, vivem-se momentos de grande tensão financeira, social e política, claramente provocados pelo início da queda do capitalismo selvagem, pelas guerras e pela ganância neoliberal. O jazz só vende mais do que a música para crianças, sendo o penúltimo na lista.

É sintomático o facto de estas duas músicas, que deveriam ser elementares na formação de indivíduos conscientes, serem as menos compradas – revela o estado de desorientação espiritual a que chegámos e a necessidade de abordar a música e os mercados de forma diferenciada.

O jazz português sofre de dupla periferia: é uma música periférica no mercado nacional (quase não há salas dedicadas ao jazz em Portugal) e é praticada num país periférico em relação à Europa. Mas a participação de músicos, críticos, investigadores e editores nacionais em várias plataformas, festivais e outros fóruns tem servido para revelar uma unidade dentro da diversidade e uma grande capacidade de gerar ideias alternativas, que podem tornar a Europa menos burocrática e fazê-la identificar na periferia uma outra qualidade. O futuro dos artistas e dos agentes portugueses nos circuitos europeus de festivais é coletivamente mais animador. Podemos dizer, sem hesitações, que a música composta e improvisada por portugueses é agora reconhecida pelos nossos pares.

Falta, porém, levá-la até aos públicos da Europa, e, para isso, precisamos da ajuda dos promotores e dos agentes europeus ligados ao jazz.

É importante que os músicos de jazz portugueses tenham consciência de que é necessário estar mais em contacto com a «rua», para que a sua música adquira essa impressão local, e simultaneamente universal, que a diferencie de outras músicas improvisadas de outras geografias, num mundo de competição implacável por visibilidade. Será essa visibilidade que dará acesso a salas, a festivais e a espaços europeus de apresentação que tornam possível captar públicos e programadores e, assim, criar condições para a sustentabilidade da música improvisada portuguesa. Dada a sua dimensão, o território nacional não é suficiente para a quantidade e qualidade desta nossa música.

O Jazz Panorama Portugal permite-nos observar como a identidade do jazz português é multidimensional e profundamente dinâmica. A música é determinante no processo de construção da identidade coletiva e individual. Não apenas o som mas, sobretudo, as práticas e os fenómenos a ela associados são decisivos. O nosso trabalho continuado possibilitou, ao longo de anos, que esses processos de formação da identidade individual e coletiva se desencadeassem e entrecruzassem nas diversas órbitas da ecologia do jazz em Portugal. Agora, é importante promover essas órbitas e torná-las acessíveis à Europa. Com maior exposição, alguns artistas portugueses conquistaram um estatuto internacional. Aos músicos e projetos já estabelecidos no estrangeiro há vários anos tem-se juntado, mais recentemente, um conjunto de jovens com bastante êxito, cuja presença fora de portas tem aumentado, num mundo extremamente competitivo.

O futuro do jazz português em muito passa pela capacidade de operacionalizar uma rede formal e desenhar estratégias comuns de penetração num mercado também ele em constante mutação e com contínuos desafios. É necessário, a curto prazo, consolidar, através da Rede Portugal Jazz, um ecossistema de promoção internacional independente, desenhado para a música improvisada e não para a música em geral, de modo que o Jazz Panorama tenha um impacto global e crie mais oportunidades de trabalho e de promoção da cultura portuguesa.

A música – que, com as suas leituras polissémicas, é acessível a todos e que, por isso, com todos comunica – poderá estimular outros aspetos da cultura nacional, que beneficiarão coletivamente das iniciativas levadas a cabo em cada área.

A disseminação digital da música improvisada portuguesa pode ajudar-nos se houver, estrategicamente, um seguimento permanente das ações de promoção por parte dos músicos e grupos incluídos no Jazz Panorama. O jazz português terá de ultrapassar a sua perifericidade enquanto setor na sociedade portuguesa, para, através precisamente da sua perifericidade geográfica e cultural na Europa, capitalizar um interesse semelhante ao que o nosso património histórico e natural já obteve no passado recente. Esta ação de diplomacia pretende mostrar uma forma única de ser e de estar, que foi sendo construída ao longo dos últimos anos por todos nós – programadores, festivais, críticos, associações, públicos – e, claro, pelos artistas nacionais.

Interrogar o futuro da música improvisada portuguesa implica interrogar o presente, através deste programa que agora apresentamos. E implica também desafiar o poder político e cultural, enfatizando a necessidade de compreender a dimensão extraordinária do jazz em Portugal e de colmatar as carências sentidas nesta área. A história do jazz português das últimas décadas confunde-se com a história do mundo moderno e interpela, de forma positiva, os desafios do futuro. Celebremos, pois, o melhor da música e da cultura nacionais, partilhando-as com a comunidade europeia e com o mundo.

Temos tudo para nos orgulharmos do que fazemos e para nos lançarmos à conquista de novos mercados e de novos públicos. O Jazz Panorama Portugal foi concebido para ajudar a aumentar a consciência da urgência da mudança coletiva (social e cultural), tendo em vista a expansão para territórios onde se pode praticar a música improvisada portuguesa no contexto europeu e a criação de espaços para novas parcerias e oportunidades.

Como diretor da Festa do Jazz, fundador da Rede Portuguesa de Jazz e presidente da Associação Sons da Lusofonia, estou imensamente grato a todos os que tornaram possível esta difícil tarefa. Agradeço pessoalmente a Duarte Azinheira e à equipa da INCM, pela visão e pelo acompanhamento e apoio ao projeto, ao investigador Pedro Cravinho e ao crítico João Esteves da Silva, pelo trabalho de seleção e compilação dos perfis, a todos os artistas e grupos envolvidos, à Direção-Geral das Artes e a Cristiana Morais, da ASL, pela coordenação do projeto.

Carlos Martins – Julho de 2025

JAZZ PANORAMA PORTUGAL

Creating this programme for the international promotion of Portuguese improvised music is part of a strategy pursued, for many years, by the Festa do Jazz and the Sons da Lusofonia Association, since its inception, in 1996: building a strong national community, with the potential to promote itself sustainably in Europe and around the world.

We have been furthering Portuguese improvised music for a long time, giving it unprecedented exposure: our efforts, which go back to even before the inaugural Festa do Jazz, in 2003, have resulted in the 2018 Europe Jazz Conference in Lisbon, the first Portuguese delegation at Jazzahead!, in Bremen, or Portugal being featured in the Europe Jazz Network's Jazz Panorama. But there is still plenty of work to do. So, with the support of the Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), we intend to develop the Jazz Panorama concept to increase the international exposure of Portuguese jazz musicians and bands.

The Jazz Panorama Portugal is another proposal aimed at a principled internationalisation of Portuguese jazz. It will present a series of Portuguese musicians and group profiles to European and other international festival curators. We intend to broaden this set of profiles in the future, in order to reach a representative sample of the national jazz community among European curators. All the profiles will be in English and linked to the featured artists' or groups' websites. This project will also inspire and support young musicians' education and career development, in Portugal and abroad.

We are also working from a long-term perspective, by promoting Portuguese jazz throughout the European scene and encouraging cooperation with other European institutions whose work is targeted at younger audiences, exchange programmes for young musicians and their professionalisation.

Europe and broadly the Western world are currently going through a period of significant financial, social and political tension, clearly due to the beginning of the fall of wild capitalism, war and neoliberal greed. Jazz is now the second least sold music, with only children's music behind it in that respect. The fact that these two sorts of music, which should play an elementary role in the education of conscious individuals, enjoy less commercial success than any other is revealing. It shows the spiritual misguidedness we have reached and the need to approach music and markets differently.

Portuguese jazz suffers from a double peripherality: it is a peripheral music within the national context (there are almost no venues devoted to jazz in Portugal) and is made in a country which is itself peripheral within the European context. The presence of Portuguese musicians, critics, researchers and label directors on several platforms, festivals and other forums has helped draw attention to unity within diversity and to alternative ideas, that can make Europe less bureaucratic and make it look at the periphery in a different light. The future of Portuguese artists on the European festival circuits looks more promising. Our European fellows now recognise the music written and improvised by Portuguese musicians. However, we still need to bring it to European audiences, and for that we need the help of European jazz promoters and agents.

Portuguese jazz musicians should remember that it is important to be more in touch with the «streets» for their music to acquire local traits – while simultaneously being universal –, that distinguish it from improvised music from other areas, in a world of relentless competition for public exposure. Such exposure will grant access to European venues and festivals, possibly attracting audiences and curators, thus generating conditions for the sustainability of Portuguese improvised music. Given its dimension, the Portuguese territory is too small to take in such an amount of music of such high quality.

The Jazz Panorama Portugal shows us how the identity of Portuguese jazz is multidimensional and deeply dynamic. Music plays a fundamental role in shaping collective and individual identity. It is not just sound; its related practices and phenomena are especially vital. Over the years, our ongoing work has allowed such identity construction processes to unfold and intersect within the various dimensions of the Portuguese jazz scene. We now need to promote such dimensions and render them accessible to Europe. Enjoying a greater exposure, some Portuguese artists have achieved an international status.

Such artists – and projects – have recently been joined by several young musicians, who are increasingly making their presence felt on the international scene and enjoying considerable success in a highly competitive world.

The future of Portuguese jazz dramatically depends upon establishing a formal network and conceiving common strategies for incursions in a challenging and constantly mutating global market. For Jazz Panorama to have the desired impact and create more opportunities for work and the diffusion of Portuguese culture, we urgently need to consolidate, through the Portuguese Jazz Network, an independent ecosystem seeking the international promotion of improvised music, rather than music in general.

Music – which, through its multifarious interpretations, is accessible to everyone and therefore speaks to everyone – can stimulate other aspects of Portuguese culture, which will collectively benefit from the initiatives undertaken in distinct areas.

The digital diffusion of Portuguese improvised music can help us if the initiatives undertaken by the musicians and bands featured in the Jazz Panorama are followed strategically. Portuguese jazz will have to overcome its peripherality within Portuguese society in order – precisely through its geographic and cultural peripherality within Europe – to capitalise on the kind of interest that our historical and natural heritage has enjoyed in the recent past. This cultural diplomacy undertaking aims to showcase a unique way of being, that we all – Portuguese curators, festivals, critics, institutions, audiences and, of course, musicians – have built over the last years.

To interrogate the future of Portuguese improvised music implies interrogating its present, which is exactly what our project seeks to do. It also means questioning political and cultural institutions about the need to acknowledge the extraordinary value of Portuguese jazz and to fill in the gaps still felt in this area of artistic production. The history of Portuguese jazz during the last few decades merges with the history of the modern world and positively interrogates future developments and challenges. Let us therefore celebrate the best of our music and culture, sharing it with the European community and the world.

We have every reason to be proud of what we do and to seek new markets and new audiences. The Jazz Panorama Portugal was conceived to draw attention to the urgency of a collective change (at social and cultural levels), aimed at expanding Portuguese improvised music into new areas in the European setting and making way for new partnerships and opportunities.

As director of the Festa do Jazz, founder of the Portuguese Jazz Network and president of the Sons da Lusofonia Association, I'm immensely grateful to everyone who made this complex undertaking possible. I would like to thank Duarte Azinheira and the INCM team, for their vision and support, the researcher Pedro Cravinho and the critic João Esteves da Silva, for their work in selecting and compiling the profiles, all the artists and groups involved, the Direção-Geral das Artes and Cristiana Morais, from ASL, for coordinating the project.

Carlos Martins – July 2025

APRESENTAÇÃO

Rumo à internacionalização: criatividade e singularidade do jazz e da música improvisada de Portugal

Qualquer processo de seleção é um processo de exclusão. Ao aceitar este desafio, lançado pela Associação Sons da Lusofonia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de selecionar uma pequena amostra representativa do jazz e de músicas improvisadas contíguas, feitos em Portugal ou por artistas portugueses residentes no estrangeiro, deparámo-nos com uma série de dificuldades.

Face ao enorme número de propostas originais de elevada qualidade a incluir nesta pequena amostra, foi necessário estabelecer vários critérios que nos permitissem obter uma seleção minimamente inclusiva e abrangente de artistas/projetos no ativo e com, no mínimo, uma edição discográfica de relevo na presente década. Procurámos ainda que artistas não contemplados figurassem, pelo menos, enquanto colíderes ou *sidemen* em projetos selecionados. Em todo o caso, a amostra que aqui apresentamos corresponde apenas a uma primeira parte da seleção, que tencionamos vir a expandir num futuro próximo, de modo que outros artistas/projetos possam também usar esta plataforma para expor o seu trabalho.

O número de convites enviados, de norte a sul do país, excedeu largamente as respostas obtidas. No entanto, foi com agrado que testemunhámos a receptividade com que esta iniciativa foi acolhida pela nossa comunidade jazzística (entendida em sentido lato) e a prontidão com que foram sendo enviados os materiais solicitados. Acreditamos que esta amostra, embora necessariamente incompleta, reflete o extraordinário desenvolvimento destas músicas no panorama nacional ao longo das últimas décadas, que muito se deve ao empenho e à dedicação dos nossos artistas, editoras e outras entidades.

Tentámos alcançar vários equilíbrios: (1) em termos geográficos, procurando abranger o maior número possível de regiões, o que obrigou a uma redução de potenciais candidatos nas duas principais áreas metropolitanas do país; (2) em termos estéticos, procurando que diferentes correntes se vissem representadas, nomeadamente artistas/projetos que nem sempre encontram lugar nas habituais categorias de *mainstream* e vanguarda, bem como sonoridades que evidenciem certos traços locais; e (3) em termos de género, embora tenhamos verificado uma presença ainda tímida de mulheres instrumentistas no panorama português, ficando a esperança de que as próximas gerações venham a colmatar gradualmente esta lacuna. (Constatou-se também uma quase total ausência de afrodescendentes na nossa cena jazzística.) Além disso, apesar de se tratar de uma seleção intergeracional, priorizámos conscientemente artistas/projetos pertencentes a gerações anteriores que, embora solidificados no contexto nacional e que, ao longo de décadas, contribuíram fortemente para o desenvolvimento destas músicas nesse mesmo contexto, não dispuseram das devidas oportunidades de internacionalização.

Não obstante a nossa condição periférica, tendencialmente marcada por realidades económicas bem menos favoráveis do que as que encontramos noutras geografias, reconhecemos neste leque de artistas/projetos uma série de contribuições de relevo – muitas vezes mesmo distintivas – para o panorama internacional. Esperamos então que o Jazz Panorama Portugal possa promover uma maior visibilidade e circulação dos artistas/projetos nacionais além-fronteiras, nomeadamente no espaço europeu, e inspire as novas gerações a dar continuidade a este notável percurso.

Pedro Cravinho e João Esteves da Silva – Julho de 2025

PRESENTATION

Towards internationalisation: creativeness and distinctiveness of jazz and improvised music from Portugal

Undertaking any selection process is difficult, as it inherently involves exclusion. When we collectively embarked on this challenge, proposed by the Sons da Lusofonia Association and the Imprensa Nacional-Casa da Moeda, we became acutely aware of the immense difficulty in curating a small, yet representative sample of jazz and improvised music made in Portugal or by Portuguese artists living abroad.

Given the vast number of potential candidates with high-quality original work, to feature in a such small sample, we had to establish a comprehensive set of criteria to ensure a selection that is as broad and inclusive as possible, comprising currently active artists/projects with at least one significant album release in the present decade. We also tried to ensure that artists who were omitted were at least featured as co-leaders or *sidemen* among selected projects. Anyhow, the sample presented here amounts only to the first part of the selection, which we intend to expand soon, so that other artists/ projects can access this platform to showcase their work.

The number of invitations sent out, spanning the country from the north to the south, far exceeded the responses received. However, we were pleased by the reception this project got in our jazz community (broadly understood) and the promptness with which the requested materials were submitted. We believe that this sample, despite necessarily incomplete, reflects this music's extraordinary development on the national scene over the last few decades, which owes a lot to the commitment and dedication of our artists, labels and other organisations.

We tried to achieve a balance at various levels: (1) in geographical terms, seeking to cover as many regions as possible, which required us to restrict the number of potential candidates operating in the country's two major metropolitan areas, Porto and Lisbon; (2) in aesthetic terms, seeking to ensure that different approaches were covered, namely artists/projects that do not always fit into the usual *mainstream* and *avant-garde* categories, as well as ones that manifest certain local features; and (3) in terms of gender, although we have noted a still timid presence of female instrumentalists on the Portuguese scene, leaving us with the hope that future generations will gradually fill this gap. We've also noted an almost total absence of Afro-descendants on our jazz scene. Furthermore, despite being an intergenerational selection, we have consciously prioritised artists/projects belonging to prior generations who, although well established in the national context and having strongly contributed to this music's development over decades, had yet to enjoy the deserved opportunities for internationalization.

Despite our peripheral condition, marked by an economic reality much less favourable than those found in other European contexts, we are convinced that this sample of artists/projects contains a variety of significant – often even distinctive – contributions to the international scene. We hope that a project such as the Jazz Panorama Portugal can prompt a greater visibility and circulation of Portuguese artists/projects across borders, particularly in Europe, and inspire new generations to continue this remarkable journey.

Pedro Cravinho and João Esteves da Silva – July 2025

A

ANDRÉ FERNANDES
ANDRÉ MATOS

B

BEATRIZ NUNES
BERNARDO MOREIRA

C

CARLOS AZEVEDO
CARLOS «BECHEGAS»
CARLOS BICA
CARLOS MARTINS
CARLOS «ZÍNGARO»

D

DEMIAN CABAUD
DESIDÉRIO LÁZARO

E

EDUARDO CARDINHO

F

FILIPE RAPOSO

G

GABRIEL FERRANDINI
GONÇALO ALMEIDA
GONÇALO MARQUES
GONÇALO PRAZERES

H

HERNÂNI FAUSTINO
HUGO CARVALHAIS

I

ISABEL RATO

J

JOANA RAQUEL
JOÃO BARRADAS
JOÃO LENCASTRE
JOÃO LOBO
JOÃO MORTÁGUA
JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA
JOSÉ MENEZES
JOSÉ VALENTE

L

L.U.M.E. – LISBON UNDERGROUND
MUSIC ENSEMBLE
LANTANA
LOKOMOTIV
LUÍS LOPES
LUÍS VICENTE

M

MADE OF BONES
MANO A MANO
MARCELO DOS REIS
MARIA JOÃO
MARIA MENDES
MÁRIO BARREIROS
MÁRIO COSTA
MÁRIO LAGINHA
MIGUEL ÂNGELO

O

ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS
ORQUESTRA JAZZ DE SETÚBAL

P

PAULA OLIVEIRA
PAULA SOUSA
PEDRO ALVES SOUSA
PEDRO NEVES
POWERTRIO

R

RICARDO JACINTO
RODRIGO AMADO
RODRIGO PINHEIRO

S

SARA SERPA
SOFIA BORGES
SUSANA SANTOS SILVA

T

TGB
THE RITE OF TRIO

V

VERA MORAIS & HRISTO GOLEMINOV



André Fernandes nasceu em Lisboa, em 1976.

Estudou no Hot Clube de Portugal e foi bolseiro na Berklee College of Music, em Boston (EUA). Tem um percurso reconhecido internacionalmente, tendo colaborado, ao longo dos anos, com músicos como Lee Konitz, Mário Laginha, Chris Cheek, Maria João, Cyro Baptista, Ohad Talmor, Perico Sambeat, Tomasz Stanko, Bernardo Sassetti, Dan Weiss, Pete Rende, Bill McHenry, Jochen Rueckert, Perico Sambeat, Jeff Ballard, Julian Argüelles, David Binney, Chris Potter, Avishai Cohen, Eli Degibri, Jorge Rossy, Carlos Barretto, Akiko Pavolka, Jarmo Savolainen, Phil Markowitz e João Paulo Esteves da Silva, entre inúmeros outros.

Foi eleito músico de jazz do ano pelo jornal *Público*, em 2007, e foi capa da revista *jazz.pt*. É convidado regular da Orquestra Jazz de Matosinhos, com a qual já atuou como solista, assim como em projetos com Maria Schneider, Mark Turner, John Hollenbeck, Joshua Redman e Maria Rita, para enumerar apenas alguns. Tendo trabalhado regularmente na Europa, nos EUA e na América do Sul, Fernandes já integrou o New Nonet, de Lee Konitz, os grupos de Maria João, Perico Sambeat, Nelson Cascais, Mário Laginha e muitos outros. Foi o mentor da editora de jazz Tone of a Pitch, onde produziu dezenas de discos que formam uma década do jazz português e em nome da qual editou projeto Guimarães Jazz/TOAP Colectivo durante vários anos.

Tem 12 álbuns editados em nome próprio – *O Osso*, *Howler*, *Timbuktu*, *Cubo*, *Imaginário*, *Motor*, *Wonder Wheel*, *Draco*, *Dianho*, *Kinetic*, *What Would You Say?* e *Pretty Face*, todos muito bem recebidos pela crítica e pelo público – e participações, como *sideman*, em mais de 40 discos até à data.

Atualmente, integra os grupos Chasing Penguins (Bélgica) e Lithium (Finlândia), e lidera os seus projetos Centauri, Fushi e Kinetic. Paralelamente, é líder da banda de rock ThE SPiLL, produz e mistura discos de inúmeros artistas no seu estúdio Timbuktu, em Lisboa, e leciona na ESML e na Universidade de Évora, sendo solicitado como docente para apresentar masterclasses um pouco por todo o mundo: Sibelius Academy (Helsínquia), conservatórios de Barcelona e Valência, Badejazz, Universidade de Aveiro, entre outros.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

As digressões europeias com o New Nonet, de Lee Konitz.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Centauri, Fushi, Motor, Slanderous Salamander, Uniteto.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Lançamento de discos: *Motor II*; Centauri *Hades*; Uniteto. Produção em estúdio. Associação Timbuktu.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

New Nonet, de Lee Konitz; Perico Sambeat Elastic Band; Tomasz Stanko.

André Fernandes was born in Lisbon, in 1976.

He studied at the Hot Clube de Portugal and was awarded a scholarship from the Berklee College of Music, in Boston (USA). As an internationally acclaimed artist, he has collaborated over the years with musicians such as Lee Konitz, Mário Laginha, Chris Cheek, Maria João, Cyro Baptista, Ohad Talmor, Perico Sambeat, Tomasz Stanko, Bernardo Sasseti, Dan Weiss, Pete Rende, Bill McHenry, Jochen Rueckert, Perico Sambeat, Jeff Ballard, Julian Argüelles, David Binney, Chris Potter, Avishai Cohen, Eli Degibri, Jorge Rossy, Carlos Barretto, Akiko Pavolka, Jarmo Savolainen, Phil Markowitz and João Paulo Esteves da Silva, among many others.

He was voted jazz musician of the year by the *Público* newspaper, in 2007, and was featured on the Portuguese *jazz.pt* magazine's cover. He is a regular guest of the Orquestra Jazz de Matosinhos, with which he has performed as soloist, as well as in projects with Maria Schneider, Mark Turner, John Hollenbeck, Joshua Redman and Maria Rita, to name but a few. Having performed regularly throughout Europe, the USA and South America, Fernandes has been a member of the Lee Konitz's New Nonet and bands led by Maria João, Perico Sambeat, Nelson Cascais, Mário Laginha and many others. He founded the jazz label Tone of a Pitch, producing dozens of albums documenting a decade of Portuguese jazz, as well as Guimarães Jazz/TOAP Colectivo, which he produced for several years.

Fernandes has released 12 albums as a leader – *O Osso*, *Howler*, *Timbuktu*, *Cubo*, *Imaginário*, *Motor*, *Wonder Wheel*, *Draco*, *Dianho*, *Kinetic*, *What Would You Say?*, and *Pretty Face*, all very well received – and has appeared, as a sideman, on over 40 albums to date.

He is a member of bands such as Chasing Penguins (Belgium) and Lithium (Finland) and leads Centauri, Fushi and Kinetic projects. Besides, he is the leader of the rock band The SPiLL, producing and mixing albums for multiple artists at his Timbuktu studio, in Lisbon. Also an educator, he teaches at the Lisbon College of Music and the University of Évora, giving masterclasses worldwide: Sibelius Academy (Helsinki), Barcelona and Valencia Conservatories, Badejazz and the University of Aveiro, among others.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

European tours with Lee Konitz's New Nonet.

The projects/bands in which you are currently involved:

Centauri, Fushi, Motor, Slanderous Salamander, Uniteto.

Your plans/projects for the future:

Album releases: *Motor II*, Centauri *Hades*, Uniteto. Studio productions. Timbuktu Association.

An international collaboration that you would like to highlight:

Lee Konitz's New Nonet, Perico Sambeat Elastic Band, Tomasz Stanko.



Nascido em 1981, o guitarrista português **André Matos**, natural de Sintra e residente em Nova Iorque desde 2008, tem construído uma carreira sólida ao longo dos últimos 15 anos, contando com 11 álbuns editados em nome próprio. Os últimos oito – *Múquina* (2016), *Nome de Guerra* (2017), *Earth Rescue* (2020), *Casa* (2021), *Estelar* (2021), *Roam Free* (2021), *Ritual* (2022) e *Limbo* (2022) – fazem parte de um ciclo de guitarra solo a que se tem dedicado recentemente, no qual explora as possibilidades das guitarras elétrica e acústica, num contexto que combina composições e improvisações dentro de parâmetros muito próprios, resultando numa sonoridade vincadamente pessoal.

Compõe canções originais e cria atmosferas e paisagens recorrendo tanto a sons de guitarra tradicionais como a efeitos e *loops*. Muito relevantes são também as diversas colaborações na área do jazz que o guitarrista tem desenvolvido, com destaque para a parceria com a cantora Sara Serpa, com quem editou três álbuns amplamente reconhecidos pela imprensa – *Primavera* (2014), *All The Dreams* (2016) e *Night Birds* (2023) –, assim como o seu trio de guitarra, baixo e bateria, nas suas várias formações.

QUESTIONÁRIO:

Um momento assinalável na sua carreira:

O concerto na Festa do Jazz 2009, em quarteto, com George Garzone, Demian Cabaud e Alexandre Frazão.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

New Moon (André Matos & Nathan Blehar), Potions (Yoon Sun Choi, Jeong Lim Yang, André Matos), Marmota (Gonçalo Marques, André Matos), Sara Serpa & André Matos, Sumo (João Carreiro & André Matos), André Matos Trio (Billy Mintz & Leo Genovese) e Directo ao Mar (André Matos, João Hasselberg, João Pereira).

Os seus planos/projetos para o futuro:

Continuar a colaborar com artistas que me desafiem e levem por caminhos suplementares.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O concerto em trio em Brooklyn, com Thomas Morgan e Billy Mintz, em 2017. Os concertos no Hot Clube (2016-2019), também em trio, com Masa Kamaguchi e Devin Gray.

Born in Sintra, in 1981, Portuguese guitarist **André Matos**, based in New York City since 2008, has built a solid career over the last 15 years, having released 11 albums to date. The latest eight – *Múquina* (2016), *Nome de Guerra* (2017), *Earth Rescue* (2020), *Casa* (2021), *Estelar* (2021), *Roam Free* (2021), *Ritual* (2022) and *Limbo* (2022) – are part of a solo guitar cycle on which he has been focusing recently, exploring the possibilities of electric and acoustic guitars, in a context that combines compositions and improvisations within very specific settings, yielding a highly individual sonority.

He composes original songs and creates atmospheres and landscapes using traditional guitar sounds, manipulation effects and looping. His numerous collaborations in the jazz field have also been significant, most notably his partnership with singer Sara Serpa, with whom he has released three critically acclaimed albums – *Primavera* (2014), *All The Dreams* (2016) and *Night Birds* (2023) –, as well as various iterations of his guitar-bass-drums trio.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The concert I gave at the 2009 Festa do Jazz, leading a quartet featuring George Garzone, Demian Cabaud and Alexandre Frazão.

The projects/bands in which you are currently involved:

New Moon (André Matos & Nathan Blehar, Potions (Yoon Sun Choi, Jeong Lim Yang, André Matos, Marmota (Gonçalo Marques, André Matos, Sara Serpa & André Matos, Sumo (João Carreiro & André Matos, André Matos Trio (Billy Mintz & Leo Genovese and Directo ao Mar (André Matos, João Hasselberg, João Pereira.

Your plans/projects for the future:

To keep collaborating with artists who challenge me and lead me through new paths.

An international collaboration that you would like to highlight:

The concert I gave in Brooklyn, in 2017, leading a trio featuring Thomas Morgan and Billy Mintz. The concerts at the Hot Club in Lisbon (2016-2019, also in a trio, featuring Masa Kamaguchi and Devin Gray.



Beatriz Nunes nasceu no Barreiro, em 1988, e iniciou a sua jornada musical em 2012, quando se juntou, como vocalista, ao prestigiado grupo Madredeus. Durante esse período, contribuiu para os álbuns *Essência* (2012) e *Capricho Sentimental* (2015), e fez digressões internacionais de 2012 a 2014, atuando em salas de renome, como o Barbican Centre, em Londres, e a Philharmonie Luxembourg.

Em 2018, lançou o seu primeiro álbum como líder: *Canto Primeiro*, apoiado pela Fundação GDA e pela Antena 2. O disco recebeu elogios do crítico Henning Bolte, que o destacou na edição de setembro da Europe Jazz Media Chart desse mesmo ano. O projeto foi também escolhido para apresentação na Conferência Europeia de Jazz em Lisboa, marcando a sua ascensão internacional. Desde então, Beatriz Nunes tem sido presença assídua em importantes salas e eventos musicais em todo o mundo, incluindo o Misty Fest, em Sintra (2018), o FIGLa, no México (2019), a Sala Zitarrosa, no Uruguai (2019), o Drom, em Nova Iorque (2018), a Nikolausaal, em Potsdam (2020), o Budapest Music Center (2022) e a Novomestská radnice, em Praga (2023).

Em 2021, lançou *À Espera do Futuro*, em parceria com Paula Sousa e André Rosinha, consolidando a sua posição na cena jazzística portuguesa. Mais recentemente, em 2023, lançou o disco *Livro de Horas*, com o apoio da Direção-Geral das Artes. Tem contribuído para vários projetos colaborativos, tais como *In Igma*, de Pedro Melo Alves (2020), e LEIDA, de Mariana Dionísio. E coorganiza o Festival Theia, sob a direção artística de Rita Maria.

Além de vocalista e compositora, Beatriz Nunes é investigadora e professora. Licenciou-se em Jazz na Escola Superior de Música de Lisboa, em 2014, e está atualmente a realizar um doutoramento em Etnomusicologia, na Universidade NOVA de Lisboa. A sua investigação foca-se em jazz, género e performance, contando com artigos em publicações como o *Jazz Research Journal* e editoras como a Routledge.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Ter sido selecionada como vocalista dos Madredeus, em 2011. Destaque do disco *Canto Primeiro* na Europe Jazz Media Chart, em setembro de 2018, pelo crítico Henning Bolte.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

Trio com Paula Sousa e André Rosinha. Livro de Horas (quinteto). LEIDA (*ensemble* de vozes de Mariana Dionísio).

Os seus planos/projetos para o futuro:

Gravação do disco de LEIDA (Mariana Dionísio). Novo disco do trio com Paula Sousa e André Rosinha, previsto para 2025.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Destacaria a colaboração com Eve Risser, Mark Dresser e Aubrey Johnson no projeto *In Igma*, de Pedro Melo Alves (2019), assim como a colaboração com o Chad LB Quartet, com os músicos Holger Marjamaa, Raphael Pannier e Heikko Remmel (2023), e a colaboração com Kepa Junkera no projeto Ath-Thurdâ (2018).

Born in 1988, in Barreiro, **Beatriz Nunes** embarked on her musical journey in 2012, when she joined the renowned group Madredeus as their lead vocalist. During her tenure, she contributed to the albums *Essência* (2012) and *Capricho Sentimental* (2015), and toured internationally from 2012 to 2014, performing in prestigious venues, such as the Barbican Centre, in London, and the Philharmonie Luxembourg.

In 2018, she released her debut album, *Canto Primeiro*, supported by the GDA Foundation and the Antena 2 label. The album garnered attention as it was selected by critic Henning Bolte for the September 2018 edition of the Europe Jazz Media Chart. It was also selected for presentation at the Europe Jazz Network Conference in Lisbon, which marked her international breakthrough. Since then, she has been a regular presence at major music events and venues worldwide, including Misty Fest, in Sintra (2018), FIGLA, in Mexico (2019), Sala Zitarrosa, in Uruguay (2019), Drom, in New York (2018), Nikolaissaal, in Potsdam (2020), Budapest Music Center (2022) and Novomestská radnice, in Prague (2023).

In 2021, she released *À Espera do Futuro*, in partnership with Paula Sousa and André Rosinha, solidifying her standing on the Portuguese jazz scene. More recently, in 2023, she released the album *Livro de Horas*, supported by the Direção-Geral das Artes. She's contributed to various collaborative projects, such as Pedro Melo Alves' *In Igma* (2020) and Mariana Dionísio's LEIDA ensemble. Additionally, she co-organizes the Theia Festival, directed by Rita Maria.

Beyond her career as a composer and performer, Beatriz Nunes is a researcher and teacher. She earned her bachelor's degree in Jazz from the Lisbon College of Music, in 2014, and is pursuing a PhD in Ethnomusicology at the NOVA University of Lisbon. Her research focuses on jazz, gender and performance, having published articles in publications such as the *Jazz Research Journal* and publishers such as Routledge.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

To be selected as the Madredeus' lead vocalist, in 2011. Also, when my debut album, *Canto Primeiro*, was selected by critic Henning Bolte for the Europe Jazz Media Chart, in September 2018.

The projects/bands in which you are currently involved:

A trio with Paula Sousa and André Rosinha. My Livro de Horas quintet. LEIDA (Mariana Dionísio's vocal ensemble).

Your plans/projects for the future:

Recording the album of Mariana Dionísio's LEIDA ensemble. A new trio album with Paula Sousa and André Rosinha will be released in 2025.

An international collaboration that you would like to highlight:

I would highlight the collaboration with Eve Risser, Mark Dresser and Aubrey Johnson in Pedro Melo Alves' *In Igma* album (2019), as well as collaborations with the Chad LB Quartet, featuring Holger Marjaman, Raphael Pannier and Heikko Remmel (2023), and with Kepa Junkera in the Ath-Thurdâ project (2018).



Bernardo Moreira nasceu em Lisboa, em 1965, no seio de uma família com pergaminhos nos meios cultural e jazzístico. É filho de Bernardo Moreira (Binau), engenheiro e contrabaixista do lendário Quarteto do Hot Clube de Portugal e posteriormente presidente da direção do clube, e da poetisa, romancista e ensaísta Yvette Centeno.

Iniciou os seus estudos musicais formais aos 16 anos, tendo frequentado a Academia dos Amadores de Música de Lisboa e estudado com Fernando Flores, Niels-Henning Ørsted Pedersen, Rufus Reid e Reggie Workman. Em meados da década de 1980, fundou, com os seus irmãos Pedro, Miguel (mais tarde substituído ao piano pelo primo), Bernardo Sassetti e João, o grupo Moreiras Jazztet – com o qual participou em vários festivais e concertos por todo país e no estrangeiro e gravou o álbum *Luandando* (Groove/Movieplay), 1995 com o trompetista Freddie Hubbard – e o *Moreiras Quinteto*.

Ao longo do seu vasto percurso, tem tido ensejo de tocar e gravar com uma infinidade de músicos de jazz, como Al Grey, Benny Golson, Bruce Barth, Carl Burnett, Carlo Morena, Conrad Herwig, Curtis Fuller, Daniel Humair, Eddie Henderson, Enrico Rava, Frank Lacy, John Stubblefield, Julian Argüelles, Mark Turner, Norma Winstone, Perico Sambeat, Rick Margitza, Steve Nelson e Wayne Shorter. Entre nós, já tocou com quase toda a gente, do jazz e não só, sendo de destacar a sua longeva relação com o pianista e compositor Mário Laginha, em vários contextos.

Tem acompanhado fadistas e cantores de relevo, como Camané e Cristina Branco. Com Paula Oliveira, homenageou poetas e compositores da música portuguesa nos álbuns *Lisboa que Adormece* (Universal, 2005) e *Fado Roubado* (Universal, 2007). Realizou concertos com inúmeras formações, como a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Big Band do Hot Clube de Portugal, com a qual gravou um álbum para a Polygram (com Benny Golson, Curtis Fuller e Eddie Henderson).

A sua discografia inclui ainda, entre outros, títulos relevantes, como *Encontro em Lisboa*, de Eddie Henderson (Movieplay), 1994, *Tom Maior* (Groove), 1995, de Nanã Sousa Dias, *The Next Music* (Groove), 1996, do trio de Carlo Morena com Rick Margitza, *Tudo Muda*, com Steve Slagle (Movieplay), 1998, *Conferência dos Sons* (Up Beat, 1999), de Paulo Gomes e Fátima Serro, *This Is It* (Numérica, 2008), de André Sarbib, *Guimarães Jazz/TOAP Colectivo Vol. 2* (Tone of a Pitch, 2008), *Espaço* (Clean Feed, 2007), *Mongrel* (ONC, 2010) e *Terra Seca* (ONC, 2013) – estes três do trio de Mário Laginha (o último com a guitarra portuguesa de Miguel Amaral) – e *Iridescente* (Universal, 2012), de Maria João e Mário Laginha.

Em nome próprio, editou dois discos inspirados na música de Carlos Paredes: *Ao Paredes Confesso*, em 2003, e *Entre Paredes* (JACC Records/Terra Series), em 2021. Em 2022, editou *Cantigas de Maio* (JACC Records/Terra Series), com Ricardo Dias no piano, João Neves na voz e André Santos na guitarra, em que abordam temas de José Mário Branco, José Afonso, Fausto e Sérgio Godinho. No mesmo ano, editou ainda *SUL* (JACC Records/Terra Series), num trio com Luís Figueiredo (piano) e Bernardo Couto (guitarra portuguesa).

Tem igualmente desenvolvido atividade na área do ensino, como professor da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal e da Escola Superior de Música de Lisboa.

Um momento assinalável na sua carreira:

Ter tocado com o Wayne Shorter, aquando do Porto – Capital Europeia da Cultura, no Coliseu do Porto, em 2001.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

SUL, trio com Luís Figueiredo no piano e Bernardo Couto na guitarra portuguesa; Entre Paredes, com o meu sexteto; Cantigas de Maio; Mário Laginha Trio e Cristina Branco.

Os seus planos/projetos para o futuro:

O segundo disco do SUL e um novo disco de originais, em 2025.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Ter feito parte da banda de Flora Purim e Airto Moreira, entre 2007 e 2012, tendo tocado em alguns dos maiores festivais de jazz do mundo e em clubes como o Ronnie Scott, Blue Note, Porgy & Bess, entre outros.

BERNARDO MOREIRA

[ENG]

Bernardo Moreira was born in Lisbon, in 1965, to a family with a long history in the cultural and jazz world. He is the son of Bernardo Moreira (Binau), engineer and bassist of the legendary Hot Clube de Portugal Quartet and later president of the club's board, and Yvette Centeno, poet, novelist and essayist.

He began his formal musical studies at the age of 16, attending the Academia dos Amadores de Música de Lisboa, studying with Fernando Flores, Niels-Henning Ørsted Pedersen, Rufus Reid and Reggie Workman. In the mid-80s, he founded the Moreiras Jazztet, with his brothers Pedro, Miguel (later replaced by his cousin, Bernardo Sassetti) and João – with whom he took part in various festivals and concerts throughout Portugal and abroad, and recorded the album *Luandando* (Groove/Movieplay, 1995) with trumpeter Freddie Hubbard – and the Moreiras Quintet.

Throughout his career, he has played and recorded with a multitude of jazz musicians, such as Al Grey, Benny Golson, Bruce Barth, Carl Burnett, Carlo Morena, Conrad Herwig, Curtis Fuller, Daniel Humair, Eddie Henderson, Enrico Rava, Frank Lacy, John Stubblefield, Julian Argüelles, Mark Turner, Norma Winstone, Perico Sambeat, Rick Margitza, Steve Nelson and Wayne Shorter. Likewise, he has played with (virtually) everyone on the Portuguese music scene, from jazz and beyond, and his long-standing relationship with pianist and composer Mário Laginha in various contexts stands out.

He has accompanied prominent fado singers, such as Camané and Cristina Branco. With Paula Oliveira, he paid homage to poets and composers of Portuguese music on the albums *Lisboa que Adormece* (Universal, 2005) and *Fado Roubado* (Universal, 2007). He has performed with numerous groups, namely the Orquestra Metropolitana de Lisboa and the Hot Clube de Portugal Big Band, with which he recorded an album for Polygram (with Benny Golson, Curtis Fuller and Eddie Henderson).

His discography also includes relevant titles, such as Eddie Henderson's *Encontro em Lisboa* (Movieplay, 1994), Nanã Sousa Dias' *Tom Maior* (Groove, 1995), *The Next Music* (Groove, 1996), by Carlo Morena's trio with Rick Margitza, *Tudo Muda*, with Steve Slagle (Movieplay, 1998), *Conferência dos Sons* (Up Beat, 1999), by Paulo Gomes and Fátima Serro, *This Is It* (Numérica, 2008), by André Sarbib, *Guimarães Jazz/TOAP Colectivo Vol. 2* (Tone of a Pitch, 2008), *Espaço* (Clean Feed, 2007), *Mongrel* (ONC, 2010) and *Terra Seca* (ONC, 2013) – these three by Mário Laginha's trio (the last with Miguel Amaral's Portuguese guitar) – and *Iridescente* (Universal, 2012), by Maria João and Mário Laginha.

Under his own name, he released two albums inspired by the music of Carlos Paredes: *Ao Paredes Confesso*, in 2003, and *Entre Paredes* (JACC Records/Terra Series), in 2021. In 2022, he released *Cantigas de Maio* (JACC Records/Terra Series), with Ricardo Dias on piano, João Neves on vocals and André Santos on guitar, in which they cover songs by José Mário Branco, José Afonso, Fausto and Sérgio Godinho. In 2022, he also released *SUL* (JACC Records/Terra Series), in a trio with Luís Figueiredo (piano) and Bernardo Couto (Portuguese guitar).

He has also been active as a teacher at the Hot Clube de Portugal's Luiz Villas-Boas Jazz School and the Lisbon College of Music.

A noteworthy moment in your career:

Playing with Wayne Shorter on the occasion of Porto – European Capital of Culture, at the Porto Coliseum, in 2001.

The projects/bands in which you are currently involved:

SUL, a trio with Luís Figueiredo on piano and Bernardo Couto on Portuguese guitar; Entre Paredes, with my sextet; Cantigas de Maio; Mário Laginha Trio; Cristina Branco.

Your plans/projects for the future:

SUL's second album and a new album of original compositions to be released in 2025.

An international collaboration that you would like to highlight:

Taking part in Flora Purim and Airto Moreira's band from 2007 to 2012, played in some of the world's main jazz festivals and clubs, such as Ronnie Scott, Blue Note and Porgy & Bess.



Carlos Azevedo nasceu em Vila Real, em 1964.

Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música do Porto, em 1982, concluindo a frequência do curso superior de Piano com a Prof.^a Arminda Odete. Frequentou ainda o curso superior de Composição da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), que terminou em 1991. Sete anos depois, obteve um mestrado em Composição na Universidade de Sheffield. Mais tarde, em 2017, concluiu o doutoramento na mesma universidade, sob a orientação do compositor George Nicholson. É professor de Composição na ESMAE desde 1999.

Foi pianista, compositor e arranjador da Orquestra Jazz de Matosinhos durante mais de 25 anos. Várias das suas obras estão gravadas em discos de diferentes intérpretes.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Ter obtido o 1.º prémio do Concurso Internacional de Composição da Brussels Jazz Orchestra (BJO ICC Award).

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Carlos Azevedo Quarteto, Calcanhar (duo com João Mortágua) e MAZAM (quarteto com João Mortágua, Miguel Ângelo e Mário Costa).

Os seus planos/projetos para o futuro:

O lançamento do terceiro álbum do quarteto MAZAM. Um concerto com o meu quarteto e a Orquestra de Jazz de Espinho, com Chris Cheek como convidado.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

As colaborações da Orquestra Jazz de Matosinhos com o saxofonista Chris Cheek, na origem do álbum *OJM Invites Chris Cheek*, e o guitarrista Kurt Rosenwinkel, na origem do álbum *Our Secret World*.

Born in Vila Real, in 1964, **Carlos Azevedo** began his musical studies at the Porto Music Conservatory, in 1982, completing his piano course under the tutelage of Arminda Odete. In 1991, he was awarded his Composition degree at Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE – School of Music and Performing Arts) and, seven years later, his master's degree in Composition at the University of Sheffield, where, later, in 2017, he completed his PhD under the supervision of composer George Nicholson. Since 1999, he has been a professor of Composition at ESMAE.

Over 25 years, he was also a pianist, composer and arranger for the Orquestra Jazz de Matosinhos. Different performers have recorded several of his works.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Winning the Brussels Jazz Orchestra's International Composition Contest.

The projects/bands in which you are currently involved:

Carlos Azevedo Quartet, Calcanhar (duo with João Mortágua) and MAZAM (quartet with João Mortágua, Miguel Ângelo and Mário Costa).

Your plans/projects for the future:

Releasing MAZAM's third album. A concert with my quartet and the Orquestra Jazz de Espinho, featuring Chris Cheek as a guest.

An international collaboration that you would like to highlight:

The Orquestra Jazz de Matosinhos' collaborations with saxophonist Chris Cheek, which led to the release of the album *OJM Invites Chris Cheek*, and guitarist Kurt Rosenwinkel, which led to the release of the album *Our Secret World*.



Carlos «Bechegas» nasceu em Lisboa, em 1957.

Com um percurso multifacetado, estudou durante cinco anos na Escola de Artes Decorativas António Arroio e completou oito anos de Flauta no Conservatório de Música de Lisboa.

Gravou vários discos ao vivo no estrangeiro e tocou em festivais em Paris, Estrasburgo, Bordéus, Londres, Berlim, Nova Iorque e Antuérpia, ao lado de nomes históricos e de referência da cena improvisada internacional, como Derek Bailey, Alexander von Schlippenbach, Han Bennink, Joëlle Léandre, Peter Kowald, Fred van Hove, Barry Guy, William Parker e Phil Minton. Em Portugal, atuou no festival Jazz no Parque, em Serralves, com Derek Bailey, e no Jazz em Agosto, na Fundação Calouste Gulbenkian, com o seu trio openSPEECH.

Com mais de 45 anos de atividade pública, Carlos «Bechegas» estreou-se com um grupo de jazz-rock em 1977, iniciando-se depois no jazz com a Orquestra Girassol, do contrabaixista Zé Eduardo. Participou no grupo Plexus, de Carlos «Zíngaro», colaborou com a performer circense Teresa Ricou e, na década de 1980, integrou os projetos de Carlos Mendes e Jorge Palma, com os quais gravou inúmeros álbuns.

Estudou Composição com Emmanuel Nunes, Jorge Peixinho e Constança Capdeville. Apresentou-se em público com vários espetáculos originais, como o teatro musical Despertando ou o espetáculo multimédia *Metamorfoses*, assim como em concertos a solo ou com o seu trio de improvisação estruturada IK*Zs. Lecionou Educação Visual no ensino oficial durante 46 anos, conta com diversas exposições de fotografia e compõe música para coreografias e vídeo-dança, teatro e programas de televisão sobre arquitetura (Siza Vieira, Gonçalo Byrne, Manuel Graça Dias). Com 14 álbuns editados, produziu sete na sua própria editora, Forward.rec. Orientou *workshops* e seminários sobre música eletrónica, improvisação e técnicas contemporâneas de flauta, nomeadamente no Conservatório de Música de Lisboa e em Bordéus.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

O concerto de flauta solo, em 2002, no Total Music Meeting, em Berlim, festival pioneiro na Europa, em que sempre atuaram os músicos mais relevantes da improvisação. Nesse ano, o programa incluía, entre outros, Cecil Taylor, Alexander von Schlippenbach, Evan Parker e Barry Guy.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

O projeto a solo *flute landscapes*; openDUO, com o pianista João Paulo Esteves da Silva; openSPEECH, com Ulrich Mitzlaff (violoncelo) e Rui Faustino (bateria). E outros, de formação ocasional, em trio e quarteto, para concertos de improvisação total, colaborando com músicos como Ernesto Rodrigues, Guilherme Rodrigues, Carlos Santos ou João Madeira.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Atuar ao vivo e continuar a pesquisa de novas possibilidades expressivas e estéticas da flauta, para editar em disco.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Os concertos e gravações em duo com Derek Bailey, Peter Kowald, Alexander von Schlippenbach, Joëlle Léandre e Barry Guy, entre outros.

CARLOS «BECHEGAS»**[ENG]**

Carlos «Bechegas» was born in Lisbon, in 1957.

With a multifaceted path, he studied for five years at the António Arroio School of Decorative Arts and completed eight years of Flute studies at the Lisbon Music Conservatory.

He recorded several live albums abroad and performed at festivals in Paris, Strasbourg, Bordeaux, London, Berlin, New York and Antwerp, alongside historical and referential names from the international free improvisation scene, such as Derek Bailey, Alexander von Schlippenbach, Han Bennink, Joëlle Léandre, Peter Kowald, Fred van Hove, Barry Guy, William Parker and Phil Minton. In Portugal, he performed at the Jazz no Parque festival, in Serralves, with Derek Bailey, and at the Jazz em Agosto festival, with his trio openSPEECH.

With a career of over 45 years, he started with a jazz-rock band in 1977, later debuting in a jazz context with double bassist Zé Eduardo's Orquestra Girassol. He was a member of Carlos «Zíngaro's» group Plexus, collaborated with circus performer Teresa Ricou and, in the 80s, took part in projects by Carlos Mendes and Jorge Palma, with whom he recorded several albums.

«Bechegas» studied Composition with Emmanuel Nunes, Jorge Peixinho and Constança Capdeville. He has performed live, presenting many original shows, including the musical theatre Despertando or the multimedia performance Metamorfoses, as well as in solo concerts or with his structured improvisation trio IK*Zs. He taught Visual Education in public schools for 46 years, has several photography exhibitions and composes music for choreography and video dance, theatre and television programs about architecture (Siza Vieira, Gonçalo Byrne, Manuel Graça Dias).

«Bechegas» has released 14 albums, seven of which by his label Forward.rec. He has conducted workshops and seminars on electronic music, improvisation and contemporary flute techniques at the Lisbon Conservatory and in Bordeaux.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

My solo flute concert at the 2002 Total Music Meeting, in Berlin, a pioneering European festival, in which the most important free improvising musicians have always performed. That year, the programme included names such as Cecil Taylor, Alexander von Schlippenbach, Evan Parker and Barry Guy.

The projects/bands in which you are currently involved:

My solo project *flute landscapes*; openDUO, with pianist João Paulo Esteves da Silva; openSPEECH, with Ulrich Mitzlaff (cello) and Rui Faustino (drums). And other occasional free improvising trios and quartets with musicians such as Ernesto Rodrigues, Guilherme Rodrigues, Carlos Santos or João Madeira.

Your plans/projects for the future:

With a recording in mind, I plan to perform live and explore new expressive and aesthetic possibilities for the flute.

An international collaboration that you would like to highlight:

Duo concerts and recordings with Derek Bailey, Peter Kowald, Alexander von Schlippenbach, Joëlle Léandre and Barry Guy, among others.



Nascido em Lisboa, em 1958, e residente há várias décadas em Berlim, **Carlos Bica** é um dos mais prolíficos e singulares artistas portugueses e uma referência do jazz europeu. Conhecido pelo seu lirismo e som de contrabaixo, Bica pode escrever melodias que são essencialmente canções sem palavras, encantatórias e inesquecíveis. Entre os vários projetos musicais que lidera, e além das participações noutras áreas, como a dança, o teatro e o cinema, o seu trio AZUL, com o guitarrista Frank Möbus e o baterista Jim Black, transformou-se na imagem de marca do contrabaixista e compositor. Com o passar dos anos, têm nascido outros projetos registados discograficamente, como *Diz*, *Single*, *Matéria-Prima*, *I Am The Escaped One* ou o mais recente *Playing with Beethoven*, que recebeu enormes elogios da crítica internacional, tendo sido nomeado para o Preis der Deutschen Schallplattenkritik como um dos melhores álbuns de 2023.

Quando se fala da música de Carlos Bica, a crítica costuma salientar a forma como nela se interpenetram referências de diferentes universos, da música erudita contemporânea à folk, ao rock, ao jazz, às músicas improvisadas – o que corresponde, como seria natural, à própria trajetória do músico-compositor, que aprendeu a tocar contrabaixo na Academia dos Amadores de Música e na Escola Superior de Música de Würzburg, na Alemanha.

Carlos Bica foi membro da Orquestra de Câmara de Lisboa e também de diversas orquestras de câmara alemãs, como a Bach Kammerorchester e a Wernecker Kammerorchester. Fez muita música improvisada, durante anos tocou com a cantora Maria João, trabalhou e gravou na área da música popular portuguesa com Carlos do Carmo, José Mário Branco, Camané, Janita Salomé, Pedro Caldeira Cabral e Cristina Branco e colaborou com músicos como Ray Anderson, Kenny Wheeler, Aki Takase, Kurt Rosenwinkel, John Zorn, Lee Konitz, Mário Laginha, Matthias Schubert, Claudio Puntin, João Paulo Esteves da Silva, Gebhard Ullmann, David Friedman, Ulrike Haage, Alexander von Schlippenbach, John Ruocco, Daniel Erdmann, DJ Illvibe, entre outros.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

O ano de 1981, quando recebi uma bolsa de estudo do governo alemão (DAAD – Deutscher Akademischer Austauschdienst) para continuar os meus estudos musicais na Alemanha e que me permitiu alargar os horizontes musicais e ser o músico que sou hoje.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Como líder: *Playing with Beethoven*; Carlos Bica Quartet; Maria João & Carlos Bica Quartet; *I Am the Escaped One*; Carlos Bica & AZUL; Carlos Bica SINGLE. Como *sideman*: Aki Takase *Japanic*; Move String Quartet.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Gravar novos álbuns com os meus diferentes projetos e realizar concertos em Portugal e no estrangeiro.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira

A colaboração com Frank Möbus e Jim Black, que tive a oportunidade de conhecer nos anos 90, aquando dos meus estudos de música na Alemanha, foi a razão para o nascimento do meu trio AZUL, formação reconhecida internacionalmente e que, passados 30 anos e com vários álbuns editados, ainda mantém a sua formação original e é considerada um marco na história do jazz português.

CARLOS BICA**[ENG]**

Born in Lisbon, in 1958, and based in Berlin for several decades, **Carlos Bica** is one of Portugal's most prolific and distinctive sound artists, and a key figure in European jazz. Known for his lyrical tone on the double bass, Bica can write melodies that are essentially wordless songs, haunting and unforgettable.

Among the several musical projects he leads, along with various dance, theatre and film undertakings, his trio AZUL, with guitarist Frank Möbus and drummer Jim Black, has become his trademark as a bass player and composer. Over the years, he has developed and recorded other projects, such as *Diz*, *Single*, *Matéria-Prima*, *I Am The Escaped One* or *Playing with Beethoven*. The latter was highly acclaimed by the international press, having been nominated for the 2023 Preis der Deutschen Schallplattenkritik.

When speaking of Bica's music, critics usually emphasize his ability to merge elements from different universes, namely contemporary classical music, folk, rock, jazz and improvised music – this is, of course, the result of his own path as a musician-composer, who studied double bass at the Academia dos Amadores de Música, in Lisbon, and the HfM Würzburg, in Germany.

Bica was a member of the Lisbon Chamber Orchestra, as well as of various German chamber orchestras, such as the Bach Kammerorchester and the Wernecker Kammerorchester. He has been regularly involved in improvised music, played with singer Maria João for many years, worked in the field of Portuguese popular music with Carlos do Carmo, José Mário Branco, Camané, Janita Salomé, Pedro Caldeira Cabral and Cristina Branco, and collaborated with musicians such as Ray Anderson, Kenny Wheeler, Aki Takase, Kurt Rosenwinkel, John Zorn, Lee Konitz, Mário Laginha, Matthias Schubert, Claudio Puntin, João Paulo Esteves da Silva, Gebhard Ullmann, David Friedman, Ulrike Haage, Alexander von Schlippenbach, John Ruocco, Daniel Erdmann, DJ Illvibe, among others.

Q&A**A noteworthy moment in your career:**

In 1981, I received a grant from the German government (DAAD – German Academic Exchange Service) to pursue my musical studies in Germany. This allowed me to broaden my musical horizons and become the musician I am today.

The projects/bands in which you are currently involved:

As a leader: *Playing with Beethoven*; Carlos Bica Quartet; Maria João & Carlos Bica Quartet; *I Am the Escaped One*; Carlos Bica & AZUL; Carlos Bica SINGLE. As a sideman: Aki Takase *Japanic*; Move String Quartet.

Your plans/projects for the future:

I want to record new albums with my different projects and give concerts in Portugal and abroad.

An international collaboration that you would like to highlight:

The collaboration with Frank Möbus and Jim Black, whom I had the chance to meet in the 90s, during my musical studies in Germany, gave rise to my trio AZUL, an internationally acclaimed band, which, 30 years later and having released several albums, preserves its original line-up and is considered a landmark in the history of Portuguese jazz.



Carlos Martins é saxofonista tenor e compositor. Nasceu em Grândola, em 1961. Como músico, produziu, entre outros, três discos inovadores no jazz português, afastando-se do jazz tradicional e aproximando-se das músicas à sua volta: *Sempre* – a partir das músicas de intervenção da Revolução dos Cravos; *Do Outro Lado* – inspirado numa viagem atlântica entre o fado, a morna e o choro; e, em 2024, *Vagar* – que, pela primeira vez, junta o cante alentejano ao jazz, sob a influência da cultura mediterrânica.

Estudou música na Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense, no Conservatório Nacional e com George Garzone, em Nova Iorque. Tocou com músicos como Cindy Blackman Santana, Zé Eduardo, Tete Montoliu, Don Pullen, Carlos Santana, Bernardo Sassetti, Bill Goodwin, João Paulo Esteves da Silva, entre outros. Compôs música para cinema e dança e trabalhou com Constança Capdeville no grupo de teatro musical Colectiva. Com um som distintivo de saxofone e uma forma única de escutar o mundo à sua volta, tem sido um grande impulsionador da comunidade nacional do jazz e um promotor do jazz português na Europa.

Criou o programa de rádio *Sem Ensaio*, realizou o documentário *O Som de Lisboa* (sobre o modo como o som e a música podem influenciar a vida nas cidades) e é presidente da Associação Sons da Lusofonia, que organiza, entre outros, os festivais Festa do Jazz e Lisboa Mistura. Há mais de 30 anos que cria e produz projetos socioculturais e artísticos que se tornaram um marco na cultura portuguesa.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Um dos melhores momentos da minha vida musical foi a realização do projeto *Do Outro Lado*, com Bernardo Sassetti e a Orquestra Sinfonietta de Lisboa. Esse momento foi assinalável porque expandiu a minha natural tendência para misturar géneros musicais e alargou a minha ideia de georreferenciação musical ao espaço da lusofonia através do Atlântico, recompondo as suas sonosferas.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Neste momento, e continuando o trajeto referido antes, gravei o disco *Vagar* (difícil de traduzir, tal como a palavra «saudades»), em que abordo o cante alentejano (das minhas origens) de forma nunca antes feita. *Vagar* é um manifesto pela desaceleração. É um gesto para a preservação e reinvenção do cante e da tradição oral. Estou também a desenvolver um projeto em trio (por vezes com a adição de um quarto elemento, um instrumento harmónico ou de sopro) para trabalhar uma série de ritmos do mundo que todos reconhecemos quase instantaneamente, acrescentando-lhes melodias e estruturas harmónicas imprevisíveis, que permitam improvisar em várias direções.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Toda a minha produção futura andarà à volta da escuta e de ambientes sónicos (*sonic environment*) que possam ajudar a recompor, em conjunto, o mundo onde vivemos: como músico, como produtor e como indivíduo que trabalha com coletivos. Estou muito interessado em perceber como aplicar o conhecimento existente sobre o som e a música, tocada e composta, enquanto «instrumentos» que ajudem ao bem-estar das pessoas à nossa volta e, assim, continuar a escrever música e outras formas que humanizem as nossas sociedades. Importa reabilitar o «ser auditivo», que se encontra imensamente perdido no «ser visual» e nas aparências que este cria. Importa escutar os outros e a natureza, que está doente.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Fiz o meu primeiro disco depois de ter conhecido a baterista Cindy Blackman numa *jam session* com Bud Powell, em Lisboa. Quando acabámos de tocar, decidimos gravar algo juntos. Gravámos pouco depois, em Lisboa, com Bernardo Sasseti e Carlos Barretto, o CD *Passagem*, que saiu na editora alemã Enja. Foi a minha passagem à maioria musical (embora já tivesse gravado antes) como autor e líder. Ainda hoje somos amigos, eu e a agora Cindy Blackman Santana.

CARLOS MARTINS

[ENG]

Tenor saxophonist and composer, **Carlos Martins** was born in Grândola (Alentejo), in 1961.

As a musician-composer, he has produced, among others, three groundbreaking Portuguese jazz albums, moving away from traditional jazz and embracing sonorities from his own cultural environment: *Sempre* – which revisits protest songs from the Carnage Revolution; *Do Outro Lado* – inspired by sounds of the Atlantic area such as Portuguese fado, Cape Verdean morna and Brazilian choro; and, in 2024, *Vagar* – which, for the first time, brings together cante alentejano and jazz, under the influence of Mediterranean culture.

He studied music at the Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense, the National Conservatory, as well as with George Garzone, in New York City. He has played with musicians such as Cindy Blackman Santana, Zé Eduardo, Tete Montoliu, Don Pullen, Carlos Santana, Bernardo Sasseti, Bill Goodwin, João Paulo Esteves da Silva, among others. He has composed music for film and dance, and worked with Constança Capdeville in the context of the Colectiva musical theatre group. With a distinctive saxophone sound and a unique way of listening to the world around him, has been a great driving force in the national jazz community and a promoter of Portuguese jazz in Europe.

He founded the radio show *Sem Ensaio*, directed the documentary *O Som de Lisboa* (about the ways in which sound and music can influence city life) and is the president of the Sons da Lusofonia Association, which organizes, among others, festivals such as Festa do Jazz and Lisboa Mistura. He has devoted himself, for over 30 years, to the creation and production of sociocultural and artistic projects that have become landmarks in Portuguese culture.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

One of the best moments of my career was the project *Do Outro Lado*, featuring Bernardo Sasseti and the Lisbon Sinfonietta Orchestra. This was a noteworthy moment, for it expanded my natural tendency to mix musical genres and broadened my conception of musical geo-referencing so as to encompass the Portuguese-speaking countries (Lusophone sphere) through the Atlantic area, reconceiving its soundscapes.

The projects/bands in which you are currently involved:

Following up on the aforementioned path, I have just recorded the album *Vagar* (a tough word to translate, just like «saudade»), in which I approach cante alentejano (a genre of purely vocal music from the Alentejo region, where I come from) unprecedentedly. *Vagar* is a manifesto for deceleration. It aims at the preservation and reinvention of cante and oral tradition. I'm also developing a trio project (sometimes with a guest, either a harmonic or a wind instrument) to work on various world rhythms, which we all instantly recognise, combining them with unpredictable melodies and harmonic structures that allow us to improvise in several directions.

Your plans/projects for the future:

All my future work will revolve around listening and sonic environments that could help regroup the world in which we live together: as a musician, a producer and an individual who works in collectives, I'm very interested in understanding how to apply our current knowledge of sound and music, performed and composed, as «instruments» that can promote the well-being of people around us and so keep on writing music and other forms that may contribute to humanizing our societies. We need to rehabilitate the «aural being», submerged mainly by the «visual being» and lost in the appearances created by the latter. We need to listen to others and nature, which is sick.

An international collaboration that you would like to highlight:

I recorded my first album after meeting drummer Cindy Blackman in a jam session with Bud Powell, in Lisbon. When we resumed playing, we decided to record together. Soon after, we recorded the album *Passagem*, with Bernardo Sasseti and Carlos Barretto, released by the German label Enja Records. Although I had already recorded before, this was, musically speaking, my transition into adulthood as a composer and leader. Cindy (now Cindy Blackman Santana) and I have remained friends to this day.



Com uma carreira de mais de 60 anos, enquanto músico, compositor e artista visual, **Carlos «Zíngaro»** tem formação clássica em violino e uma extensa prática nas artes experimentais: desenvolveu múltiplas colaborações com alguns dos maiores nomes da «nova música» mundial, incluindo improvisadores e compositores como Barre Phillips, Derek Bailey, Joëlle Léandre, Evan Parker, Mark Dresser, Fred Frith, Richard Teitelbaum ou George Lewis, marcando presença frequente em festivais internacionais. Nasceu em Lisboa, em 1948.

Pioneiro, em Portugal, na utilização das novas tecnologias na composição e interação em tempo real, assim como na relação som/movimento e na composição imediata, particularmente notórios em muito do seu trabalho como compositor de cena, sobretudo para dança e teatro, Carlos «Zíngaro» trabalhou com muitos dos principais encenadores e coreógrafos nacionais. E integrou a Orquestra Universitária de Música de Câmara, dirigida pelo maestro Ivo Cruz.

Tirou o curso superior de Design de Cena na Escola Superior de Teatro e Cinema, em 1976. Em 1978, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, foi residente nos primeiros encontros internacionais de «teatro-música», dirigidos pelo compositor Richard Misiek, em Wrocław (Polónia). No ano seguinte, ganhou uma bolsa Fulbright, tendo sido residente na Creative Music Foundation, em Woodstock (Nova Iorque), dirigida pelo compositor Karl Berger. Em 2010, foi residente na Civitella Ranieri Foundation (Itália), com uma bolsa da mesma fundação.

Carlos «Zíngaro» está na origem de grupos como Plexus (1967), do grupo de teatro Os Cómicos (1974) e da associação Granular (2002). Tem uma discografia de mais de 60 títulos, maioritariamente em edições internacionais.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Os encontros com Steve Lacy, em 1977, e com Richard Teitelbaum, em 1978.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

HEDERA 4tet, com David Alves (violino e eletrónica), Bernardo Aguiar (violino e eletrónica) e Francisco Lima (violino e eletrónica). SUONI 4tet, com Joëlle Léandre (contrabaixo e voz), Sebi Tramontana (trombone) e Thomas Lehn (sintetizador). Solos acústicos ou eletroacústicos. Trio com Wilbert de Joode (contrabaixo) e Dominique Regef (sanfona). Turquoise Dream, com Marta Warelis (piano), Helena Espvall (violoncelo) e Marcelo dos Reis (guitarra). Duo com João Madeira (contrabaixo). E haverá sempre muitos outros...

Os seus planos/projetos para o futuro:

Fazer música até ao fim.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Golem: *An Interactive Opera*, de Richard Teitelbaum.

With a career spanning over 60 years, as a musician, composer and visual artist, **Carlos «Zíngaro»** is a classically trained violinist and an experienced practitioner of experimental arts: he has developed several collaborations with some of the world's most renowned «new music» figures, including improvising musicians and composers such as Barre Phillips, Derek Bailey, Joëlle Léandre, Evan Parker, Mark Dresser, Fred Frith, Richard Teitelbaum or George Lewis, being a regular presence at international festivals. He was born in Lisbon, in 1948.

In Portugal, he was a pioneer of composition and real-time interaction using emerging technologies, as well as of spontaneous composition and exploration of the sound/movement relation. In this context, his work as a composer for dance and theatre is especially noteworthy – he has collaborated with many of the main Portuguese stage directors and choreographers. He was a member of the Orquestra Universitária de Música de Câmara, conducted by Ivo Cruz.

In 1976, he completed a degree in Stage Design at the Lisbon Theatre and Film School. In 1978, thanks to a grant from the Calouste Gulbenkian Foundation, he took part in the 1st Instrumental Theatre Meeting, directed by composer Richard Misiek, in Wrocław (Poland). The following year, he was offered a Fulbright grant for a residency at the Creative Music Foundation, in Woodstock (NYC), directed by composer Karl Berger. In 2010, he was a fellow of the Civitella Ranieri Foundation (Italy).

«Zíngaro» was a founding member of bands such as Plexus (1967), the theatre group Os Cômicos (1974) and the Granular association (2002). His discography includes over 60 albums, mostly released on international labels.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Playing with Steve Lacy, in 1977, and Richard Teitelbaum, in 1978.

The projects/bands in which you are currently involved:

HEDERA 4tet, with David Alves (violin and electronics), Bernardo Aguiar (violin and electronics) and Francisco Lima (violin and electronics). SUONI 4tet, with Joëlle Léandre (double bass and voice), Sebi Tramontana (trombone) and Thomas Lehn (synth). Acoustic and electro-acoustic solos. A trio with Wilbert de Joode (double bass) and Dominique Regef (hurdy- gurdy). Turquoise Dream, with Marta Warelis (piano), Helena Espvall (cello) and Marcelo dos Reis (guitar). Duo with João Madeira (double bass). And a few more.

Your plans/projects for the future:

To make music until the very end.

An international collaboration that you would like to highlight:

Richard Teitelbaum's Golem: *An Interactive Opera*.



Demian Cabaud nasceu em Buenos Aires (Argentina), em 1977, numa família em que não havia músicos. A música foi algo que descobriu sozinho, aos 11 anos, e em que mergulhou imediatamente.

Mais tarde, apaixonou-se pelo som do contrabaixo, começando a estudar com Hernán Merlo, Miguel Angel Villarroel e, depois, com Alejandro Erlich Oliva. Em 2001, mudou-se para Boston (Massachusetts), após ter recebido uma bolsa de estudos da Berklee College of Music, na qual terminaria o curso em maio de 2003. Aí, aprendeu com grandes mestres e começou a atuar com uma série de músicos talentosos. Veio pela primeira vez a Portugal durante uma digressão, acabando por se estabelecer em Lisboa, em 2004. Sete anos mais tarde, mudou-se para o Porto, onde ainda hoje vive com a sua família. Artista muito ativo, tocou e gravou com músicos como Lee Konitz, Joe Lovano, Chris Cheek, Mark Turner, Bill Mchenry, Rich Perry, Rick Margitza, Seamus Blake, Ohad Talmor, Miguel Zenón, Perico Sambeat, David Schnitter, Maria Schneider, Kurt Rosenwinkel, Gilad Hekselman, Phil Grenadier, Darren Barrett, Russ Johnson, Jason Palmer, Jason Moran, Bill Carrothers, Leo Genovese, Bernardo Sassetti, Albert Sanz, Mário Laginha, Maria Rita, Maria João, Theo Bleckmann, Sheila Jordan, Ra Kalam Bob Moses, Jeff Williams, John Riley, Jorge Rossy, Gerald Cleaver, Francisco Mela, Dan Weiss, Ari Hoenig, John Hollenbeck, entre muitos outros.

É professor no programa de mestrado da academia Siena Jazz, em Itália, e membro regular da prestigiada Orquestra Jazz de Matosinhos há mais de 20 anos. Já participou em mais de 70 discos e lançou vários enquanto líder: *Naranja* (TOAP, 2008), *Ruínas* (TOAP, 2010), *How about you?* (TOAP, 2011), *En Febrero* (Fresh Sound New Talent, 2013), *Off the ground* (Robalo, 2016), *Astah* (Carimbo Porta-Jazz, 2018), *A terra é de quem trabalha* (Carimbo Porta-Jazz, 2018), *Aparición* (Carimbo Porta-Jazz, 2019), *Otro cielo* (Carimbo Porta-Jazz, 2021) e *Árbol adentro* (Carimbo Porta-Jazz, 2024).

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A digressão que fiz na Europa com o New Nonet, de Lee Konitz. Tocar e gravar com Kurt Rosenwinkel.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Demian Cabaud Quinteto. Bode Wilson. André Fernandes *Motor II*. Gonçalo Marques/John O’Gallagher/Demian Cabaud/Jeff Williams. Leo Genovese Trio.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Continuar a tocar com o meu grupo, compor mais música, tocar com músicos que me inspiram e desenvolver com eles novos projetos.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O trio do pianista Leo Genovese, seja com Francisco Mela, Jeff Williams ou Marcos Cavaleiro na bateria.

Demian Cabaud was born in Buenos Aires (Argentina), in 1977, into a non-musical family. He discovered music independently, at the age of 11, quickly devoting himself to it.

At some point, he fell in love with the double bass sound, which he started studying with Hernán Merlo, Miguel Angel Villarroel and, later, Alejandro Erlich Oliva. In 2001, he moved to Boston (Massachusetts), after being granted a scholarship by the Berklee College of Music, in which he graduated, in May 2003. There, he studied with great masters and started performing with many talented musicians. Having visited Portugal during a tour, he would eventually establish himself in Lisbon, in 2004. Seven years later, he moved to Porto, where he still lives with his family. A very active artist, Cabaud has played and recorded with Lee Konitz, Joe Lovano, Chris Cheek, Mark Turner, Bill McHenry, Rich Perry, Rick Margitza, Seamus Blake, Ohad Talmor, Miguel Zenón, Perico Sambeat, David Schnitter, Maria Schneider, Kurt Rosenwinkel, Gilad Hekselman, Phil Grenadier, Darren Barrett, Russ Johnson, Jason Palmer, Jason Moran, Bill Carrothers, Leo Genovese, Bernardo Sasseti, Albert Sanz, Mário Laginha, Maria Rita, Maria João, Theo Bleckmann, Sheila Jordan, Ra Kalam Bob Moses, Jeff Williams, John Riley, Jorge Rossy, Gerald Cleaver, Francisco Mela, Dan Weiss, Ari Hoenig, John Hollenbeck, among many others.

He teaches at the Siena Jazz Masters Programme, in Italy, and has been a regular member of the renowned Orquestra Jazz de Matosinhos over the last 20 years. He appears in over 70 records and has released several as a leader: *Naranja* (TOAP, 2008), *Ruínas* (TOAP, 2010), *How about you?* (TOAP, 2011), *En Febrero* (Fresh Sound New Talent, 2013), *Off the ground* (Robalo, 2016), *Astah* (Carimbo Porta-Jazz, 2018), *A terra é de quem trabalha* (Carimbo Porta-Jazz, 2018), *Aparición* (Carimbo Porta-Jazz, 2019), *Otro cielo* (Carimbo Porta-Jazz, 2021) and *Árbol adentro* (Carimbo Porta-Jazz, 2024).

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Touring in Europe with Lee Konitz's New Nonet. Playing and recording with Kurt Rosenwinkel.

The projects/bands in which you are currently involved:

Demian Cabaud Quintet. Bode Wilson. André Fernandes *Motor II*. Gonçalo Marques/John O'Gallagher/Demian Cabaud/Jeff Williams. Leo Genovese Trio.

Your plans/projects for the future:

I want to keep playing with my band, compose more music, play with musicians who inspire me and develop new projects with them.

An international collaboration that you would like to highlight:

Pianist Leo Genovese's trio, with either Francisco Mela, Jeff Williams or Marcos Cavaleiro on drums.



Desidério Lázaro nasceu em Faro, em 1982.

Iniciou os seus estudos de flauta aos 6 anos de idade, mudando para o clarinete aos 10. Estudou música clássica nos conservatórios de Faro e Setúbal, onde foi aluno de Paulo Gaspar, e foi membro da Orquestra Clássica Juvenil do Algarve, da Orquestra de Metais do Algarve, da Camerata Musical do Barreiro e de diversas bandas filarmónicas e agrupamentos de música de câmara. Em 2002, ingressou no estudo do jazz e do saxofone no Hot Clube de Portugal, novamente com Paulo Gaspar e com Pedro Moreira. Dois anos mais tarde, emigrou para os Países Baixos, onde terminou com mérito a licenciatura em Jazz no Conservatório de Amesterdão, no qual teve oportunidade de estudar com Ferdinand Povel, Jasper Bloom e Dick Oatts. Em 2013, terminou o mestrado em Jazz Performance na Escola Superior de Música de Lisboa. Pelo caminho, fez centenas de concertos por todo o país e no estrangeiro (Espanha, Alemanha, Holanda, Bélgica, Áustria, Itália e Macau).

A par da sua atividade como músico, Desidério Lázaro leciona na Escola Superior de Música de Lisboa e na Universidade Lusíada de Lisboa. Apresenta-se em variadíssimas formações, que vão do jazz mais tradicional a vertentes mais contemporâneas (pop, funk, fusão), tendo já tocado com nomes como Mário Laginha, Maria João, Carlos Barretto, André Fernandes, Alexandre Frazão, assim como Rui Veloso, Luís Represas, Miguel Ângelo, The Black Mamba, Mafalda Veiga, Carlos do Carmo e B Fachada, entre outros.

Como autor, tem apresentado os seus projetos nos principais festivais de jazz portugueses e salas de espetáculo do país. Iniciou-se nas edições discográficas em 2010, com *Rotina Impermanente*. O seu mais recente trabalho, *MicrUS* (Sintoma, 2023), tem recebido críticas muito favoráveis e também várias nomeações para Disco Nacional do Ano na área do jazz.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Ter tocado com Maria João e Mário Laginha.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Desidério Lázaro Trio *MicrUs*. Desidério Lázaro Standards Trio. Anna Lundqvist Lisboa Cinco. Jangada. Nuno Tavares Quarteto.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Continuar a lançar discos com música original. Fazer um podcast sobre jazz português.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Nada a assinalar.

Born in Faro, in 1982, **Desidério Lázaro** began his flute studies at the age of 6, switching to the clarinet when he was 10.

He studied classical music at the conservatories of Faro and Setúbal, where he was a student of Paulo Gaspar, and was a member of the Algarve Youth Classical Orchestra, the Algarve Brass Orchestra, the Barreiro Musical Camerata and various philharmonic bands and chamber music groups. In 2002, he began studying jazz and saxophone at the Hot Clube de Portugal, again with Paulo Gaspar and Pedro Moreira. Two years later, he moved to the Netherlands, where he graduated with honours in Jazz at the Amsterdam Conservatory, in which he had the opportunity to study with Ferdinand Povel, Jasper Bloom and Dick Oatts. In 2013, he completed a master's degree in Jazz Performance at the Lisbon College of Music. Meanwhile, he has given hundreds of concerts throughout the country and abroad (Spain, Germany, Netherlands, Belgium, Austria, Italy and Macau).

Alongside his career as a musician, Desidério Lázaro teaches at the Lisbon College of Music and the Lusíada University of Lisbon. He performs in various ensembles, ranging from traditional jazz to more contemporary styles (pop, funk, fusion), having played with musicians such as Mário Laginha, Maria João, Carlos Barretto, André Fernandes, Alexandre Frazão, as well as Rui Veloso, Luís Represas, Miguel Ângelo, The Black Mamba, Mafalda Veiga, Carlos do Carmo and B Fachada, among others.

As a composer, he has presented his projects at the main Portuguese jazz festivals and concert halls. He released his debut album, *Rotina Impermanente*, in 2010. His most recent work, *MicrUs* (Sintoma, 2023), has received positive reviews and several National Jazz Album of the Year nominations.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Playing with Maria João and Mário Laginha.

The projects/bands in which you are currently involved:

Desidério Lázaro Trio *MicrUs*. Desidério Lázaro Standards Trio. Anna Lundqvist Lisboa Cinco. Jangada. Nuno Tavares Quartet.

Your plans/projects for the future:

To keep releasing albums with my compositions. To start a podcast devoted to Portuguese jazz.

An international collaboration that you would like to highlight:

None.



Nascido em Leiria, em 1993, **Eduardo Cardinho** é um vibrafonista e compositor residente no Porto, que trabalha em simultâneo entre o jazz e a música improvisada, a música erudita e a música eletrónica.

Destacando-se como um dos vibrafonistas mais criativos da sua geração, conhecido pela sua abordagem rítmica e sonoridade única, desenvolveu, ao longo dos anos, uma voz própria no seu instrumento. Licenciou-se em Vibrafone Jazz pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto, onde estudou com Jeffery Davis. Posteriormente, concluiu, com nota máxima, o mestrado no Conservatorium van Amsterdam, onde teve como professores Harmen Fraanje, Jesse Van Ruller e Rachel Zhang.

Conta com três álbuns gravados em nome próprio – *Black Hole*, *In Search of Light* e *Not Far From Paradise* –, aclamados pela crítica, e mais de uma dezena de álbuns como *sideman*. Recebeu o prémio de Melhor Instrumentista na Festa do Jazz em 2014 e venceu, em 2016, o prestigiado Prémio Jovens Músicos na categoria de Combo Jazz, com o grupo Home, de João Barradas. Apresentou-se como solista convidado com a Orquestra de Jazz de Matosinhos, a Orquestra de Jazz de Espinho, a Big Band de Estarreja e a Orquestra de Jazz de Leiria, e partilhou o palco com vários músicos de renome, como Hermon Mehari, Seamus Blake, Julian Argüelles, Allan Mednard, David Binney, Ben van Gelder, Melissa Aldana, Andrew D'Angelo, Ben Street, Xavi Torres, Carlos Bica, Frederico Heliodoro, entre outros.

É atualmente docente na Universidade de Aveiro e na Escola Profissional de Música de Espinho e tem sido convidado para lecionar masterclasses em Portugal e no estrangeiro.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A gravação do meu terceiro álbum, *Not Far From Paradise*. Fiquei muito satisfeito com o resultado e orgulho-me de o ter feito com músicos da nova geração do jazz português.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Eduardo Cardinho *Not Far From Paradise*. Carlos Bica Quarteto. Nelson Cascais Quinteto. Raul Misturada.

Os seus planos/projetos para o futuro:

O meu grande objetivo para o futuro é conseguir internacionalização com o meu mais recente projeto, *Not Far From Paradise*. Penso que este projeto tem muito potencial para tocar no estrangeiro, tem uma massa sonora enorme, e existe um grande entrosamento entre todos os elementos da banda. Ao mesmo tempo, quero continuar a criar novos projetos com música original, tentando sempre fazer coisas diferentes das que fiz até hoje. Em particular, explorar a fusão do jazz com música eletrónica e sintetizadores.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O concerto com Seamus Blake no Festival de Jazz do Palácio Real de Madrid.

Born in Leiria, in 1993, **Eduardo Cardinho** is a vibraphonist, composer and producer based in Porto, who works simultaneously in jazz and improvisation, classical music and electronic music.

Standing out as one of the most creative vibraphonists of his generation, known for his rhythmic approach and unique sound, Cardinho has developed a personal voice and technique on his instrument over the years. He graduated in Jazz Vibraphone at the Porto School of Music and Performing Arts, in which he studied with Jeffery Davis. He later completed, with cum laude distinction, a master's degree at the Conservatorium van Amsterdam, in which he had Harmen Fraanje, Jesse van Ruller and Rachel Zhang as teachers.

He has recorded three albums as a leader – *Black Hole*, *In Search of Light* and *Not Far From Paradise* –, with critical acclaim, and over a dozen albums as a sideman. In 2014, he was distinguished with the prize for Best Musician at the Festa do Jazz in Lisbon and, in 2016, was awarded the Young Musicians Prize in the Jazz Combo category, as part of João Barradas – group Home. He performed as a guest soloist with the renowned Orquestra de Jazz de Matosinhos, as well as with the Orquestra de Jazz de Espinho, the Estarreja Big Band or the Leiria Jazz Orchestra, and has shared the stage with musicians such as Hermon Mehari, Seamus Blake, Julian Argüelles, Allan Mednard, David Binney, Ben van Gelder, Melissa Aldana, Andrew D'Angelo, Ben Street, Xavi Torres, Carlos Bica, Frederico Heliodoro, among others.

Currently, he teaches at the University of Aveiro and the Espinho Professional Music School and has been invited to give masterclasses in Portugal and abroad.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The recording of my third album, *Not Far From Paradise*. I'm very happy with the result and proud of having achieved it alongside musicians from the new generation of Portuguese jazz.

The projects/bands in which you are currently involved:

Eduardo Cardinho *Not Far From Paradise*. Carlos Bica Quartet. Nelson Cascais Quintet. Raul Misturada.

Your plans/projects for the future:

My primary goal is to achieve an international breakthrough with my *Not Far From Paradise* project. I believe this project has a lot of potential to play abroad: its sonic mass is huge, and there's a great rapport between all the band's members. Meanwhile, I would like to keep developing new projects, always trying to do things that are different from what I have done so far. In particular, I'm looking to explore the fusion between jazz, electronic music and synthesizers.

An international collaboration that you would like to highlight:

The concert with Seamus Blake at the Jazz Festival at the Royal Palace of Madrid.



Filipe Raposo nasceu em Lisboa, em 1979. É pianista, compositor e orquestrador.

Iniciou os seus estudos pianísticos no Conservatório Nacional de Lisboa. Tem o mestrado em Piano Jazz Performance pelo KMH (Estocolmo) e foi bolseiro da Academia Real Sueca de Música. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa. Enquanto compositor, orquestrador e pianista, colabora com inúmeras orquestras europeias, apresentando-se a solo ou com diferentes formações em festivais internacionais. Como orquestrador, tem trabalhado com alguns dos principais nomes da música portuguesa (Sérgio Godinho, José Mário Branco, Camané, Vitorino ou Jorge Palma).

Desde 2004 que colabora com a Cinemateca Portuguesa, como pianista residente no acompanhamento de filmes mudos. A convite desta instituição, compôs e gravou a banda sonora para as edições em DVD de filmes portugueses do período mudo: *Lisboa, Crónica Anedótica*, de Leitão de Barros (tendo ganho uma menção honrosa no festival Il Cinema Ritrovato, em Bolonha); *O Táxi n.º 9297*, de Reinaldo Ferreira; *Frei Bonifácio, Barbanegra* e *O Primo Basílio*, de Georges Pallu; *Nazaré, Praia de Pescadores*, de Leitão de Barros. Colabora regularmente como compositor em cinema e teatro. É autor da música original do documentário *Um corpo que dança* – Ballet Gulbenkian 1965-2005, de Marco Martins. Em 2022, realizou, em parceria com António Jorge Gonçalves, o documentário *O Nascimento da Arte* e, no mesmo ano, escreveu a ópera *As Cortes de Júpiter*, inspirada em Gil Vicente, com encenação de Ricardo Neves Neves.

Em nome próprio, editou os discos *First Falls* (2011) – Prémio Artista Revelação Fundação Amália; *A Hundred Silent Ways* (2013); *Inquiétude* (2015); *Rita Maria & Filipe Raposo Live in Oslo* (2018), *Øcre* (2019); *The Art of Song: When Baroque Meets Jazz* (2020); *Øbsidiana* (2022) e *The Art of Song: Between the Sacred and Profane* (2023).

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Ter apresentado o meu projeto Trilogia das Cores (piano solo) no Grande Auditório da Sala de São Paulo (Brasil), em 2023.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Filipe Raposo: Trilogia das Cores (piano solo). Rita Maria e Filipe Raposo: The Art of Song. 4 Mãos: concerto para piano e caneta digital (com António Jorge Gonçalves). Ana Quintans e Filipe Raposo: Canções Ibéricas.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Encomendas de composição. Colaborações com teatro e cinema, nomeadamente bandas sonoras.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O concerto em duo com o pianista Uriel Herman. O projeto Orchestrascope, com diferentes orquestras europeias, como a Orquestra Filarmónica de Rouen ou a Orquestra Nacional da Bélgica (Bozar).

Filipe Raposo was born in Lisbon, in 1979. He is a pianist, composer and orchestrator.

He began his piano studies at the National Music Conservatory, in Lisbon. He has a master's degree in Jazz Piano Performance from the Royal College of Music (Stockholm) and held a scholarship at the Royal Swedish Academy of Music, in Stockholm. Besides, he has a degree in Composition from the Lisbon College of Music. As a composer, orchestrator and pianist, he has collaborated with various European orchestras, performing solo or with different ensembles at international festivals. As an orchestrator, he has collaborated with some important Portuguese artists, such as Sérgio Godinho, José Mário Branco, Camané, Vitorino and Jorge Palma.

Since 2004, he has been working with the Cinemateca Portuguesa, as a resident pianist accompanying silent films. At the invitation of this institution, he composed and recorded the soundtrack for the DVD edition of classic Portuguese silent films: *Lisboa, Crónica Anedótica*, by Leitão de Barros (which received an honourable mention at the Il Cinema Ritrovato Festival, in Bologna); *O Táxi n.º 9297*, by Reinaldo Ferreira; *Frei Bonifácio, Barbanegra* and *O Primo Basílio*, by Georges Pallu; *Nazaré, Praia de Pescadores*, by Leitão de Barros. He regularly works as a composer for film and theatre and has composed the music for Marco Martins' documentary *Um corpo que dança* – Ballet Gulbenkian 1965-2005. In 2022, he released the documentary *O Nascimento daArte*, in partnership with António Jorge Gonçalves. The same year, he wrote the opera *As Cortes de Júpiter*, inspired by Gil Vicente and directed by Ricardo Neves.

First Falls (2011), his first album as a leader, reveals a wide range of influences unified by improvisation and was awarded the prestigious Amália Rodrigues Foundation Prize. Since then, he has released the following albums: *A Hundred Silent Ways* (2013); *Inquiétude* (2015); *Rita Maria & Filipe Raposo Live in Oslo* (2018); *Øcre* (2019); *The Art of Song: When Baroque Meets Jazz* (2020); *Øbsidiana* (2022); *The Art of Song: Between the Sacred and Profane* (2023).

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Presenting my Trilogy of Colors, solo piano project live, at the main auditorium of the Sala de São Paulo (Brazil), in 2023.

The projects/bands in which you are currently involved:

Filipe Raposo: Trilogy of Colors (solo piano). Rita Maria & Filipe Raposo: The Art of Song. 4 Hands: concerto for piano and digital pen (with António Jorge Gonçalves). Ana Quintans & Filipe Raposo: Iberian Songs.

Your plans/projects for the future:

Composition commissions. Collaborations with theatre and film, namely soundtracks.

An international collaboration that you would like to highlight:

The duo concert with pianist Uriel Herman. The Orchestrascope project, with different European orchestras, such as the Rouen Philharmonic Orchestra and the Belgian National Orchestra.



Nascido na Califórnia, em 1986, o baterista e compositor **Gabriel Ferrandini** é hoje uma figura de destaque no panorama musical português. Iniciou a prática do instrumento no âmbito do *free jazz* e da música improvisada, mas seu trabalho abraça muitas outras linguagens, da composição contemporânea a abordagens eletroacústicas.

Depois de integrar, desde muito jovem, formações tão prestigiadas quanto o RED trio ou o Rodrigo Amado Motion Trio, Ferrandini tem desenvolvido uma linguagem profundamente pessoal, nomeadamente no seu trabalho a solo, mas também em colaboração com artistas de renome, como RP Boo, Alexander von Schlippenbach ou Thurston Moore. Enquanto compositor, colabora com artistas visuais como Alexandre Estrela, criou uma peça para o Coro Gulbenkian e desenvolveu a sua própria peça-performance, *Rosa.Espinho.Dureza*, que se estreou no Teatro Nacional D. Maria II. Mais recentemente, tem trabalhado com o encenador Tiago Rodrigues, com quem viajou por todo o mundo para apresentações do espetáculo *Na Medida do Impossível*, muito elogiado.

Depois de gravar *Volúpias* (2019), álbum de composições para um trio de jazz, com Hernâni Faustino e Pedro Alves Sousa, Ferrandini lançou o seu primeiro álbum a solo, *Hair of the Dog*, em 2021. Enquanto o primeiro exprime um ambiente mais melódico, com alguma dose de poesia e romantismo – em contraste com a forma enérgica de tocar, com movimentos muito precisos, que o notabilizaram inicialmente –, o segundo apresenta uma tónica existencial, reflexiva e cerebral, mentalmente mais densa, em que é obsessivamente analisada a acústica, talvez sob a influência de mentores como Stockhausen.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Apesar de estar a viver um grande momento na minha carreira, em digressão internacional desde 2022, enquanto compositor e músico de uma peça do encenador Tiago Rodrigues (*Na Medida do Impossível*), quero salientar a importância de outro momento na minha atividade. Refiro-me a *Volúpias*, o meu primeiro disco enquanto líder e compositor de um trio de bateria, saxofone (Pedro Alves Sousa) e contrabaixo (Hernâni Faustino). Este trabalho corresponde a um processo criativo extremamente importante no meu crescimento musical. A história arranca com a minha vontade de começar a tocar mais música escrita e ter mais responsabilidade num grupo para além do papel de baterista. Desafiei o Sérgio Hydalgo, que, na altura, era o programador de música da ZDB, a fazer uma residência de criação que pusesse o máximo de pressão em mim para compor e desenvolver música minha. Ao longo de um ano, apresentei música inédita em seis concertos (de dois em dois meses). No fim, partimos para outra residência, para registar, em disco, o melhor destas composições. *Volúpias* lançou a minha linguagem para o mundo, dando origem a muitos outros projetos.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Muitas colaborações nacionais e internacionais *ad hoc*, mas as principais são: Motion Trio; RED trio; Rodrigo Amado Unity; Peter Gabriel duo; Volúpias trio; duo com Ricardo Toscano; inúmeras formações com Alex Zhang Hungtai; duo com o vocalista dinamarquês Elias Rønnefelt; Casa Futuro; CAVEIRA; Pinheiro/Alves Sousa/Ferrandini; trabalho contínuo e vários discos editados com o trompetista norte-americano Peter Evans; trabalho em trio com a vocalista irlandesa Hilary Woods; o trabalho de três anos com o encenador Tiago Rodrigues e o trabalho que tenho feito com o artista Alexandre Estrela.

Os seus planos/projetos para o futuro:

São muitas as ideias, mas, de momento, posso adiantar que estou a trabalhar no meu terceiro disco em nome próprio (depois de *Volúpias* e *Hair of the Dog*), em que utilizo material escrito para um coro, uma orquestra de cordas e bateria amplificada. Estou também a trabalhar no disco de um quarteto com Evan Parker, Axel Dörner e Sten Sandell. E, por fim, álbum em duo – praticamente fechado – com a saxofonista Lotte Anker.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Trio/duo com Alex Zhang Hungtai. Quarteto com Evan Parker, Axel Dörner e Sten Sandell. Motion trio com Peter Evans. Motion trio com Alexander von Schlippenbach.

GABRIEL FERRANDINI**[ENG]**

Born in California, in 1986, drummer and composer **Gabriel Ferrandini** is by now a well-established and continuously active figure in the Portuguese musical landscape. He started in free jazz and free improvisation contexts, but his work embraces several other languages, ranging from modern composition to electro-acoustic approaches.

After being part of revered combos such as the RED Trio and Rodrigo Amado's Motion Trio from an early age, he has been developing a deeply personal language, notably through his solo work, but also in collaboration with various highly regarded artists, such as RP Boo, Alexander von Schlippenbach and Thurston Moore. As a composer, Ferrandini has collaborated with visual artists such as Alexandre Estrela, created a piece for the Gulbenkian Choir and developed his own performance piece *Rosa.Espinho.Dureza*, premiered at the Teatro Nacional D. Maria II. More recently, he has been working closely with theatre director Tiago Rodrigues, with whom he has travelled all over the globe with *Na Medida do Impossível* to rave reviews.

After recording *Volúpias* (2019), in which he embraced composition for a jazz trio featuring Hernâni Faustino and Pedro Alves Sousa, Ferrandini released his first solo album, *Hair of the Dog*, in 2021. While the former expresses a more melodic atmosphere, with a certain amount of poetry and romanticism – contrasting with the more vigorous playing, with very precise gestures, that characterized his earlier years –, the latter presents an existential, reflective and intellectual emphasis, mentally denser, through an in-depth analysis of acoustics, perhaps under the influence of someone like Stockhausen.

Q&A**A noteworthy moment in your career:**

Although I'm currently going through an important moment in my career, touring all over the world since 2022 as a composer and musician, with theatre director Tiago Rodrigues presenting his play *Na Medida do Impossível*, I would like to highlight the significance of another moment: *Volúpias*, my first album as a leader, composer and drummer, featuring Pedro Alves Sousa (on saxophone) and Hernâni Faustino (on double bass). This work involved a creative process, which was extremely important for my musical development. It all began with my will to perform notated music more often and be more responsible in a band beyond the drummer's role. I challenged Sérgio Hydralgo, then ZDB's music curator, to host an artistic residency that would put me under as much pressure as possible to compose and develop my own music. Over the course of a year (every two months), I did six concerts devoted to previously unperformed music. After this series, we had another residency, recording an album comprising the best of these compositions. *Volúpias* launched my musical language into the world, leading to various other projects.

The projects/bands in which you are currently involved:

Several national and international *ad hoc* collaborations, but the main ones are: Motion Trio; RED trio; Rodrigo Amado Unity; Peter Gabriel duo; Volúpias trio; the duo with Ricardo Toscano; several groups with Alex Zhang Hungtai; duo with Danish singer Elias Rønnefelt; Casa Futuro; CAVEIRA; Pinheiro/Alves Sousa/Ferrandini; my

ongoing work, including several album releases, with trumpeter Peter Evans; a trio project with Irish singer Hilary Woods; the three-year project with theatre director Tiago Rodrigues and the work I've been developing with artist Alexandre Estrela.

Your plans/projects for the future:

I have many ideas in mind, but presently I'm working on my third album in my name, following *Volúpias* and *Hair of the Dog*. In this album, I use material written for choir, string orchestra and amplified drums. I'm also working on a quartet album, with Evan Parker, Axel Dörner and Sten Sandell, and putting the finishing touches on a duo album with saxophonist Lotte Anker.

An international collaboration that you would like to highlight:

Trio/duo with Alex Zhang Hungtai. Quartet with Evan Parker, Axel Dörner and Sten Sandell. Motion trio with Peter Evans. Motion trio with Alexander von Schlippenbach.



Nascido em Lisboa, em 1978, **Gonçalo Almeida** é um músico e compositor português residente em Roterdão.

Com uma abordagem fortemente interdisciplinar e colaborativa, participa numa série de projetos, do jazz contemporâneo ao *free jazz*, do *jazzcore* à livre improvisação, tendo partilhado o palco com improvisadores como Ab Baars, Balázs Pándi, Chris Speed, Carlos «Zíngaro», Ig Henneman, Fred Lonberg-Holm, Jasper Stadhouders, Jorrit Dijkstra, Luís Vicente, Luís Lopes, Martin van Duynhoven, Nina Hitz, Peter Jacquemyn, Rodrigo Amado, Susana Santos Silva, Tobias Klein, Wilbert de Joode, entre outros. É o fundador, compositor principal e contrabaixista do Hydra Ensemble, Lama Trio, Albatre e The Attic e é membro dos Spinifex, The Selva e Luís Vicente Trio. Colabora frequentemente com artistas audiovisuais, bailarinos contemporâneos, poetas e encenadores, como Arnold Dreyblatt, Julyen Hamilton, Rita Vilhena, Rutger Zuydervelt (*aka* Machinefabriek), Ricardo Jacinto e Pierre Bastien. Tem feito, desde 2001, digressões internacionais com muitos destes projetos, na Europa, nos Estados Unidos, na Índia e no Japão.

Além de uma extensa discografia em editoras internacionais, criou a sua própria editora digital, Cylinder Recordings, a fim de documentar e partilhar materiais resultantes dos seus frequentes encontros experimentais com outros improvisadores, promovendo cruzamentos entre músicos de diferentes projetos e investigando novos caminhos colaborativos.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A recente ida do trio The Attic ao festival Artacts, na Áustria, e a colaboração do Luís Vicente Trio com o saxofonista norte-americano Tony Malaby, com apresentação, em 2023, no festival de Saalfelden, na Áustria.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Hydra Ensemble: Gonçalo Almeida (contrabaixo), Lucija Gregov (violoncelo), Nina Hitz (violoncelo) e Rutger Zuydervelt (eletrónica). The Attic: Gonçalo Almeida (contrabaixo), Rodrigo Amado (saxofone tenor) e Onno Govaert (bateria). The Selva: Ricardo Jacinto (violoncelo), Gonçalo Almeida (contrabaixo) e Nuno Morão (bateria). Spinifex: Tobias Klein (saxofone alto), Bart Maris (trompete), John Dikeman (saxofone tenor), Jasper Stadhouders (guitarra), Gonçalo Almeida (baixo elétrico) e Philipp Moser (bateria). Albatre: Hugo Costa (saxofone alto), Gonçalo Almeida (baixo elétrico) e Philipp Ernsting (bateria). Tabula Sonorum Duo: Bart van Dongen (piano) e Gonçalo Almeida (contrabaixo). Luís Vicente Trio: Luís Vicente (trompete), Gonçalo Almeida (contrabaixo) e Pedro Melo Alves (bateria).

Os seus planos/projetos para o futuro:

Continuação dos projetos mencionados acima e criação de novas colaborações, lançamento de novos discos, digressões internacionais, apresentações e concertos em festivais europeus.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A colaboração do trio Lama com o saxofonista norte-americano Chris Speed, com vários concertos e a gravação de um disco no festival de jazz de Portalegre, editado pela Clean Feed, em 2012.

Born in Lisbon, in 1978, **Gonçalo Almeida** is a Portuguese musician and composer based in Rotterdam.

With a strong interdisciplinary and collaborative approach to his work, Gonçalo plays in a variety of projects, ranging from modern jazz to free jazz, from jazzcore to free improvisation, having shared the stage with improvisers such as Ab Baars, Balázs Pándi, Chris Speed, Carlos «Zíngaro», Ig Henneman, Fred Lonberg-Holm, Jasper Stadhouders, Jorrit Dijkstra, Luís Vicente, Luís Lopes, Martin van Duynhoven, Nina Hitz, Peter Jacquemyn, Rodrigo Amado, Susana Santos Silva, Tobias Klein, Wilbert de Joode, among others. He is the founder, main composer and bass player of the Hydra Ensemble, Lama Trio, Albatre and The Attic and is also a member of Spinifex, The Selva and Luís Vicente trio. Almeida often collaborates with audio-visual artists, modern dancers, poets and theatre directors, such as Arnold Dreyblatt, Julyen Hamilton, Rita Vilhena, Rutger Zuydervelt (aka Machinefabriek), Ricardo Jacinto and Pierre Bastien. Since 2001, he has been touring internationally with several of these projects in Europe, the USA, India and Japan.

Adding to a prolific discography on international labels, Gonçalo Almeida created his own digital label, Cylinder Recordings, to document and share material from his frequent and experimental encounters with other improvisers, promoting crossovers between musicians from different projects and researching new collaborative paths.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The Attic's recent performance at the Artacts festival, in Austria, and Luís Vicente's trio collaboration with American saxophonist Tony Malaby at the 2023 Saalfelden festival, also in Austria.

The projects/bands in which you are currently involved:

Hydra Ensemble: Gonçalo Almeida (double bass), Lucija Gregov (cello), Nina Hitz (cello) and Rutger Zuydervelt (electronics). The Attic: Gonçalo Almeida (double bass), Rodrigo Amado (tenor saxophone) and Onno Govaert (drums). The Selva: Ricardo Jacinto (cello), Gonçalo Almeida (double bass) and Nuno Morão (drums). Spinifex: Tobias Klein (alto saxophone), Bart Mars (trumpet), John Dikeman (tenor saxophone), Jasper Stadhouders (guitar), Gonçalo Almeida (electric bass) and Philipp Moser (drums). Albatre: Hugo Costa (alto saxophone), Gonçalo Almeida (electric bass) and Philipp Ernsting (drums). Tabula Sonorum Duo: Bart van Dongen (piano) and Gonçalo Almeida (double bass). Luís Vicente Trio: Luís Vicente (trumpet), Gonçalo Almeida (double bass) and Pedro Melo Alves (drums).

Your plans/projects for the future:

To keep the aforementioned projects going, start new collaborations, release new albums, tour internationally and perform at European festivals.

An international collaboration that you would like to highlight:

Lama's collaboration with American saxophonist Chris Speed, which included various concerts and the recording of an album at the Portalegre Jazz Festival, released by Clean Feed, in 2012.



Nasceu em Lisboa, em 1972. Músico *freelance*, **Gonçalo Marques** está especialmente à vontade a tocar em formações mais reduzidas de jazz contemporâneo, apesar de ter igualmente muita experiência no contexto de *big band*.

Neste momento, é diretor pedagógico e professor da Escola do Hot Clube de Portugal (HCP), que frequentou enquanto aluno, e da Escola Superior de Música de Lisboa. Dedicar-se também ao ensino do jazz aos mais novos, no HCP e noutras instituições (CCB, Gulbenkian). É um dos fundadores da editora e associação Robalo (que editou, até  data, cerca de 50 discos) e organiza concertos e *workshops*, além de ter um festival anual em parceria com a Antena 2. Tem trabalhado em teatro (esteve recentemente envolvido na peça *Ensaio de Orquestra*, uma adaptação do filme homnimo de Fellini, levada à cena por Tonan Quito) e dança contemporânea (na peça *Bacantes, Prelúdio para Uma Purga*, com coreografia de Marlene Monteiro Freitas, já com cerca de 150 espetáculos realizados no mundo inteiro).

Da sua discografia constam os CD *Da Vida e da Morte dos Animais* (TOAP, 2010), *Cabeça de Nuvem Só Tem Coração* (2015), *Canção do Homem Simples* (2017), ambos editados pela Robalo, e *Linhas* (Porta-Jazz, 2019). Gravou também, com o baterista João Lopes Pereira, os discos *Puzzle*, *Tundra* e *Totem* para a editora Robalo. O seu álbum mais recente é *Se não aconteceu*, dos Marmota (duo com o guitarrista André Matos), e lançará brevemente *Birds and Cages* (com o seu quarteto constituído por Jacob Sacks, no piano, Masa Kamaguchi, no contrabaixo e Jeff Williams, na bateria) e *Wabisabi* (com o quarteto que colidera com o contrabaixista Demian Cabaud e que inclui John O'Gallagher, no saxofone, e Jeff Williams, na bateria); neste momento, prepara novos CD com diversos grupos.

É licenciado em Física pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e em Jazz Performance pela Berklee College of Music de Boston.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

O meu encontro com a coreógrafa e bailarina Marlene Monteiro Freitas e a minha posterior participação na peça *Bacantes, Prelúdio para Uma Purga*, que percorreu o mundo desde 2017, foram, sem dvida, um momento importante para mim. Significou não só a possibilidade de conhecer uma artista contemporânea com uma voz muito original, forte e pertinente, mas também me levou a explorar áreas da *performance* diferentes das que tinha explorado até i.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Estou envolvido nos seguintes grupos: Quarteto de Gonçalo Marques (com Jacob Sacks no piano, Masa Kamaguchi no contrabaixo e Jeff Williams na bateria); Marmota (duo com André Matos na guitarra); Bartleby (quarteto com Leonor Arnaut na voz, John O'Gallagher no saxofone e João Lencastre na bateria); Duo Soares/Marques (duo com o saxofonista José Soares); Samsa (trio com João Carreiro na guitarra e Miguel Rodrigues na bateria); Marques/Cabaud/O'Gallagher / Williams (quarteto que colidero com Demian Cabaud no contrabaixo, John O'Gallagher no saxofone e Jeff Williams na bateria). Estou também muito envolvido na associação e editora Robalo, responsável por um ciclo de concertos regular e por um festival em parceria com a Antena 2, entre muitas outras atividades.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Tenho um disco praticamente a sair, com o meu quarteto (Jacob Sacks no piano, Masa Kamaguchi no contrabaixo e Jeff Williams na bateria). É inspirado em alguns contos do Kafka e vai chamar-se *Birds and Cages*: é o segundo disco deste grupo e será uma edição da Robalo. O grupo Marques/Cabaud/O'Gallagher /Williams tem também um disco a sair em breve, pela Porta-Jazz. O decateto da Porta-Jazz/Robalo (grupo que engloba músicos ligados a estas duas associações) vai gravar música do compositor Hans Koller. Todos os outros grupos em que estou envolvido gravarão em breve.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A minha colaboração com o baterista Jeff Williams foi importante: fez-me conhecer músicos novos e algumas salas de concertos fora do país, aonde provavelmente não iria de outro modo.

GONÇALO MARQUES

[ENG]

Gonçalo Marques was born in Lisbon, in 1972. A freelance musician, he is especially comfortable playing in smaller contemporary jazz formations, despite having much experience in the big band context.

He is currently the pedagogical director and teacher at the Escola do Hot Clube de Portugal (HCP), which he attended as a student, and at the Lisbon College of Music. He has also taught jazz to younger people at HCP and other institutions (CCB, Gulbenkian). Marques co-founded the Robalo label and association, which has released around 50 albums to date, organises concerts and workshops and has an annual festival in partnership with Antena 2. He has worked in theatre (he was recently involved in the play *Ensaio de Orquestra*, an adaptation of Fellini's film *Orchestra Rehearsal*, staged by Tonan Quito) and contemporary dance (in the play *Bacantes, Prelúdio para Uma Purga*, by choreographer Marlene Monteiro Freitas, with around 150 shows performed all over the world).

His discography includes the albums *Da Vida e da Morte dos Animais* (TOAP, 2010), *Cabeça de Nuvem Só Tem Coração* (2015), *Canção do Homem Simples* (2017), both released by Robalo, and also *Linhas* (Porta-Jazz, 2019). He likewise recorded with drummer João Lopes Pereira the albums *Puzzle*, *Tundra* and *Totem* (for Robalo). His most recent album is *Se não aconteceu*, by Marmota (a duo with guitarist André Matos). He will soon release *Birds and Cages* (by his quartet with Jacob Sacks on piano, Masa Kamaguchi on double bass and Jeff Williams on drums) and *Wabisabi* (by the quartet he co-leads with double bassist Demian Cabaud, which includes John O'Gallagher on saxophone and Jeff Williams on drums). He is currently preparing new albums with various groups.

Marques has a degree in Physics from the School of Sciences at the University of Lisbon and in Jazz Performance from the Berklee College of Music in Boston.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

My encounter with choreographer and dancer Marlene Monteiro Freitas and my subsequent involvement in the play *Bacantes, Prelúdio para Uma Purga*, which has been touring worldwide since 2017, were undoubtedly a significant moment for me. Not only did it give me the chance to meet a contemporary artist with a very original, strong and relevant voice, but it also allowed me to explore fields of performance different from those I had explored so far.

The projects/bands in which you are currently involved:

I am currently involved in the following bands: the Quarteto de Gonçalo Marques (with Jacob Sacks on piano, Masa Kamaguchi on double bass and Jeff Williams on drums); Marmota (a duo with André Matos on guitar); Bartleby (a quartet featuring Leonor Arnaut on voice, John O'Gallagher on saxophone and João Lencastre on drums); the Soares/Marques Duo (a duo with saxophonist José Soares); Samsa (a trio with João Carreiro on guitar and Miguel Rodrigues on drums); Marques/Cabaud/O'Gallagher/Williams (a quartet of which I am co-leader, alongside Demian Cabaud on double bass, John O'Gallagher on saxophone and Jeff Williams on drums). I am also strongly involved with the Robalo association and label, which organises a regular concert cycle and a festival in partnership with Antena 2 radio station, among many other activities.

Your plans/projects for the future:

I have a forthcoming quartet album (with Jacob Sacks on piano, Masa Kamaguchi on double bass and Jeff Williams on drums), called *Birds and Cages*, inspired by specific short stories by Kafka, released by the Robalo label.

The Marques/Cabaud/O'Gallagher/Williams quartet will soon release an album on the Porta-Jazz label. The Porta-Jazz/Robalo decet (a band comprising musicians from both these associations) will also record music by composer Hans Koller. All bands in which I am involved will be recording soon.

An international collaboration that you would like to highlight:

My collaboration with drummer Jeff Williams was important. It allowed me to meet other musicians and learn about international venues where I probably wouldn't have gone otherwise.



Saxofonista, compositor e investigador, **Gonçalo Prazeres** nasceu em Lisboa, em 1978.

Frequentou o curso de Performance na Berklee College of Music, em Boston, e a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal, onde leciona desde 2017. Atualmente, é doutorando na Universidade NOVA de Lisboa, na área da Etnomusicologia. A sua investigação centra-se nas dinâmicas de interação musical na improvisação, no desenvolvimento da identidade musical e nos processos criativos no contexto do jazz e da música improvisada. Em 2014, concluiu o mestrado em Música, com especialização em Jazz, na Escola Superior de Música de Lisboa, e, em 2016, o mestrado em Educação Musical na Universidade NOVA de Lisboa. Durante o seu percurso, teve aulas com vários músicos que considera relevantes na sua trajetória, incluindo Tony Malaby, Steve Lehman, Ohad Talmor, George Garzone, Jorge Reis e Ed Tomassi.

Além disso, lidera diversos projetos na área do jazz e da música improvisada. No final de 2023, editou *Cadavre Exquis*, um disco totalmente improvisado com músicos residentes em Manchester (Reino Unido): José Dias (guitarra), Adam Fairhall (piano), John Pope (contrabaixo) e Johnny Hunter (bateria). O seu mais recente projeto chama-se ATOMIC, com João Carreiro (guitarra), André Carvalho (contrabaixo) e João Pereira (bateria), em que combina música escrita com improvisação livre. É membro da banda *indie* experimental Club Makumba, ao lado de Tó Trips, João Doce e Gonçalo Leonardo.

Toca regularmente em formações de vários quadrantes musicais, destacando-se a sua participação no coletivo L.U.M.E. (Lisbon Underground Music Ensemble), com presença em alguns dos principais festivais de jazz europeus.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A digressão europeia com o L.U.M.E. (2021-2022), apresentando o disco *Las Californias* (Clean Feed).

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Cadavre Exquis – Gonçalo Prazeres (sax tenor e barítono), José Dias (guitarra), Adam Fairhall (piano), John Pope (contrabaixo) e Johnny Hunter (bateria). ATOMIC – Gonçalo Prazeres (sax tenor e composição), João Carreiro (guitarra), André Carvalho (contrabaixo) e João Pereira (bateria). L.U.M.E. (Lisbon Underground Music Ensemble). Club Makumba.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Tocar com o projeto *Cadavre Exquis* no Reino Unido e em Portugal. Gravar o disco do grupo ATOMIC. Terminar a investigação para a tese de doutoramento «Freedom in jazz improvisation: interplay and music identities».

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A gravação do disco *Cadavre Exquis*. Os concertos do grupo Awareness, de José Dias, com Petter Frost Fadnes no saxofone alto.

Saxophonist, composer and researcher, **Gonçalo Prazeres** was born in Lisbon, in 1978.

He attended the performance program at the Berklee College of Music, in Boston, and the Hot Clube de Portugal's Luiz Villas-Boas Jazz School, in which he has taught since 2017. He is pursuing a PhD in Ethnomusicology at the NOVA University of Lisbon. His research focuses on the dynamics of musical interaction in improvisation, the development of musical identity and creative processes in jazz and improvised music. In 2014, he completed a master's degree in Music, specialising in Jazz, at the Lisbon College of Music, and, in 2016, a master's degree in Musical Education at the NOVA University of Lisbon. Throughout his musical journey, he took classes from several musicians he considers relevant to his development, including Tony Malaby, Steve Lehman, Ohad Talmor, George Garzone, Jorge Reis and Ed Tomassi.

Additionally, he leads various projects in the realm of jazz and improvisation. At the end of 2023, he released *Cadavre Exquis*, a fully improvised album with musicians based in Manchester (UK): José Dias (guitar), Adam Fairhall (piano), John Pope (double bass) and Johnny Hunter (drums). His most recent project is called ATOMIC, featuring João Carreiro (guitar), André Carvalho (double bass) and João Pereira (drums), in which he combines notated music with free improvisation. He is a member of the experimental/world/indie band Club Makumba, alongside Tó Trips, João Doce and Gonçalo Leonardo, and performs regularly in groups from different music fields, namely L.U.M.E. (Lisbon Underground Music Ensemble), taking part in some of the main European jazz festivals.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

L.U.M.E.'s European tour (2021-22), presenting the album *Las Californias* (Clean Feed).

The projects/bands in which you are currently involved:

Cadavre Exquis – Gonçalo Prazeres (tenor and baritone saxophones), José Dias (guitar), Adam Fairhall (piano), John Pope (double bass) and Johnny Hunter (drums). ATOMIC – Gonçalo Prazeres (tenor saxophone and composition), João Carreiro (guitar), André Carvalho (double bass) and João Pereira (drums). L.U.M.E. (Lisbon Underground Music Ensemble). Club Makumba.

Your plans/projects for the future:

To present live the *Cadavre Exquis* project in the UK and Portugal. To record ATOMIC's debut album. To resume research for my PhD dissertation: «Freedom in Jazz Improvisation: Interplay and Music Identities».

An international collaboration that you would like to highlight:

The recording of *Cadavre Exquis*. The concerts with José Dias' Awareness band, featuring Petter Frost Fadnes on alto saxophone.



Hernâni Faustino nasceu em Lamego, em 1964.

Depois de integrar, durante os anos 80, bandas de rock alternativo, como os lendários K4 Quadrado Azul, voltou-se para o jazz de vanguarda e para a livre improvisação, trocando o baixo elétrico pelo contrabaixo, instrumento no qual é autodidata. Volvidas duas décadas, e após múltiplas interações com músicos portugueses e internacionais, é hoje considerado um dos mais intensos e sólidos contrabaixistas da cena nacional.

Ao lado do baterista Gabriel Ferrandini (RED trio, Nobuyasu Furuya Trio e Quintet, Rodrigo Amado Wire Quartet), Hernâni Faustino tem formado uma secção rítmica particularmente forte e dinâmica. (O primeiro registo discográfico do RED trio, que fundaram em 2007 com o pianista Rodrigo Pinheiro, foi considerado álbum de estreia do ano pela publicação *The New York City Jazz Record*, em 2010.) A música é a sua vida: além de músico, foi membro da Clean Feed (uma das principais editoras de jazz do mundo) e da Trem Azul Jazz Store, em Lisboa. Também compôs para teatro, produziu programas de rádio e escreveu sobre música para algumas revistas, sendo ainda fundador da editora Phonogram Unit, o que diz muito da sua paixão e dedicação.

Faustino cruzou-se e colaborou com muitos outros improvisadores, como John Butcher, Lotte Anker, Nate Wooley, Carlos «Zíngaro», Agustí Fernández, Sei Miguel, Jason Stein, Albert Cirera, Manuel Mota, Luís Lopes, Paal Nilssen-Love, Jon Irabagon, Peter Evans, Alexander von Schlippenbach, Taylor Ho Bynum, Harris Eisenstadt, Elliott Levin, Mats Gustafsson, Rob Mazurek, Ernesto Rodrigues, Helena Espvall, Nuno Torres, Virginia Genta, Elliott Levin, Daniel Carter, Matt Bauder, Dennis González, Vítor Rua e muitos outros, abarcando um vasto espectro estilístico, do *bop* ao experimentalismo radical, passando pela improvisação eletroacústica, o reducionismo e o *noise*.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Ter tido a oportunidade de tocar na Europa e nos EUA.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

O quarteto Motian & More (composições de Paul Motian). Manifesto – José Lencastre/Susan Alcorn/Hernâni Faustino. Rodrigo Amado Unity. Fuschia Trio. Garuda Trio.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Editar o disco do quarteto Motian & More. E fazer uma digressão, na Europa, com o trio Manifesto e também com outras formações em que participe.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Ter tocado e gravado com John Butcher, Lotte Anker, Susan Alcorn e Nate Wooley.

Hernâni Faustino was born in Lamego, in 1964.

After establishing himself, during the 80s, as an electric bass player in alternative rock bands, such as the now legendary K4 Quadrado Azul, he turned to avant-jazz and free improvisation and switched to the double bass, which he learnt to play on his own. Two decades later, following multiple interactions with Portuguese and international musicians, he is now considered one of the most intense and solid bassists on the Portuguese scene. Alongside drummer Gabriel Ferrandini (RED trio, Nobuyasu Furuya Trio & Quintet, Rodrigo Amado Wire Quartet), Faustino has formed a particularly dynamic and powerful rhythm section. (The first record by the RED trio, which they co-founded in 2007 with pianist Rodrigo Pinheiro, was named debut album of the year by *The New York City Jazz Record*, in 2010.) Music is his life: besides being a musician, he was a member of Clean Feed (considered one of the world's top jazz labels) and the Trem Azul Jazz Store, in Lisbon. He has also composed for theatre, produced radio programs and wrote about music in a couple of magazines, and is co-founder of the Phonogram Unit label, which says it all about his passion and commitment.

Faustino has collaborated with various other improvisers, such as John Butcher, Lotte Anker, Nate Wooley, Carlos «Zíngaro», Agustí Fernández, Sei Miguel, Jason Stein, Albert Cirera, Manuel Mota, Luís Lopes, Paal Nilssen-Love, Jon Irabagon, Peter Evans, Alexander von Schlippenbach, Taylor Ho Bynum, Harris Eisenstadt, Elliott Levin, Mats Gustafsson, Rob Mazurek, Ernesto Rodrigues, Helena Espvall, Nuno Torres, Virginia Genta, Elliott Levin, Daniel Carter, Matt Bauder, Dennis González, Vítor Rua and many more, covering a wide range of styles, from bop to radical experimentalism, all the way through electroacoustic improvisation, reductionism and noise.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Having the opportunity to play in Europe and the USA.

The projects/bands in which you are currently involved:

Motian & More (a quartet devoted to compositions by Paul Motian). Manifesto – José Lencastre/Susan Alcorn/Hernâni Faustino. Rodrigo Amado Unity. Fuschia Trio. Garuda Trio.

Your plans/projects for the future:

To release Motian & More's album and embark on a European tour with the Manifesto trio and other groups in which I'm involved.

An international collaboration that you would like to highlight:

Playing and recording with John Butcher, Lotte Anker, Susan Alcorn and Nate Wooley.



Hugo Carvalhais nasceu no Porto, em 1978, e formou-se em Pintura na Faculdade de Belas-Artes.

Considerado um dos contrabaixistas mais talentosos e *sui generis* da sua geração, trabalhou com músicos como Julian Argüelles, Tim Berne, Émile Parisien, Dominique Pifarély, Liudas Mockunas, Andy Sheppard, Sheila Jordan, Benoît Delbecq, Jeremiah Cymerman, Jeffery Davis, Art Themen, entre outros. Em 2010, lançou o seu primeiro disco enquanto líder, com a participação de Tim Berne. *Nebulosa* foi classificado como um dos melhores álbuns do ano pela revista *jazz.pt* e recebeu inúmeras críticas elogiosas da imprensa nacional e internacional. Este primeiro álbum foi também escolhido como um dos discos mais representativos e relevantes da editora Clean Feed aquando do seu 10.º aniversário. Em 2012, Hugo Carvalhais editou o seu segundo trabalho, intitulado *Partícula*, com os companheiros habituais (Mário Costa e Gabriel Pinto) e a participação especial de Dominique Pifarély (artista ECM) e de Émile Parisien. *Partícula* foi considerado um dos melhores discos do ano de 2012 pelo jornal *Público* (Portugal), *Cuadernos de Jazz* (Espanha) e *Süddeutsche Zeitung* (Alemanha). *Grand Valis* foi lançado em 2015. Este terceiro trabalho discográfico foi o primeiro disco português a ser distinguido com o selo CHOC, pela prestigiada publicação francesa *Jazz Magazine*. Volvidos sete anos, surge o novo *Ascética*, escolhido entre os melhores discos de jazz de 2022 pela revista *jazz.pt*, *Citizen Jazz Magazine* (França), *Jazzin Serbia Magazine* e *Rádio Radar*.

Entre inúmeras críticas internacionais, são de salientar os destaques concedidos à obra na Radio France, no *Dag og Tid* (jornal nacional diário norueguês) e na NDR (rádio e televisão alemã). Enquanto *sideman*, Hugo Carvalhais faz parte do quarteto Costa Oeste, do saxofonista britânico Andy Sheppard (artista ECM).

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

O meu disco de estreia na editora Clean Feed, com a participação de Tim Berne.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Hugo Carvalhais, *Ascética*. Andy Sheppard, *Costa Oeste*. João Pedro Brandão, *Trama no Navio*.

Os seus planos/projetos para o futuro:

A gravação do quinto e último álbum da suite Sacra, iniciada em 2010: *Nebulosa* (2010), *Partícula* (2012), *Grand Valis* (2015), *Ascética* (2022), *Sacra* (2025). A gravação de um álbum de contrabaixo solo.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A colaboração com Dominique Pifarély e Émile Parisien no álbum *Partícula*.

Hugo Carvalhais was born in Porto, in 1978, and graduated in Painting at the School of Fine Arts.

Considered one of the most talented and *sui generis* double bassists of his generation, he has worked with musicians such as Julian Argüelles, Tim Berne, Émile Parisien, Dominique Pifarély, Liudas Mockunas, Andy Sheppard, Sheila Jordan, Benoît Delbecq, Jeremiah Cymerman, Jeffery Davis, Art Themen, among others. In 2010, he released his first album as a leader, *Nebulosa*, featuring saxophonist Tim Berne. It was considered one of the best albums of the year by the Portuguese magazine *jazz.pt* and had several outstanding reviews from the national and international press. On the label's tenth anniversary, *Nebulosa* was chosen as one of Clean Feed's most representative and relevant albums. In 2012, Carvalhais released *Partícula*, featuring his usual teammates (Mário Costa and Gabriel Pinto) – and special guests Dominique Pifarély (ECM artist) and Émile Parisien. *Partícula* was considered one of the best albums of the year by *Público* (Portugal), *Cuadernos de Jazz* (Spain) and *Süddeutsche Zeitung* (Germany). *Grand Valis* was released in 2015. This third album was the first Portuguese record to receive the CHOC distinction from the prestigious *Jazz Magazine* (France). Seven years later, Carvalhais surprises again with his new album, *Ascetica*, selected among the best jazz records of 2022 by the *jazz.pt* magazine and *Rádio Radar* (Portugal), *Citizen Jazz Magazine* (France) and *Jazzin Serbia Magazine*.

Among many international reviews, the highlights given to *Ascetica* at Radio France, *Dag og Tid* (Norwegian national journal) and NDR (German) are worth mentioning. As a sideman, Hugo Carvalhais plays double bass in British saxophonist (and ECM artist) Andy Sheppard's Costa Oeste quartet.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

My debut album on Clean Feed Records, featuring Tim Berne.

The projects/bands in which you are currently involved:

Hugo Carvalhais, *Ascetica*. Andy Sheppard, *Costa Oeste*. João Pedro Brandão, *Trama no Navio*.

Your plans/projects for the future:

Recording the fifth and final album of the Sacra suite, launched in 2010: *Nebulosa* (2010), *Partícula* (2012), *Grand Valis* (2015), *Ascetica* (2022), *Sacra* (2025). Recording a solo double bass album.

An international collaboration that you would like to highlight:

The collaboration with Dominique Pifarély and Émile Parisien on the album *Partícula*.



Compositora, arranjadora, pianista e produtora, **Isabel Rato** é um nome singular no panorama do jazz em Portugal.

Teve reconhecimento imediato com o seu álbum de estreia em nome próprio, *Para Além da Curva da Estrada*, editado em 2016. Em 2019, lançou o segundo álbum, *Histórias do Céu e da Terra*, e o terceiro, *Luz*, em 2022. Estes dois últimos foram escolhidos entre os melhores discos de jazz nacionais do ano pela revista *jazz.pt*. Em 2024, lançou quarto álbum, *Vale das Flores*, uma homenagem ao 25 de Abril e à liberdade.

Com licenciatura em Piano Jazz pela Escola Superior de Música de Lisboa, teve como mentor o pianista João Paulo Esteves da Silva. Frequentou também aulas com John Taylor, Fred Hersch, Enrico Pieranunzi, Joshua Redman, Mário Laginha, Hal Galper, Kenny Werner, Vardan Ovsepián e Albert Bover. Nos últimos anos, tem atuado com o seu grupo em variadíssimos festivais em Portugal e tem tocado com diversos músicos na área do jazz, como João Barradas, Desidério Lázaro, João Hasselberg, Elisa Rodrigues, Beatriz Nunes, Joel Silva, Jorge Moniz, João Lencastre, João Capinha, João Mortágua, Pedro Madaleno, José Menezes, Luís Candeias e André Rosinha, entre muitos outros.

Nasceu em Lisboa, em 1981, e desde os 18 anos que se apresenta profissionalmente como pianista e teclista de diversos grupos e artistas do panorama musical português.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A gravação dos meus quatro discos. Tocar na Festa do Jazz com o meu quinteto. Tocar, na Irlanda, no Festival de Jazz de Galway, com a Elisa Rodrigues.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

Isabel Rato Quinteto. Isabel Rato/João Custódio/Alexandre Alves. Veia – Elisa Rodrigues & Isabel Rato.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Gravar mais discos e regressar à composição e aos arranjos.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Nada a assinalar.

A composer, arranger, pianist and producer, **Isabel Rato** has established herself as a unique figure on the Portuguese jazz scene.

She gained immediate recognition after the release of her debut album as a leader, *Para Além da Curva da Estrada* (2016), followed by *Histórias do Céu e da Terra*, in 2019. Her third album, *Luz*, was released in 2022. The last two were selected among the best national jazz albums of the year by *jazz.pt* magazine. In March 2024, she released her fourth album, *Vale das Flores*, a tribute to the Carnation Revolution (25 April) and freedom.

With a degree in Jazz Piano from the Lisbon College of Music, she was mentored by pianist João Paulo Esteves da Silva. In addition, she attended classes with John Taylor, Fred Hersch, Enrico Pieranunzi, Joshua Redman, Mário Laginha, Hal Galper, Kenny Werner, Vardan Ovsepian and Albert Bover. Isabel Rato has played with musicians such as João Barradas, Desidério Lázaro, João Hasselberg, Elisa Rodrigues, Beatriz Nunes, Joel Silva, Jorge Moniz, João Lencastre, João Capinha, João Mortágua, Pedro Madaleno, José Menezes, Luís Candeias, André Rosinha, among many others, and, in the last few years, her group has been performing extensively in festivals all over the country.

She was born in Lisbon, in 1981, and at 18, she began performing professionally as a pianist and keyboardist, collaborating with various groups and artists from the Portuguese music scene.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Recording my four albums. Performing at the Festa do Jazz with my quintet. Performing at the Galway Jazz Festival, with Elisa Rodrigues.

The projects/bands in which you are currently involved:

Isabel Rato Quintet. Isabel Rato/João Custódio/Alexandre Alves. Veia – Elisa Rodrigues & Isabel Rato.

Your plans/projects for the future:

To record more albums and resume working as a composer and arranger.

An international collaboration that you would like to highlight:

None.



Natural de Ançã (Coimbra), **Joana Raquel** nasceu em 1997 e tem-se dedicado, nos últimos anos, ao estudo e à descoberta da sua voz.

Na sua abordagem estão enraizados o jazz e a música improvisada, com fortes influências da música tradicional portuguesa e de intervenção. Ao longo do seu trajeto, passou pelo Curso Profissional de Jazz do Conservatório de Música de Coimbra, pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto, onde concluiu a licenciatura em Canto Jazz, e pela Escola de Música da Phylharmonica Ançanense, onde iniciou os estudos musicais, aos 8 anos. A prática da composição começou em 2020, com a procura de uma identidade musical, recorrendo também à escrita de letras e textos, em português, que refletem as suas ideias e convicções.

Em fevereiro de 2022, lança o seu primeiro disco, *Ninhos*, pela Carimbo Porta-Jazz, em colaboração com o pianista Miguel Meirinhos, com Demian Cabaud no contrabaixo e João Cardita na bateria. Ainda em 2022, edita *Membrana*, primeiro disco do grupo 293 diagonal (com o saxofonista Daniel Sousa), *Catarse Civil*, com o projeto Do Acaso, e ainda *Eixo do Jazz Ensemble Meets Mário Laginha*. Em 2023, cria *A Primavera Não Existe*, em colaboração com a artista visual Diana Gil, de que nasceu uma *performance* audiovisual e um livrete de poemas que acompanham o concerto. Juntas, criam, uns meses depois, a performance *Gentrifugação*, que combina a voz, a imagem e o movimento. No seu mais recente projeto, que conta com Teresa Costa na flauta, Rafael Santos no clarinete e na guitarra, Joaquim Festas na guitarra e João Fragoso no contrabaixo, Joana Raquel interpreta as composições que tem vindo a escrever nos últimos dois anos.

Procurando um som acústico, este repertório acolhe a espontaneidade e assenta no conceito de canção. O seu disco *Queda Áscua* saiu em maio de 2024, pela Carimbo Porta-Jazz.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Um dos momentos que marcaram o meu percurso foi o lançamento do meu primeiro disco, em que escrevi as letras e compus as canções em conjunto com o pianista Miguel Meirinhos. Deste trabalho, *Ninhos*, lançado em 2022, faziam também parte o contrabaixista Demian Cabaud e o baterista João Cardita. Recentemente, em maio de 2024, lancei o meu primeiro disco em nome próprio, *Queda Áscua*. Desta nova banda fazem parte a Teresa Costa, na flauta, o Joaquim Festas, na guitarra, o Rafael Santos, no clarinete e na guitarra, e o João Fragoso, no contrabaixo. O disco conta ainda com o piano de Miguel Meirinhos em dois temas, as percussões de Gonçalo Ribeiro e de Zé Stark e um pequeno coro.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

Joana Raquel e Miguel Meirinhos, *Ninhos*; Joana Raquel, *Queda Áscua*; Do Acaso, *Catarse Civil*; 293 diagonal, *Membrana*; Joana Raquel e Diana Gil – *Gentrifugação*; Capicua, *Madrepérola*; Decateto Robalo/Porta-Jazz; Catarina Rodrigues, *Travessia*.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Num futuro próximo, espero tocar muito o meu novo disco ao vivo. A experiência de gravar é muito cativante, mas o que gosto realmente de fazer é cantar em concerto. Começo agora a pensar na possibilidade de experimentar algo a solo e explorar recursos nesse sentido. Gostava ainda de continuar o trabalho em duo com o pianista Miguel Meirinhos, criando música nova em conjunto.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A participação no decateto Robalo/Porta-Jazz permitiu-me contactar com inúmeros músicos que admiro. Um deles foi o pianista Hans Koller. Nos dois concertos que tivemos oportunidade de fazer (no Festival Porta-Jazz e na Festa do Jazz), tocámos os seus temas com arranjos para esta formação.

JOANA RAQUEL

[ENG]

Joana Raquel (born in Ançã, Coimbra, in 1997) has dedicated herself to studying and discovering her voice.

Her approach is rooted in jazz and improvised music, strongly influenced by traditional Portuguese music. She attended the Jazz Course at the Coimbra Conservatory of Music, the School of Music and Performing Arts, in Porto, in which she completed a degree in Jazz Singing, as well as the Phylarmonica Ançanense Music School, in which she began her musical studies, at the age of 8. The practice of composition began in 2020, in a search for a musical identity, also resorting to writing lyrics and texts in Portuguese, that reflect her ideas and beliefs.

In February 2022, she released her first album, *Ninhos*, on Carimbo Porta-Jazz, in collaboration with pianist Miguel Meirinhos, featuring Demian Cabaud on double bass and João Cardita on drums. Also in 2022, she released *Membrana*, the debut album by 293 diagonal (with saxophonist Daniel Sousa), *Catarse Civil*, with the project Do Acaso, and *Eixo do Jazz Ensemble Meets Mário Laginha*. In 2023, she created *A Primavera Não Existe*, in collaboration with visual artist Diana Gil, which resulted in an audiovisual performance and a booklet of poems to accompany the concert. A few months later, they also created the performance *Gentrificação*, which brings together voice, image and movement. In her latest project, featuring Teresa Costa on flute, Rafael Santos on clarinet and guitar, Joaquim Festas on guitar and João Fragoso on double bass, Joana Raquel performs compositions she has been writing over the last couple of years.

Looking for an acoustic sound, this repertoire welcomes spontaneity and is based on the concept of song. The album *Queda Áscua* was released on May 2024, under the Porta-Jazz label.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The release of my first album, for which I wrote lyrics and composed songs together with pianist Miguel Meirinhos. *Ninhos*, released in 2022, also included bassist Demian Cabaud and drummer João Cardita. Recently, in May 2024, I released my first album under my name, *Queda Áscua*, featuring Teresa Costa on flute, Joaquim Festas on guitar, Rafael Santos on clarinet and guitar and João Fragoso on double bass. The album also features Miguel Meirinhos on piano, on a couple of tracks, Gonçalo Ribeiro and Zé Stark on percussion and a small choir.

The projects/bands in which you are currently involved:

Joana Raquel & Miguel Meirinhos, *Ninhos*; Joana Raquel, *Queda Áscua*; Do Acaso, *Catarse Civil*; 293 diagonal, *Membrana*; Joana Raquel & Diana Gil – *Gentrificação*; Capicua, *Madrepêrola*; Robalo/Porta-Jazz Decet; Catarina Rodrigues, *Travessia*.

Your plans/projects for the future:

I hope to present my new album live several times soon. Recording is very enthralling, but singing live is what I really like to do. I am now considering exploring the solo format. I would also like to continue with my duo with pianist Miguel Meirinhos and compose new music with him.

An international collaboration that you would like to highlight:

Participating in the Robalo/Porta-Jazz decet allowed me to get in touch with several musicians I admire. One of them was pianist Hans Koller. We performed arrangements of his compositions in a couple of concerts (at the Porta-Jazz Festival and Festa do Jazz).



Nascido em Tomar (Portugal), em 1992, **João Barradas** é um dos mais conceituados e reconhecidos acordeonistas europeus, movendo-se, simultaneamente, entre a música clássica, o jazz e a música improvisada.

Venceu alguns dos mais prestigiados concursos internacionais para o seu instrumento na área da música erudita, dos quais se destacam o Troféu Mundial de Acordeão (CMA), por duas vezes, o Coupe Mondiale de Acordeão (CIA), o Concurso Internacional de Castelfidardo e o Okud Istra International Competition. Barradas tem-se apresentado, enquanto solista, nas seguintes salas: Het Concertgebouw, Wiener Konzerthaus, Elbphilharmonie Hamburg, Kölner Philharmonie, Tonhalle Maag, Philharmonie Luxembourg, Fundação Calouste Gulbenkian, Casa da Música, Philharmonie de Paris, Konzerthaus Dortmund, L'Auditori, Müpa Budapest, La Monnaie/De Munt, Sage Gateshead, Stuttgart Opera House, Bozar, Sadler's Wells Theatre, Onassis Cultural Center, L'Arsenal Metz, Sava Center Belgrade, Centro Cultural de Belém e Tribeca Performing Arts Center.

Enquanto intérprete, teve a seu cargo dezenas de estreias mundiais para acordeão solo, escritas para ele por alguns dos mais destacados compositores europeus. Em 2016, gravou, com a editora nova-iorquina Inner Circle Music, o seu primeiro álbum enquanto líder, *Directions*, que conta com a produção de Greg Osby e que foi considerado um dos melhores álbuns do ano pela revista *Downbeat*, aparecendo na sua prestigiada lista «Best Albums of The Year». Ao mesmo tempo, começa a ser mencionado por alguns dos maiores nomes do jazz norte-americano, como Joe Lovano, Nicholas Payton, Randy Brecker, Lenny White ou Walter Smith III. João Barradas tem colaborado com diversos músicos de renome, nomeadamente Greg Osby, Mark Turner, Peter Evans, Aka Moon, Mike Stern, Rufus Reid, Gil Goldstein, Fabrizio Cassol, Jacob Sacks, Miles Okazaki, Jerome Jennings, Ben Van Gelder, Francesco Cafiso, Federico Malaman, Stéphane Galland, Fabian Fiorini, Michel Hatzigeorgiou, entre muitos outros.

Foi nomeado ECHO Rising Star pela European Concert Hall Organization para a temporada 2019/2020. Nessa mesma temporada, a prestigiada *BBC Music Magazine* nomeou-o como um dos seus Rising Stars. Em 2020, ficou em 2.º lugar no Prémio de Composição SPA | Antena 2, com a sua obra *The Edge of the Sea*, para orquestra sinfónica.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Na presente temporada, apresentei-me como solista clássico com a London Philharmonic Orchestra, a Tonhalle Orchester-Zürich e a Sinfónica de Hamburgo, ao mesmo tempo que estava em *tour* e/ou gravações com nomes do jazz como Aka Moon, Brussels Jazz Orchestra, Greg Osby, David Binney, Perico Sambeat ou Christian Lillinger. Uma temporada para mais tarde recordar.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Aka Moon (Bélgica), Greg Osby *Minimalism* (EUA), João Barradas Quartet com David Binney (Portugal/EUA), Carlos Bica *Playing with Beethoven* (Alemanha/Portugal), Baldo Martínez *Música Imaginaria* (Espanha), Sambeat/Laginha/Barradas (Espanha/Portugal), Bo Van Der Werf Quintet (Bélgica), Florian Arbenz Quartet (Suíça), Eduardo Cardinho Quartet (Portugal/Brasil), Mané Fernandes *Enter The sQUIGG* (Portugal/Dinamarca).

Os seus planos/projetos para o futuro:

Continuar a apresentar a minha música e colaborar com alguns dos músicos que mais admiro e com quem quero aprender.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A colaboração com Mark Turner, em 2019, no meu álbum *Portrait*.

JOÃO BARRADAS**[ENG]**

Born in Tomar (Portugal), in 1992, **João Barradas** is one of the most reputable and widely acknowledged European accordionists, working simultaneously between classical, jazz and improvised music.

He has won some of the most prestigious international classical accordion contests, of which the World Accordion Trophy (CMA), which he has won twice, the Coupe Mondiale of Accordion (CIA), the International Castelfidardo Contest and the Okud Istra International Competition stand out. Barradas has been performing at venues such as Wiener Konzerthaus, Tonhalle Maag Zürich, Sage Gateshead, Calouste Gulbenkian Foundation, Het Concertgebouw, Elbphilharmonie, Kölner Philharmonie, Philharmonie Luxembourg, Casa da Música, Bozar, Philharmonie de Paris, L'Auditori, Müpa Budapest, La Monnaie, Stuttgart Opera House, Sadlers's Wells Theatre, Onassis Cultural Center, L'Arsenal Metz, Sava Center Belgrade, Centro Cultural de Belém and Tribeca Performing Arts Center.

Alongside his activity as a classical musician, Barradas is one of the most active musicians on jazz accordion nowadays. Critics highly praised his first album as a leader, *Directions*, recorded in 2016, with the New York label Inner Circle Music, produced by saxophonist Greg Osby and considered one of the Best Albums of the Year, by *Downbeat's magazine*. At the same time, he started being noticed by some of the top names in American jazz, such as Joe Lovano, Nicholas Payton, Randy Brecker, Lenny White or Walter Smith III, and his name comes up at the most important national and international jazz festivals and venues. João Barradas has collaborated with various renowned musicians, namely Greg Osby, Mark Turner, Peter Evans, Aka Moon, Mike Stern, Rufus Reid, Gil Goldstein, Fabrizio Cassol, Jacob Sacks, Miles Okazaki, Jerome Jennings, Ben Van Gelder, Francesco Cafiso, Federico Malaman, Stéphane Galland, Fabian Fiorini, Michel Hatzigeorgiou, Wayne Escoffery, Philip Harper, among many others.

He was nominated ECHO Rising Star 2019/2020 by the European Concert Hall Organization, and *BBC Music Magazine* nominated him as one of the current year's classical music rising stars. In 2020, his work *The Edge of the Sea*, for symphonic orchestra, was runner-up in the SPA | Antena 2 Composition Award.

Q&A**A noteworthy moment in your career:**

This season I performed as a classical soloist with the London Philharmonic Orchestra, the Tonhalle Orchester-Zürich and the Symphoniker Hamburger, while also touring and/or recording with jazz artists, such as Aka Moon, the Brussels Jazz Orchestra, Greg Osby, David Binney, Perico Sambeat and Christian Lillinger. A season to remember.

The projects/bands in which you are currently involved:

Aka Moon (Belgium), Greg Osby *Minimalism* (USA), João Barradas Quartet with David Binney (Portugal/USA), Carlos Bica *Playing with Beethoven* (Germany/Portugal), Baldo Martínez *Música Imaginaria* (Spain), Sambeat/Laginha/Barradas (Spain/Portugal), Bo Van Der Werf Quintet (Belgium), Florian Arbenz Quartet (Switzerland), Eduardo Cardinho Quartet (Portugal/Brazil), Mané Fernandes *Enter The sQUIGG* (Portugal/Denmark).

Your plans/projects for the future:

To continue presenting my music and collaborate with some of the musicians I admire the most and from whom I wish to learn.

An international collaboration that you would like to highlight:

The collaboration with Mark Turner, on my 2019 album *Portrait*.



João Lencastre nasceu em Lisboa, em 1978.

Ao longo de mais de 20 anos enquanto profissional, teve, várias vezes, a oportunidade de tocar nos principais festivais e salas do país, e atuou também um pouco por todo o mundo, incluindo nos EUA, República Checa, Inglaterra, Brasil, Alemanha, Polónia, Espanha, Macau, Rússia, Holanda ou Panamá. Graças a isto, tocou e gravou com músicos de renome, como David Binney, Bill Carrothers, André Fernandes, Mário Franco, Thomas Morgan, Jacob Sacks, Phil Grenadier, André Matos, Leo Genovese, Rodrigo Amado, Eivind Opsvik, Masa Kamaguchi, Drew Gress, Benny Lackner, Michael Formanek, John O’Gallagher, João Paulo Esteves da Silva, Nelson Cascais, Vojtech Prochaska, David Doruzka, Noah Preminger, Rodrigo Pinheiro, Sara Serpa, entre muitos outros.

Lencastre tem dez discos editados em seu nome, todos muito bem recebidos, em Portugal e no estrangeiro, destacando-se críticas muito positivas em prestigiados jornais, sites e revistas da especialidade, incluindo *Modern Drummer*, *Downbeat*, *Expresso*, *JazzTimes*, *Ípsilon*, *jazz.pt*, *Jazzwise*, *All About Jazz*, *NYC Jazz Record* e *Salt Peanuts*.

Em 2019, foi eleito Músico de Jazz do Ano nas escolhas do crítico António Branco para a revista *jazz.pt*. Em 2022, venceu na categoria de Melhor Álbum de Jazz com o seu disco *Unlimited Dreams*, um prémio atribuído pela Vodafone/Prémios Play, e recebeu o prémio RTP/Festa do Jazz de Músico do Ano. O disco *Safe in Your Own World* foi selecionado para a lista mensal «The Best Jazz on Bandcamp», por Dave Sumner, em outubro de 2022. E o concerto na edição do Jazz em Agosto 2023, na Fundação Calouste Gulbenkian, com o grupo Safe in Your Own World, ficou na lista dos Melhores do Ano nas escolhas da *jazz.pt*.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

O ano de 2022, em que recebi o Prémio Play para Melhor Disco de Jazz, com *Unlimited Dreams*; apresentei-o no Festival Jazz em Agosto, na Gulbenkian, para uma plateia esgotada, e, no final do ano, recebi a distinção de Músico do Ano, prémio RTP/Festa do Jazz.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Entre outros, destaco o meu mais recente grupo, Dancing on Rail Tracks, que conta com a participação de Marta Rodrigues na voz, John O’Gallagher no saxofone alto, Samuel Gapp no piano, Duarte Ventura no vibrafone, Nelson Cascais no contrabaixo e eu, na bateria e composição. Free Celebration toca a música de Ornette Coleman, Herbie Nichols e Thelonious Monk, com Ricardo Toscano no saxofone, Pedro Branco na guitarra, João Bernardo nos teclados e *synths*, Nelson Cascais no contrabaixo, João Pereira e eu nas baterias. Como colíder, BEAST, com John O’Gallagher no saxofone alto, Samuel Gapp no piano, Zé Almeida no contrabaixo e eu na bateria. Como *sideman*, Michael Formanek’s Living Room (trio com Michael Formanek no contrabaixo, Rodrigo Amado no saxofone tenor e eu na bateria).

Os seus planos/projetos para o futuro:

Tocar o máximo possível com o grupo Dancing on Rail Tracks, para gravar e editar novo disco em breve. E continuar a tocar e a participar no maior número de projetos que vão aparecendo.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Terei de mencionar o David Binney, músico que conheci em Nova Iorque, em 2002, e com quem travei uma forte amizade e aprendi muito. Através dele, conheci músicos como Jacob Sacks, Thomas Morgan e Eivind Opsvik, com quem viria a tocar e a gravar mais tarde.

JOÃO LENCASTRE**[ENG]**

João Lencastre was born in Lisbon, in 1978.

Over more than 20 years as a professional musician, he has played in all major festivals and venues in Portugal and has toured around the world, including the USA, Czech Republic, England, Brazil, Germany, Poland, Spain, Macau, Russia, Amsterdam and Panama. This allowed him to play and/or record with top musicians, such as David Binney, Bill Carrothers, André Fernandes, Mário Franco, Thomas Morgan, Jacob Sacks, Phil Grenadier, André Matos,

Leo Genovese, Rodrigo Amado, Eivind Opsvik, Masa Kamaguchi, Drew Gress, Benny Lackner, Michael Formanek, John O'Gallagher, João Paulo Esteves da Silva, Nelson Cascais, Vojtech Prochaska, David Doruzka, Noah Preminger, Rodrigo Pinheiro, Sara Serpa, among many others.

Lencastre has released ten records as a leader, all acclaimed by the public and the media from all over the world, having had great reviews by some of the most prestigious magazines, newspapers and websites, including *Modern Drummer*, *Downbeat*, *Expresso*, *JazzTimes*, *Ípsilon*, *jazz.pt*, *Jazzwise*, *All About Jazz*, *NYC Jazz Record* and *Salt Peanuts*.

In 2019, he was named Jazz Musician of the Year by António Branco, at *jazz.pt* magazine. In 2022, his album *Unlimited Dreams* won the Vodafone/Prémios Play award for Best Jazz Album, and he was distinguished by the RTP/Festa do Jazz award as Musician of the Year. His album *Safe in Your Own World* was selected for the monthly list «The Best Jazz on Bandcamp», by Dave Sumner, in October 2022. And the concert at the 2023 Jazz em Agosto festival, with the Safe in Your Own World group, at the Calouste Gulbenkian Foundation, was included in *jazz.pt*'s Best of the Year list.

Q&A**A noteworthy moment in your career:**

In 2022, when my album *Unlimited Dreams* won the Play Prize (a national television award) for Jazz Album of the Year, I presented it at the Jazz em Agosto festival (at the Gulbenkian Foundation), to a sold-out crowd, and ended up receiving the RTP/Festa do Jazz Musician of the Year award (another national television/radio award) as well.

The projects/bands in which you are currently involved:

Among others, I would like to highlight my most recent band, Dancing on Rail Tracks, with Marta Rodrigues on voice, John O'Gallagher on alto saxophone, Samuel Gapp on piano, Duarte Ventura on vibes, Nelson Cascais on double bass and myself on drums and composition. Free Celebration (which performs music by Ornette Coleman, Herbie Nichols and Thelonious Monk), with Ricardo Toscano on alto saxophone, Pedro Branco on guitar, João Bernardo on keyboards and synths, Nelson Cascais on double bass and João Pereira and myself on drums. As a co-leader, BEAST, with John O'Gallagher on alto saxophone, Samuel Gapp on piano, Zé Almeida on double bass and myself on drums. As a sideman, Michael Formanek's Living Room (a trio with Michael Formanek on double bass, Rodrigo Amado on tenor saxophone and myself on drums).

Your plans/projects for the future:

To play as much as possible with the Dancing on Rail Tracks' band, to record and release a new album and to keep playing and taking part in as many projects as possible.

An international collaboration that you would like to highlight:

I have to mention David Binney, whom I met in 2002, in NYC, and with whom I became close friend. I've learnt a lot with Binney who introduced me to musicians such as Jacob Sacks, Thomas Morgan, Eivind Opsvik, with whom I would play and record later on.



João Lobo nasceu em Lisboa, em 1981.

Do jazz à música *gnawa*, do *trance* eletroacústico à improvisação total, a solo ou numa *big band*, em colaborações com companhias de dança ou teatro e a compor bandas sonoras para filmes, João Lobo mantém uma carreira versátil enquanto músico que toca sobretudo bateria.

Editou dois álbuns em nome próprio: *Nowruz* (2017) e *Simorgh* (2020). É cofundador de grupos como Oba Loba, Going, Tetterapadequ, Norman e Mulabanda e membro do Giovanni Guidi Trio, do Manuel Hermia Trio, dos Punk Kong ou do Daniele Martini Quartet. Gravou mais de 50 álbuns, incluindo algumas edições de autor e outros para editoras como a ECM, Clean Feed, CamJazz, De Werf, El Negocito, three:four records, Challenge e NEOS. Tocou e/ou gravou em muitos países, ao lado de músicos como Enrico Rava, Marshall Allen, Roswell Rudd, Carlos Bica, Nate Wooley, Maalem Hassan Zogari, Tatsuhisa Yamamoto, Thomas Morgan e Chris Corsano, entre outros, e colabora intensamente com Norberto Lobo, Giovanni Di Domenico, Lynn Cassiers, Manolo Cabras e Giovanni Guidi.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Numa carreira de cerca de 20 anos, é difícil escolher um momento assinalável. Talvez a gravação do disco de Giovanni Guidi para a prestigiada ECM, com Manfred Eicher como produtor.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Projetos: composição da música para o filme *A Providência e a Guitarra*, de João Nicolau (em fase de pré-produção); *The Secret Museum of Mankind*. Grupos: João Lobo Solo, João Lobo *Nahang*, Oba Loba, Going, Giovanni Guidi Quartet, An Pierlé La Lumière, The Miracle, Punk Kong, Manuel Hermia Freetet, Trance Mission, Daniel Stokaert Quartet.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Lançamento do terceiro disco em meu nome, *Nahang*. Gravação e lançamento do próximo disco de Going. Continuar a atividade concertística como *sideman*. Enveredar por uma atividade académica enquanto professor. Continuar a fazer música para outros suportes artísticos (cinema, rádio, teatro ou dança).

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Giovanni Guidi Trio.

João Lobo was born in Lisbon, in 1981.

From jazz to gnawa music, electro-acoustic trance to total improvisation, solo or in a big band, collaborating with dance and theatre productions and making soundtracks for films, João Lobo maintains a versatile career as a musician, mainly playing drums.

He has released two albums under his name: *Nowruz* (2017) and *Simorgh* (2020). He co-founded bands such as Oba Loba, Going, Tetterapadequ, Norman and Mulabanda and is a member of the Giovanni Guidi Trio, the Manuel Hermia Trio, Punk Kong or the Daniele Martini Quartet. He has recorded over 50 self-produced albums and others for labels such as ECM, Clean Feed, CamJazz, De Werf, El Negocito, three:four records, Challenge or NEOS. He has performed and/or recorded in several countries, with many musicians, including Enrico Rava, Marshall Allen, Roswell Rudd, Carlos Bica, Nate Wooley, Maalem Hassan Zogari, Tatsuhisa Yamamoto, Thomas Morgan, Chris Corsano, and collaborates intensely with Norberto Lobo, Giovanni Di Domenico, Lynn Cassiers, Manolo Cabras and Giovanni Guidi.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

It is hard to pick a single noteworthy moment from a career spanning over 20 years... Maybe recording Giovanni Guidi's album for the renowned ECM label, with Manfred Eicher as producer.

The projects/bands in which you are currently involved:

Projects: composing the soundtrack of João Nicolau's *A Providência e a Guitarra*; The Secret Museum of Mankind.
Bands: João Lobo Solo, João Lobo *Nahang*, Oba Loba, Going, Giovanni Guidi Quartet, An Pierlé & La Lumière, The Miracle, Punk Kong, Manuel Hermia Freetet, Trance Mission and Daniel Stokaert Quartet.

Your plans/projects for the future:

Releasing my third album as a leader, *Nahang*. Recording and releasing Going's next album. To keep performing as a sideman. To start an academic career as an educator. To keep creating music for other artistic media (film, radio, theatre or dance).

An international collaboration that you would like to highlight:

Giovanni Guidi Trio.



Saxofonista e compositor, **João Mortágua** nasceu em Estarreja, em 1987, e vive em Coimbra.

Integra diversos projetos musicais, nomeadamente André Fernandes *Centauri*, Nelson Cascais *Neighbour Lizard*, Diogo Alexandre Bock Ensemble e Eduardo Cardinho Group. É líder dos seus próprios grupos de originais, com os quais editou os álbuns *Janela*, *Mirrors*, *Axes*, *Mazam: Land*, *Dentro da Janela*, *Math Trio* e *Pilgrimage*. E acaba de lançar o primeiro registo do seu projeto a solo HOLI (em parceria com o artista visual João Vasco Paiva) e o segundo álbum do seu sexteto, *Axes*. Colidera ainda o trio Quang Ny Lys, com Mané Fernandes e Rita Maria, e três duos, com o baterista Diogo Alexandre (Stau) e os pianistas Luís Figueiredo (Kintsugi) e Carlos Azevedo (Calcanhar). Colabora pontualmente com outros projetos dos mais variados estilos e géneros musicais, bem como das mais diversas áreas artísticas. Foi Músico do Ano RTP/Festa do Jazz em 2017 e arrecadou o galardão de Melhor Álbum Jazz nos Prémios Play 2020.

João Mortágua exerce ainda funções de docência nos cursos de Jazz do Conservatório de Música de Coimbra e da Universidade de Aveiro.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Distinção de Músico do Ano pelos Prémios RTP/Festa do Jazz 2017. Prémio Play da Música Portuguesa para Melhor Álbum Jazz, em 2020.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Enquanto líder: *Axes*, *Lys des Vallées*, *T-Fall*, *Mondo Grass*. Enquanto colíder: *Mazam*, *Calcanhar*, *Quang Ny Lys*, *Kintsugi*. Enquanto *sideman*: André Fernandes *Centauri*, Eduardo Cardinho Group, *Nelembé*, *Neighbour Lizard*, *Supernova Ensemble*.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Criar música original e arranjos para os mais variados *ensembles*. Continuar a saga improvisadora com os grupos atuais e outros. Prosseguir com projetos de interação com espaços e comunidades. Compilar poemas perdidos em cadernos, tendo em vista um livro e canções. Lançar os álbuns de estreia de dois novos grupos (quarteto e septeto).

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Iberian Connection & Guests, concerto de abertura do Südtirol Jazzfestival Alto Adige 2019.

Saxophonist and composer, **João Mortágua** was born in Estarreja, in 1987, and lives in Coimbra.

He takes part in several music projects, including André Fernandes *Centauri*, Nelson Cascais' *Neighbor Lizard*, Diogo Alexandre's Bock Ensemble, Eduardo Cardinho Group, Hugo Raro Quartet and Paulo Santo Quintet. He leads his own bands, having released the albums *Janela*, *Mirrors*, *Axes*, *Land*, *Dentro da Janela*, *Math Trio*, *Pilgrimage*, *Hexagon* and *Holi Geo*. And he has just released the first album of his solo project HOLI (a collaboration with visual artist João Vasco), as well as the second album of his sextet, Axes. He's co-leader of the Quang Ny Lys trio, featuring Mané Fernandes and Rita Maria, and also of three duos, with drummer Diogo Alexandre (Stau) and pianists Luís Figueiredo (Kintsugi) and Carlos Azevedo (Calcanhar). Mortágua collaborates with other projects from a wide range of musical genres and different artistic disciplines. In 2017, he won the RTP (Portuguese Public Radio and Television Station)'s Musician of the Year Prize and the Play Prize (another national television award) for Best Jazz Album, in 2020. Additionally, he's a jazz saxophone teacher at the Coimbra Music Conservatory and the University of Aveiro.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Being named Musician of the Year by RTP, in 2017, and winning the Play Prize for Best Jazz Album, in 2020.

The projects/bands in which you are currently involved:

As leader: Axes, Lys des Vallées, T-Fall, Mondo Grass. As co-leader: Mazam, Calcanhar, Quang Ny Lys, Kintsugi. As sideman: André Fernandes *Centauri*, Eduardo Cardinho Group, Nelembe, Neighbour Lizard, Supernova Ensemble.

Your plans/projects for the future:

Compose and arrange new music for various ensembles. Keep my current improvisational bands going and form a few others. Continue developing projects focused on interaction with spaces and communities. Compile poems I've written over the years, intending to publish a book and compose songs. Release the debut albums of two new bands (quartet and septet).

An international collaboration that you would like to highlight:

Iberian Connection & Guests, the opening concert of the Südtirol Jazzfestival Alto Adige 2019.



Nascido em Lisboa, em 1961, o compositor-pianista **João Paulo Esteves da Silva** (outrora conhecido apenas por João Paulo) tem dividido a sua atividade entre os mais variados quadrantes: sendo primariamente associado ao jazz e à música criativa improvisada, tem também desempenhado um papel de relevo na música popular portuguesa e foi ainda concertista numa fase inicial da carreira.

A sua já vasta discografia em nome próprio denota aproximadamente três períodos distintos da sua produção enquanto músico criativo. Um primeiro, em que se destacou como um dos pioneiros e principais compositores do chamado jazz português, em boa parte documentado numa série de álbuns editados pela japonesa MA Recordings, entre 1996 e 2001 – datam dessa época o seu quarteto (com Jorge Reis, Mário Franco e José Salgueiro), as suas colaborações com Peter Epstein (em duo, num trio com Carlos Bica ou no projeto *Nascer*, com Ricardo Dias), a suite *Roda* (a sua primeira obra de piano solo) ou ainda o projeto *Luz Destino* (coliderado com Ricardo Rocha) e o grupo de câmara Almas e Danças (coliderado com Mário Laginha). Um segundo, em que navega, primariamente por via da composição instantânea, entre idiomas de carácter local e outros mais universais, documentado em vários álbuns editados pela Clean Feed entre 2003 e 2011 – o trio As Sete Ilhas de Lisboa (com Paulo Curado e Bruno Pedroso), o seu segundo solo (*Memórias de Quem*) e o duo que manteve com Dennis González são marcos desse período. (Em paralelo, continuou a escrever música, tendo algumas dessas composições sido registadas no álbum que gravou com a Orquestra Jazz de Matosinhos, *Bela Senão Sem*. Destacam-se ainda a sua colaboração com Claudio Puntin ou o álbum a solo *White Works*, em que interpreta música de Carlos Bica.) E um terceiro, em curso, dedicado sobretudo à composição instantânea, num idioma agora largamente universal, nomeadamente ao leme do seu trio com Mário Franco e Samuel Rohrer – que conta com dois álbuns editados pela berlinense Arjunamusic: *Brightbird* (2017) e *The River* (2023) – ou do trio No Project, com Nelson Cascais e João Lencastre. Revisita ainda com frequência o repertório dos períodos anteriores, assim como a música tradicional portuguesa e sefardita.

Ao longo dos anos, a escrita de canções tem também ocupado uma parte significativa da sua produção. Além disso, tem explorado ligações da música com outras artes, como o cinema, a fotografia ou o teatro, sendo ainda tradutor e poeta, contando com cerca de uma dezena de livros publicados. Recebeu, entre outras distinções, o Prémio José Afonso (1993), o Prémio Autores (2010) e o Prémio Carreira RTP/Festa do Jazz (2018). Desde 2009 que leciona no curso de Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Em 1997, depois de gravar o disco *Serra sem Fim*, o meu quarteto (com Jorge Reis, Mário Franco e José Salgueiro) fez uma pequena digressão pelo Oriente: dois concertos em Macau, dois em Tóquio e um em Matsumoto. Recordo o primeiro concerto, no Jazz Club de Macau, como um dos momentos musicalmente mais felizes da minha vida. Depois, os concertos no Japão tiveram também lados impressionantes, sobretudo a reação do público: uma atenção e escuta não menores do que a dos músicos no palco; no primeiro concerto, vendemos 300 discos, número correspondente ao da lotação da sala... Houve outros momentos, mas esta viagem foi particularmente assinalável.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Neste momento, o trio com Mário Franco e Samuel Rohrer e o recém-formado quarteto com Julian Argüelles, Rodrigo Correia e José Salgueiro são as minhas formações principais. (Trata-se de projetos em grande medida complementares: com o primeiro, compomos exclusivamente em tempo real; com o segundo, tocamos temas que fui escrevendo ao longo dos anos.) Mas também trabalho regularmente a solo em concertos improvisados, com a Orquestra Jazz de Matosinhos e num duo de canções com a minha filha Nazaré da Silva.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Gravei recentemente um disco de música tradicional portuguesa, a solo, que espero poder apresentar ao vivo. Conto gravar em breve o primeiro disco do novo quarteto e, depois, apresentá-lo ao vivo também. E estou ainda a formar um duo de piano, bateria e eletrónica com Samuel Rohrer. Além disso, multiplicar e intensificar as situações de improvisação coletiva. E, em contraste, regressar paulatinamente à escrita para formações diversas: quarteto de cordas, *big band*, etc.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A minha colaboração com Peter Epstein, documentada em vários discos para a editora MA, foi muitíssimo importante. Tal como, mais tarde, a colaboração com Dennis González, documentada em dois discos para a editora Clean Feed.

JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

[ENG]

Born in Lisbon, in 1961, composer-pianist **João Paulo Esteves da Silva** (formerly known simply as João Paulo) has been active in a wide variety of fields: while primarily associated with jazz and creative improvised music, he has also played a key role in Portuguese popular music and performed as a concert pianist at an earlier stage of his career.

His already extensive discography comprises, roughly, three distinct periods of his creative output. An initial period, in which he stood out as one of the pioneers and most prominent composers of the so-called Portuguese jazz, documented through a series of albums released by Japanese audiophile label MA Recordings, between 1996 and 2001 – his quartet (with Jorge Reis, Mário Franco and José Salgueiro), his collaborations with Peter Epstein (in duo, in a trio featuring Carlos Bica or in the *Nascer* project, featuring Ricardo Dias), the *Roda* suite (his first solo piano work) or the *Luz Destino* project (co-led with Ricardo Rocha) and the *Almas e Danças* chamber ensemble (co-led with Mário Laginha) all belong to this period. A second one, in which, primarily through spontaneous composition, he navigates between local and more universal idioms, documented through a few albums released by the Clean Feed label, between 2003 and 2011 – these include the trio As Sete Ilhas de Lisboa (with Paulo Curado and Bruno Pedroso), his second solo outing (*Memórias de Quem*), as well as his duo with Dennis González. (At the same time, he went on writing music, recording some of it with the Orquestra Jazz de Matosinhos, on the album *Bela Senão Sem*. Also noteworthy are his collaboration with Claudio Puntin or the solo piano album *White Works*, in which he performs music by Carlos Bica.) And an ongoing third period, mainly devoted to spontaneous composition, now in a largely universal idiom, notably leading his trio with Mário Franco and Samuel Rohrer – which has released a couple of albums on the Berlin-based label Arjunamusic Records: *Brightbird* (2017) and *The River* (2023) – or the No Project trio, with Nelson Cascais and João Lencastre. In addition, he frequently revisits repertoire from the earlier periods, as well as Portuguese and Sephardic folk music.

Over the years, songwriting has also been central to his output. Besides, he often explores connections between music and other art forms, such as film, photography and theatre. He is also a translator and poet, publishing about a dozen books. Among other distinctions, he was awarded the José Afonso Prize (1993), the Authors Prize (2010) and the RTP/Festa do Jazz Career Prize (2018). He has been teaching at the Lisbon College of Music since 2009.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

In 1997, my quartet featuring Jorge Reis, Mário Franco and José Salgueiro did a short tour in the Far East: two concerts in Macau, two in Tokyo and one in Matsumoto. I remember the first concert, at the Jazz Club de Macau, as one of the happiest moments of my musical life. Then, the concerts in Japan also had remarkable aspects, especially the audience's behaviour, listening as deeply as the musicians on stage. We sold 300 discs at a venue with 300 seats in our first concert. There have been other important moments, but this tour was particularly memorable.

The projects/bands in which you are currently involved:

My trio, with Mário Franco and Samuel Rohrer, and recently formed quartet, with Julian Argüelles, Rodrigo Correia and José Salgueiro, are currently my main bands. (These are largely complementary projects: while the former focuses exclusively on real-time composition, the latter performs tunes I've written over the years.) But I also play improvised solo concerts regularly, collaborate with the Orquestra Jazz de Matosinhos and have a duo with my daughter Nazaré da Silva, in which we perform songs.

Your plans/projects for the future:

I recently recorded a solo piano album of Portuguese folk music, which I hope to present live. I plan to record the first album of my new quartet soon and, then, present it live, too. There's also a piano/drums/electronics duo with Samuel Rohrer in the making. And I would like to multiply and intensify situations devoted to collective improvisation, as well as, on the other hand, gradually resume writing for various ensembles, namely string quartet and big band, among others.

An international collaboration that you would like to highlight:

My partnership with Peter Epstein, documented in several albums released by the MA label, was extremely important. And, later, the collaboration with Dennis González, documented in two albums released by the Clean Feed label.



Nascido no Porto, em 1957, o saxofonista, pedagogo e investigador **José Menezes** tem estado envolvido na criação de vários cursos e escolas de jazz.

É licenciado em Jazz (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo), mestre em Psicologia da Improvisação (Universidade de Sheffield) e especialista em música (institutos politécnicos de Coimbra, Lisboa e Porto). Estudou com, entre outros, Gerry Niewood, David Liebman, Jan Garbarek, Joe Lovano, Rick Margitza e Bill McHenry. Tocou com quase todos os músicos de jazz portugueses da sua geração e também com Myra Melford, Kirk Lightsey, Kelvin Sholar, Butch Morris, Andy Scott, Julian Argüelles e o Apollo Saxophone Quartet.

No plano internacional, apresentou-se em vários locais de referência, nomeadamente em cidades como Roterdão, São Paulo, Paris, Nova Iorque, Hamburgo, Moers, Gent, Recife, Tânger e Luanda. Integrou grupos como o Quarteto de Saxofones do Porto, a Big Band do Hot Clube de Portugal, o Decateto de Mário Laginha, os Michael Lauren All Stars, o Ensemble Raum, a Big Band de Jorge Costa Pinto, o Lisbon Underground Music Ensemble, tendo também liderado os seus próprios grupos e fundado e dirigido as *big bands* Caravan, Big Band do Oeste e AlãoJazz Big Band.

Foi docente e um dos fundadores da Escola de Jazz do Porto. Lecionou em várias academias e escolas, bem como no mestrado em Performance da Universidade de Aveiro, na licenciatura em Música da Escola Superior de Educação de Coimbra, tendo sido igualmente docente da Universidade de Évora durante dez anos e criador do seu programa de Saxofone Jazz. Dirigiu inúmeros *workshops* de jazz em academias e conservatórios. Em 2022, editou o álbum *Hundred Umbrellas*, inspirado na música do compositor e pianista Erik Satie, que reúne alguns dos mais destacados improvisadores nacionais.

Nos últimos anos, tem desenvolvido investigação na área da musicologia, apresentando trabalhos em publicações e conferências em Portugal e no Brasil. Está a terminar um doutoramento sobre Pedagogia do Ensino do Jazz na Universidade de Évora.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A participação no concerto comemorativo do United Nations Day em 1997, na sede da ONU, em Nova Iorque, dedicado à lusofonia.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Hundred Umbrellas, projeto dedicado à música de Erik Satie; trio de improvisação livre; quarteto em nome próprio com música original; revisão de artigos académicos de musicologia (nas áreas do jazz e da improvisação);

colaborador do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM); vice-presidente da Associação AlãoJazz; formação de alunos pré e pós-licenciatura.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Dinamização e divulgação do jazz e da improvisação nas populações juvenis do concelho de Alenquer. Direção artística do festival AlãoJazzFest. Escrita de material musical para a gravação de um novo CD.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Com Butch Morris (trompetista e *bandleader* norte-americano e figura maior do *free jazz*), naquela que veio a ser a sua última condução pública, e com a pianista e compositora norte-americana Myra Melford, no âmbito do festival Portugal Jazz.

JOSÉ MENEZES

[ENG]

Born in Porto, in 1957, saxophonist, educator and researcher **José Menezes** was involved in the creation of many jazz courses and schools in Portugal.

He holds MA degrees in Jazz (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo) and the Psychology of Improvisation (University of Sheffield) and the title of specialist in music from the polytechnic institutes of Coimbra, Lisbon and Porto. He studied with Gerry Niewood, David Liebman, Jan Garbarek, Joe Lovano, Rick Margitza and Bill McHenry, among others. Menezes has played with almost all Portuguese jazz musicians of his generation and also with Myra Melford, Kirk Lightsey, Kelvin Sholar, Butch Morris, Andy Scott, Julian Argüelles and the Apollo Saxophone Quartet.

Internationally, he has performed in cities such as Rotterdam, São Paulo, Paris, New York, Hamburg, Moers, Gent, Recife, Tangier and Luanda. He was part of groups such as the Porto Saxophone Quartet, the Hot Clube de Portugal Big Band, Mário Laginha's Decet, Michael Lauren All-Stars, the Ensemble Raum, Jorge Costa Pinto's Big Band, the Lisbon Underground Music Ensemble, and has also led his own groups and founded and directed big bands such as Caravan, the Big Band do Oeste and the AlãoJazz Big Band.

He was a teacher and one of the founders of the Porto Jazz School. Menezes has taught at several schools, as well as at the University of Aveiro (master's degree in Performance), the Coimbra Education School (Music BA course) and the University of Évora, where he taught for ten years and created its Jazz Saxophone program. He has led numerous jazz workshops in schools and conservatories. In 2022, he released *Hundred Umbrellas*, an album inspired by the music of composer and pianist Erik Satie, featuring some of the most prominent Portuguese improvisers.

In recent years, he has developed research in musicology, presenting his work in papers and conferences in Portugal and Brazil. He is completing a PhD in Jazz Pedagogy at the University of Évora.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

I took part in the 1997 United Nations Day celebration concert at the UN headquarters, in New York, devoted to lusophony.

The projects/bands in which you are currently involved:

Hundred Umbrellas, a project devoted to the music of Erik Satie; leading a free improvisation trio and a quartet devoted to my compositions; revising academic articles in musicology (jazz and improvisation); collaborating with the CESEM research centre at the NOVA University of Lisbon; vice-president of the AlãoJazz Association; teaching students from various levels, both before and after their undergraduate studies.

Your plans/projects for the future:

To promote jazz and improvisation in the municipality of Alenquer, notably with young people in mind. Directing AlãoJazzFest, a festival in Alenquer. Writing new music for an upcoming album.

An international collaboration that you would like to highlight:

With trumpeter and bandleader Butch Morris, a major figure of free jazz, on what would be his last *live conduction*, as well as with pianist and composer Myra Melford on the occasion of the Portugal Jazz Festival.



Nasceu no Porto, em 1981, e é considerado um dos violetistas mais inovadores da sua geração.

José Valente desenvolve uma intensa atividade musical, definida pela irreverência, virtuosismo e contemporaneidade das suas composições e concertos. É doutorado em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra, com distinção e por unanimidade.

Tem tocado um pouco por todo o mundo, destacando-se concertos em salas ou festivais como o Carnegie Hall (solista convidado), o Union Square Park (concerto a solo), o Festival Imaxinasons, o Teatro Maria Matos, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Bookaroo Festival (Índia), o Rauf R. Denktas Culture and Congress Center, em Famagusta (Chipre), e a Casa da Música. Trabalhou com Paquito d’Rivera, Don Byron e Dave Douglas, entre outros.

Recebeu vários prémios, tais como: menção honrosa no Prémio de Composição Lopes-Graça 2009, vencedor do concurso de projetos artísticos do Serralves em Festa 2010, Novo Talento Fnac 2014, The Hannah S. and Samuel A. Cohn Memorial Foundation Endowed Fellowship (EUA) e o Prémio Carlos Paredes, atribuído, em 2019, ao seu disco *Serpente Infinita*, gravado a convite do Musibéria. Compôs a obra *Passaporte* para viola solo, uma encomenda da Antena 2/RTP para a 32.^a edição do Prémio Jovens Músicos.

Juntamente com Marta Bernardes, foi cocriador do espetáculo infantil *Os figos são para quem passa*, a convite do Teatro São Luiz. Em colaboração com Gonçalo M. Tavares e Paulo Mendes, compôs *Trabalho, Palavra, Som e Preguiça*, uma encomenda do MAAT. O seu disco *Trégua*, para viola e banda filarmónica (algo nunca antes feito), obteve o apoio à edição fonográfica da GDA e o apoio à criação da DGArtes. O seu último álbum, *Águas paradas não movem moinhos* (disco Antena 2), inaugura o seu novo sexteto de violas, 6 Violas, e presta homenagem à música de José Mário Branco. Este trabalho tem sido muito bem recebido, com múltiplos destaques na imprensa nacional e, depois da sua estreia no Porto, foi apresentado no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, perante uma sala lotada.

José Valente é, desde 2023, o diretor musical e compositor do projeto SIBILA BILINGUE, organizado pelo Museu do Porto. Acaba de editar um álbum a solo, pela Respirar de Ouvido.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Em 2019, ganhei o Prémio Carlos Paredes com o meu disco *Serpente Infinita*.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

José Valente; 6 Violas (sexteto de violas – composição e direção musical); SIBILA BILINGUE (composição e direção musical); duo com Rui Rodrigues (bateria).

Os seus planos/projetos para o futuro:

A segunda edição do projeto SIBILA BILINGUE (org. Museu do Porto), do qual sou o compositor e diretor musical, que resultará em vários concertos no Porto com um *ensemble* orquestral, composto por músicos de orquestra e músicos imigrantes da cidade do Porto. Lançamento do meu próximo disco a solo *Quem é o José Valente*. Concertos a solo pelo país fora. Concertos com bandas filarmónicas com o repertório do meu disco *Trégua*. Concertos com 6 Violas com o disco *Águas paradas não movem moinhos*. Masterclasses sobre criatividade e improvisação.

Formação de professores de Música na Áustria. Composição e gravação de uma banda sonora para o filme *Fosfeno*, a estrear em 2025.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Em 2006, juntamente com vários jovens músicos emergentes, fui solista no Carnegie Hall, escolhido por Paquito d’Rivera para partilhar o palco com ele e o seu quinteto. Foi uma das pessoas que mais me ensinaram sobre ética e foco, a par de José Mário Branco.

JOSÉ VALENTE

[ENG]

Born in Porto, in 1981, he is considered one of the most innovative violists of his generation.

A widely active artist, **José Valente** is recognised for the irreverence, virtuosity and contemporaneity of his compositions and concerts. He holds a PhD in Contemporary Art from the University of Coimbra, unanimously approved with distinction.

Valente has been performing all over the world, in venues and festivals such as Carnegie Hall and Union Square Park (New York), Imaxinasons Festival, Maria Matos Theatre and Calouste Gulbenkian Foundation (Lisbon), Bookaroo Festival (India), Rauf R. Denktas Culture and Congress Center, in Famagusta (Cyprus), and Casa da Música (Porto), and has worked with Paquito d’Rivera, Don Byron and Dave Douglas, among others.

He has received various awards, namely: a honorable mention at the 2009 Lopes-Graça Composition Prize, winner of the Serralves em Festa 2010 competition, Fnac New Talent 2014, The Hannah S. and Samuel A. Cohn Memorial Foundation Endowed Fellowship, as well as the 2019 Carlos Paredes Prize, for his album *Serpente Infinita*, recorded following an invitation of Musibéria. He composed *Passaporte*, a work for viola solo, commissioned by Antena 2/RTP for the 32nd edition of the Young Musicians Award.

Alongside Marta Bernardes, he co-created the kid’s show *Os figos são para quem passa*, commissioned by Teatro São Luiz. In collaboration with Gonçalo M. Tavares and Paulo Mendes, he composed *Trabalho, Palavra, Som e Preguiça*, commissioned by MAAT – Museum of Art, Architecture and Technology. In 2021, he released *Trégua*, the first-ever viola and marching band album, with the support of GDA and DGArtes. His most recent album, *Águas paradas não movem moinhos* (supported by Antena 2), with his new viola sextet 6 Violas, is a homage to José Mário Branco’s music. This work has been very well received, with various highlights in the Portuguese press, and, after its premiere in Porto, it was presented at the Centro Cultural de Belém, in Lisbon, to a packed audience.

Valente has been, since 2023, the music director and composer of SIBILA BILINGUE, a project produced by the Porto City Museum. He has just released a solo album, on the Respirar de Ouvido label.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

In 2019, my album *Serpente Infinita* was awarded the prestigious Carlos Paredes Prize.

The projects/bands in which you are currently involved:

José Valente; the viola sextet 6 Violas (composition and direction); SIBILA BILINGUE (composition and direction); duo with Rui Rodrigues (drums).

Your plans/projects for the future:

The second edition of the SIBILA BILINGUE project (produced by the Porto City Museum), of which I am the composer and music director, will result in several concerts in Porto, with an orchestral ensemble formed by both orchestral and immigrant musicians based in Porto. Releasing my next solo album, *Quem é o José Valente*. Concerts throughout the country. Concerts with philharmonic bands based on a repertoire from my album *Trégua*. Concerts with the 6 Violas ensemble, presenting the album *Águas paradas não movem moinhos*. Masterclasses on creativity and improvisation. Training Music teachers in Austria. Composing and recording a soundtrack for the film *Fosfeno*, to be released in 2025.

An international collaboration that you would like to highlight:

In 2006, alongside various young, up-and-coming musicians, I was selected by Paquito d’Rivera to be a soloist at Carnegie Hall, sharing the stage with him and his quintet. He and José Mário Branco were among the people from whom I learned the most about ethics and focus.



Nascido em 2006, o **L.U.M.E. – Lisbon Underground Music Ensemble** é um coletivo de 15 músicos, liderado pelo compositor Marco Barroso, que tem por objetivo a criação de um espaço de expressão de música original num contexto orquestral particular. Constituído por alguns dos músicos mais experientes da cena jazz e erudita nacional, o L.U.M.E. é uma proposta verdadeiramente original. Seja por uma dramatização (muitas vezes irónica) das práticas e dos vocabulários que passam pelo jazz, pelo rock ou pela música erudita, seja pela incursão no experimentalismo, a música deste grupo reconstrói, de forma original e pertinente, a carga patrimonial do «bigbandismo», fugindo assim aos seus padrões mais convencionais e abrindo novas e refrescantes perspetivas estéticas.

Entre palcos nacionais e internacionais e vários registos discográficos, o L.U.M.E. tem-se apresentado em salas e festivais como Jazz em Agosto, Guimarães Jazz, Casa da Música, CCB, Festa do Jazz, London Jazz Festival, Moers Festival, Saalfelden Jazz Festival, Jazz Festival Ljubljana, Sarajevo Jazz Fest, Vilnius Jazz Festival, Skopje Jazz Festival, Jazz sous les pommiers, Novara Jazz, Music Meeting, HA'fest Gent, Imaxinasons, entre outros.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

Um momento importante do L.U.M.E. foi, por exemplo, tocar no Moers Festival ou no London Jazz Festival, não só por aquilo que isso representou em termos da nossa projeção internacional – uma vez que estão entre os mais importantes festivais da Europa – mas também porque foram concertos de sucesso e muito bem recebidos por um público entusiasta e conhecedor. O sucesso e a excelente receção foram constantes em todos os concertos que fizemos fora de portas.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

Nada a assinalar.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

Os planos são continuar a desenvolver o projeto, no sentido do aprofundamento da sua identidade, da construção de um repertório próprio e original e do constante crescimento musical. Temos planos para editar um novo disco, para o qual estou neste momento a compor, e continuar a fazer concertos, tentando levar o mais longe possível a música do L.U.M.E. e os seus músicos, nacional e internacionalmente.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Nada a assinalar.

Founded in 2006, **L.U.M.E. – Lisbon Underground Music Ensemble** is a 15-musician ensemble, led by composer Marco Barroso, to create a space for the expression of original music in a particular orchestral context. Comprising some of the most experienced musicians on the national jazz and classical scene, L.U.M.E. is a truly original proposal. Whether through the (often ironic) dramatisation of the practices and vocabularies related to jazz, rock or classical music or through a foray into experimentalism, L.U.M.E.'s music reconstructs, in an original and thoughtful way, the heritage of «bigbandism», thus escaping its more conventional standards and opening up new and refreshing aesthetic perspectives.

Throughout the years, L.U.M.E. has released various albums and performed in venues and festivals such as Jazz em Agosto, Guimarães Jazz, Casa da Música, CCB, Festa do Jazz, London Jazz Festival, Moers Festival, Saalfelden Jazz Festival, Jazz Festival Ljubljana, Sarajevo Jazz Fest, Vilnius Jazz Festival, Skopje Jazz Festival, Jazz sous les pommiers, Novara Jazz, Music Meeting, HA'fest Gent, Imaxinasons, among others.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

An important moment in L.U.M.E.'s path was, for instance, playing at festivals such as the Moers Festival or the London Jazz Festival, not only for what that meant in terms of our international uptake – given that these are among Europe's most important festivals – but also because our concerts there were very successful and well received by an enthusiastic and knowledgeable audience. All our concerts abroad enjoyed success and an excellent reception.

The projects/bands in which you are currently involved:

None.

Your plans/projects for the future:

We want to continue developing the project: deepening its identity, creating an original body of work and constantly developing musically. We plan to release a new album, for which I'm currently composing, and continue to perform, looking to take L.U.M.E.'s music (as well as its musicians) as far as possible in Portugal and abroad.

An international collaboration that you would like to highlight:

None.



Lantana é um coletivo inovador que reúne algumas das mais influentes e criativas improvisadoras na cena portuguesa: Maria do Mar (violino), Maria Radich (voz), Joana Guerra (violoncelo), Helena Espvall (violoncelo), Anna Piosik (trompete) e Carla Santana (eletrónica).

Participaram em importantes festivais, foi-lhes atribuído o prémio de Grupo do Ano na Festa do Jazz 2022 (CCB, Lisboa) e foram consideradas Grupo Revelação na 15.ª El Intruso International Critics Poll. Após a sua estreia como coletivo, em 2019, as Lantana foram convidadas, por Lula Pena, para colaborar em vários concertos na Galeria Zé dos Bois. Desde então, apresentaram-se ao vivo em diversos eventos e festivais: Festival Lisboa Soa 2019, Festival Jazz ao Centro 2019, Festival Jazz 2020 da Fundação Calouste Gulbenkian, ZigurFest 2021, Teatro do Bairro Alto (TBA), entre outros. Em 2022, lançaram o seu álbum de estreia, *Elemental*, pela Cipsela Records, aclamado pelos críticos e parte de variadas listas de melhores do ano.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

Destacamos as oportunidades e convites para apresentações em prestigiados festivais, nomeadamente o Festival Jazz 2020 na Fundação Calouste Gulbenkian e o concerto de lançamento do nosso disco *Elemental* (Cipsela Records) no TBA, em Lisboa. Destacamos igualmente o facto de termos sido honradas com o prémio Grupo do Ano na Festa do Jazz 2022 (CCB) e a eleição como Grupo Revelação na 15.ª El Intruso International Critics Poll.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidas:

Somos membros ativos de vários projetos no universo da música exploratória, improvisada e jazz. Além de inúmeras colaborações musicais, movimentamo-nos em diversos contextos das artes performativas enquanto compositoras, *performers*, bailarinas e curadoras. Joana Guerra desenvolve e apresenta continuamente o seu projeto a solo para violoncelo, voz e eletrónica, contando com quatro discos editados. Atualmente, integra o dueto com o trompetista Yaw Tembe e o *ensemble* Vagar, do saxofonista Carlos Martins. A par disso, soma inúmeras colaborações musicais e composições para espetáculos de dança e teatro. Maria do Mar é uma violinista, professora e compositora eclética, com um trajeto transdisciplinar. A sua abordagem criativa explora convergências e divergências entre música clássica, modos de ensino alternativos, música experimental e improvisada, cinema, teatro, dança e ativismo. Trabalha atualmente numa peça do Opera Lab Berlin e com vários artistas e músicos, como a artista multidisciplinar Adriana Sá, o trio Arpyies e Inês Oliveira (no Coletivo Transcinema Comum), além do seu projeto a solo Grão. Acabou de sair o disco *Defiant Illusion*, pela New Wave of Jazz, de Dirk Serries, consigo, José Lencastre, Carla Santana e Gonçalo Almeida. Carla Santana trabalha eletrónica e gravações de campo em concerto com coletivos de improvisação e a solo (como em Quatroconnection), mas também em arte sonora e composição. Álbuns recentes: Quarto Com Luz – *Hole Wall Sun Tree* (Samuel Gapp, Michael Schiefel, Helena Espvall, Carla Santana), *Defiant Illusion* (Gonçalo Almeida, Maria do Mar, José Lencastre, Carla Santana, editado pela New Wave of Jazz). Novos projetos: quarteto com Clara Lai, José Lencastre e João Valinho, e Vaivém, com Luís Vicente, Ziv Taubenfeld, Michael Formanek, José Lencastre, João Lencastre e Mariana Lemos. Anna Piosik, além de colaborar na música experimental com vários artistas, divide-se, desde a pandemia, entre Lisboa e Alfafar, onde, juntamente com Carlota Lagido, Nuno Patinho e Francisco Correia, criou a associação cultural O Lugar do Meio, que, ao reunir a comunidade local e artistas que permanecem e trabalham como residentes temporários na aldeia, pretende valorizar a riqueza das tradições e da natureza que rodeiam o local.

Maria Radich participa regularmente, como cantora, em concertos de música improvisada com diferentes músicos. Desenvolve trabalho na área do movimento e da voz. Ministra oficinas de corpo e voz para adultos e jovens. Helena Espvall é uma violoncelista/guitarrista natural da Suécia. Depois de uma década a viver e a tocar nos EUA, com a banda folk/psicadélica Espers, reside agora em Lisboa, onde se dedica à música improvisada. Além de Lantana, colabora regularmente com Tó Trips, Norberto Lobo, Maria da Rocha e o quarteto Turquoise Dream, entre muitos outros.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

Continuaremos a tocar ao vivo, com o intuito de internacionalizar e inscrever o som de Lantana no circuito europeu de música. Vamos começar a desenvolver um segundo disco, cujas composições resultam de encontros em residências artísticas, em espaços e contextos diversificados. Queremos somar ao nosso projeto novas colaborações artísticas, pois Lantana também funciona como organismo artístico coletivo ecofeminista.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Mantemos colaborações regulares com artistas internacionais, que resultam em apresentações ao vivo e registos discográficos. Devemos destacar a experiência que algumas de nós tivemos com a contrabaixista Joëlle Léandre, em residência artística promovida pelo XJazz, em parceria com a Fundação de Serralves, em 2017. Deste encontro nasceu a ideia da formação de Lantana.

LANTANA

[ENG]

Lantana is an innovative ensemble that brings together some of the most influential and creative improvisers on the Portuguese scene: Maria do Mar (violin), Maria Radich (voice), Joana Guerra (cello), Helena Espvall (cello), Anna Piosik (trumpet) and Carla Santana (electronics).

They performed at notable festivals, were awarded the Group of The Year prize by Festa do Jazz 2022, and hailed as Newcomer Group of the Year by the 15th El Intruso International Critics Poll. After its debut, in 2019, songwriter Lula Pena invited Lantana to collaborate in several concerts at Galeria Zé dos Bois. Since then, Lantana has played live in festivals and events: Lisboa Soa – Sound Arts Festival 2019, Jazz ao Centro Festival 2019, Jazz 2020 of Calouste Gulbenkian Foundation, ZigurFest 2021, Teatro do Bairro Alto (TBA), among others. In 2022, Lantana released their first album, *Elemental*, on Cipsela Records, acclaimed by the critics and featured on several best-of-the-year lists.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

We would like to highlight the opportunities and invitations for presenting our music at renowned festivals, such as the Calouste Gulbenkian Foundation's 2020 Jazz Festival and our album release concert at TBA – Teatro do Bairro Alto, in Lisbon. Being named Group of the Year at the 2022 Festa do Jazz (CCB, Lisbon) and Newcomer Group by the 15th El Intruso International Critics Poll were important highlights.

The projects/bands in which you are currently involved:

We take part in various projects in the fields of experimental music, free improvisation and jazz. Alongside countless musical collaborations, we are also involved in the performing arts, in different contexts, namely as composers, performers, dancers and curators. Joana Guerra focuses on her cello, voice and electronics solo project, regularly performing it live and having released four albums. Currently, she works on a duo with trumpeter Yaw Tembe and is part of the saxophonist Carlos Martins' Vagar ensemble. Besides several other musical collaborations, she composes for dance and theatre. Maria do Mar is a violinist, composer and educator, with a transdisciplinary path. Her creative approach explores continuities and discontinuities between classical music, alternative pedagogies, experimental and improvised music, cinema, theatre, dance and activism. She is currently working with the Opera Lab Berlin and various artists and musicians, such as transdisciplinary artist Adriana Sá, the Arpyies trio and Inês Oliveira (as part of the Coletivo Transcinema Comum), not to mention her solo project Grão. Alongside José Lencastre, Carla Santana and Gonçalo Almeida, she was involved in the album *Defiant Illusion*, recently released by Dirk Serries' New Wave of Jazz. Carla Santana specialises in electronics and field recordings, working with many improvisation groups, solo (such as in her Quatroconnection project) and sound art and composition. New albums include *Hole Wall Sun Tree*, by Quarto com Luz (Samuel Gapp, Michael Schiefel, Helena Espvall and Carla Santana), and *Defiant Illusion* (Gonçalo Almeida, Maria do Mar, José Lencastre and Carla Santana, released by the New Wave of Jazz label). New projects include a quartet with Clara

Lai, José Lencastre and João Valinho, as well as Vaivém, with Luís Vicente, Ziv Taubenfeld, Michael Formanek, José Lencastre, João Lencastre and Mariana Lemos. Anna Piosik collaborates with various artists in the field of experimental music. Since the covid pandemic, she has lived between Lisbon and Alfafar, where she founded the cultural association O Lugar do Meio, alongside Carlota Lagido, Nuno Patinho and Francisco Correia, which, by bringing together the local community and artists who live and work temporarily in the village, seeks to promote the richness of its traditions and natural surroundings. As a singer, Maria Radich is often involved in improvised music concerts alongside several musicians.

She works in the fields of movement and voice, also running body and voice workshops for adults and young people. Helena Espvall is a cellist/guitarist from Sweden. After living in the USA for about a decade, where she was a member of the folk/ psychedelic band Espers, she is now based in Lisbon, devoting herself to improvised music. Alongside Lantana, she works regularly with Tó Trips, Norberto Lobo, Maria da Rocha, the Turquoise Dream quartet and many more.

Your plans/projects for the future:

We will keep performing live, to bring Lantana's sound to an international audience, namely in the European circuit. We will start working on a second album, whose compositions have been developed in residencies, in various contexts and spaces. We also want to expand the project through new artistic collaborations, for Lantana also functions as a collective eco-feminist artistic organism.

An international collaboration that you would like to highlight:

We collaborate regularly with international artists in live and studio contexts. We have to highlight the experience some of us had with double bassist Joëlle Léandre in 2017, during a residency promoted by XJazz, in partnership with the Serralves Foundation. The idea of forming the Lantana group was born from this encounter with Joëlle.



O grupo **Lokomotiv** tem-se destacado pela sua enorme flexibilidade estética, interessando-se apenas por praticar um jazz que tenha tudo a ver com o nosso tempo.

Carlos Barretto (contrabaixo), Mário Delgado (guitarra) e José Salgueiro (bateria) há muito que vêm revelando um grande leque de interesses musicais, que cobrem tendências como o rock, o jazz, as músicas do mundo e a clássica, situando-se entre os expoentes portugueses de um ecletismo que é bem a marca deste início de século.

A fim de celebrar os 25 anos de atividade, convidaram o saxofonista Ricardo Toscano para fazer parte da banda e gravar em quarteto. O novo álbum, intitulado simplesmente **25**, sucede a *Gnosis* (2018) e reúne um conjunto de nove temas originais interpretados em quarteto. Diz Carlos Barretto: «Este é um disco de celebração de uma amizade já longa e saudável entre nós, parceiros de estrada e de vida. Houve aqui um desejo de alargar cores, ambientes e sonoridades. Por isso, lançámos o convite a uma das vozes mais representativas das novas gerações, Ricardo Toscano, que traz mais-valias ao universo sonoro da banda.»

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

Os 25 anos de longevidade do trio/quarteto, com uma discografia bem representativa dos vários momentos da história do grupo.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

Carlos Barretto: Lokomotiv, LST (Lisboa String Trio), Mário Barreiros quarteto, Carlos Barretto solo, Carlos Martins quarteto. Mário Delgado: TGB, Mário Delgado *Filactera*, Lokomotiv, Sexteto Bernardo Moreira, Quarteto de Desidério Lázaro. José Salgueiro: Lokomotiv, Transporte Colectivo, Pedro Jóia, Tríptico. Ricardo Toscano: Lokomotiv, Ricardo Toscano trio/quarteto, Mário Barreiros quarteto.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

Carlos Barretto: gravar novos discos e fazer concertos. Mário Delgado: o lançamento do quarto disco do trio TGB, *Room 4*, pela editora Clean Feed, e os concertos relacionados com este novo disco. José Salgueiro: gravação de originais e concertos. Ricardo Toscano: escrever música nova, novos discos e novos projetos.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Carlos Barretto: atuações na Europa com Mal Waldron Trio. Mário Delgado: ter colaborado no grupo de Andy Sheppard, em vários concertos, entre os quais o da Festa do Jazz 2020. José Salgueiro: ter participado, com Wayne Shorter, no concerto Porto Capital da Cultura, em 2001. Ricardo Toscano: ter sido convidado especial do grupo de Emmet Cohen no Funchal Jazz 2023 e do Joe Dyson quartet no Duc des Lombards, em Paris.

The **Lokomotiv** group has stood out for its enormous aesthetic flexibility and is interested only in presenting music that has everything to do with our time.

Carlos Barretto (double bass), Mário Delgado (guitar) and José Salgueiro (drums) have long been revealing a wide range of musical interests, covering trends like rock, jazz, world and classical music, and are among the Portuguese exponents of an eclecticism that is truly the hallmark of this early century.

To celebrate 25 years of activity, they invited saxophonist Ricardo Toscano to join the band and record as a quartet. The new album, simply titled **25**, follows *Gnosis* (2018) and combines a set of nine original tracks, performed as a quartet. Carlos Barretto says: «This is a celebration album of a long and healthy friendship among us, road and life partners. There was a desire here to expand colours, environments and sounds; so we invited one of the most representative voices of the new generation, Ricardo Toscano, who brings added value to the band's sound universe.»

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The trio/quartet's longevity (we've been active for 25 years now) and a discography which documents the band's various stages throughout its history.

The projects/bands in which you are currently involved:

Carlos Barretto: Lokomotiv, LST (Lisboa String Trio), Mário Barreiros quartet, Carlos Barretto solo, Carlos Martins quartet. Mário Delgado: TGB, Mário Delgado *Filactera*, Lokomotiv, Bernardo Moreira sextet, Desidério Lázaro quartet. José Salgueiro: Lokomotiv, Transporte Colectivo, Pedro Jóia, Tríptico. Ricardo Toscano: Lokomotiv, Ricardo Toscano trio/ quartet, Mário Barreiros quartet.

Your plans/projects for the future:

Carlos Barretto: to record new albums and play concerts. Mário Delgado: to release TGB's fourth album, *Room 4*, with the Clean Feed label, and present it live in concert. José Salgueiro: to record original music and play concerts. Ricardo Toscano: to write new music, record new albums and start new projects.

An international collaboration that you would like to highlight:

Carlos Barretto: performing in Europe as part of the Mal Waldron Trio. Mário Delgado: playing in Andy Sheppard's group in several concerts, including one at the Festa do Jazz 2020. José Salgueiro: playing with Wayne Shorter during Porto's European Capital of Culture, in 2001. Ricardo Toscano: being invited to take part, as a special guest, in Emmet Cohen's group at the 2023 Funchal Jazz Festival and in Joe Dyson's quartet at the Duc des Lombards, in Paris.



Músico ligado ao jazz, livre improvisação, música experimental e *noise*, **Luís Lopes** canaliza ainda energias para projetos em que desenvolve capacidades de composição. Nasceu em Lisboa, em 1971.

Lidera vários grupos que cedo o posicionaram na cena internacional, tais como o luso-americano Humanization 4tet e o luso-germânico Lisbon Berlin Trio. Integra bandas multinacionais de outros líderes, como é o caso de Bonbon Flamme, de Valentin Ceccaldi. Lidera *ensembles* mais alargados, como a LFU – Lisbon Freedom Unit, de nove elementos, ou o novíssimo decaeteto Abyss Mirrors. Trabalha também a solo, numa atitude de composição experimental, que pode ir do ruído extremo do seu *Noise Solo* ao pianíssimo de *Love Song*. Desenvolve projetos em duo, sendo disso exemplos as suas colaborações com Jean-Luc Guionnet, Fred Lonberg-Holm, Jasper Stadhouders, Noël Akchoté e Julien Desprez.

Tem marcada presença regular em palcos como Jazz em Agosto (Gulbenkian), Jazz ao Centro (Coimbra), Serralves em Festa (Porto), Jazz Festival Ljubljana, Konfrontationen (Nickelsdorf), Les Soirées Tricot – Tricollectif (Paris), Festival de Jazz d'Orléans, Jazzèbre (Perpignan), Snug Harbor (Nova Orleães), The Stone (Nova Iorque), Hideout Chicago, ausland (Berlim), Exploratorium Berlin, OCCII (Amesterdão), De Ruimte (Amesterdão), Klappfon (Basel), Win Win Zürich, Blow Out! (Oslo), Brötz Jazzklubb (Gotemburgo), DOM (Moscou), Free Jazz Festival Saarbrücken, Free Jazz Festival Prague, Suoni Per Il Popolo (Montreal), Artacts (St. Johann in Tirol), Beza Beat, Météo Festival (Mulhouse), Jazzdor (Estrasburgo/Berlim/Dresden), Opus Jazz Club (BMC – Budapest Music Center), Südtirol Jazzfestival (Bolzano), INSTANT Festival (Gent), Domicil (Dortmund), Saalfelden Jazzfestival, entre outros.

Tem discos editados na Clean Feed, Shhpuma, Wide Ears, Creative Sources, Ayler Records, JACC, Subcontinental, Multikulti Project e na sua própria LPZ Records, muitos deles aclamados em algumas das mais importantes publicações internacionais, tais como: *The Wire* (Inglaterra); *Citizen Jazz*, *Jazz Magazine* e *Improjazz* (França); *Enola Magazine* (Bélgica); *Downbeat*, *All About Jazz*, *Cadence Magazine*, *New York City Jazz Record* e *Signal to Noise* (EUA); *Point of Departure* (Canadá); *Tomajazz* (Espanha); *All About Jazz Italia* (Itália); *JAZZ'N'MORE* (Alemanha); e *FreeForm*, *FreeJazz* (Brasil).

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A atuação no Jazz em Agosto 2014, com o Luís Lopes Lisbon Berlin Trio, no anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Abyss Mirrors, agora com nove elementos: Helena Espvall, Maria da Rocha, Flak, Jari Marjamäki, Bruno Parrinha, Yedo Gibson, Felipe Zenícola e Travassos. Humanization 4tet, com Rodrigo Amado, Aarón González e Stefan González. Lisbon Berlin Trio/Quartet, com Robert Landfermann, Christian Lillinger e Rodrigo Pinheiro. Bonbon Flamme, com Valentin Ceccaldi, Fulco Ottervanger e Etienne Ziemniak. Misanthrope Trio, com Gonçalo Almeida e Philipp Ernsting. Fuchsia Trio, com Hernâni Faustino e João Sousa. Vine Leaf, com Bruno Parrinha e João Valinho. Solo.

Os seus planos/projetos para o futuro:

A gravação do novo disco dos Abyss Mirrors; disco a solo (guitarra stereo) e concertos desse projeto; atuações com Bonbon Flamme no Jazzdor, Südtirol Jazzfestival e Saalfelden Jazzfestival, e novo disco; duas residências (em Orleães e Berlim); novo disco do Humanization 4tet; atuação com o Lisbon Berlin Quartet no Free Jazz Festival Saarbrücken e gravações para um novo disco; atuação no Skopje Jazz Festival com Cene Resnik e Samuel Ber; novo disco e digressão do Misanthrope Trio; novo disco em duo com o guitarrista Jasper Stadhouders, a sair em breve; novo disco em duo com o baterista Jörg Schneider; gravação do primeiro disco do Fuschia Trio; lançamento do disco do novo trio com Audrey Lauro e Tom Malmendier para breve.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O Humanization 4tet, com Rodrigo Amado, Aarón González e Stefan González (EUA). O Lisbon Berlin Trio/Quartet, com Robert Landfermann, Christian Lillinger e Rodrigo Pinheiro (Alemanha). Bonbon Flamme, com Valentin Ceccaldi, Fulco Ottervanger e Etienne Ziemniak (França e Bélgica). Duos, com concertos e discos editados, com Fred Lonberg-Holm (EUA), Jean-Luc Guionnet (França), Julien Desprez (França), Noël Akchoté (França) e Sabir Mateen (EUA). E ainda o trio com Cene Resnik e Samuel Ber (Eslovénia e Bélgica), com atuações nos festivais de Ljubljana e Skopje.

LUÍS LOPES

[ENG]

Born in Lisbon, in 1971, guitarist-composer **Luís Lopes** is active in the fields of jazz, free improvisation, experimental music and noise.

He leads various bands that soon placed him on the international scene, such as the Humanization 4tet and the Lisbon Berlin Trio, and is a member of transnational bands such as Valentin Ceccaldi's Bonbon Flamme. He also leads larger ensembles, namely the LFU – Lisbon Freedom Unit, with nine members, and the brand new Abyss Mirrors decet. His experimental solo work ranges from the harsh noise of his *Noise Solo* to the extreme delicacy of *Love Song*. He often works in the duo format, too, having collaborated with Jean-Luc Guionnet, Fred Lonberg-Holm, Jasper Stadhouders, Noël Akchoté and Julien Desprez.

Lopes has been a regular presence at stages such as Jazz em Agosto (Lisbon), Jazz ao Centro (Coimbra), Serralves em Festa (Porto), Jazz Festival Ljubljana, Konfrontationen (Nickelsdorf), Les Soirées Tricot – Tricollectif (Paris), Festival de Jazz d'Orléans, Jazzèbre (Perpignan), Snug Harbor (New Orleans), The Stone (New York), Hideout Chicago, ausland (Berlin), Exploratorium Berlin, OCCII (Amsterdam), De Ruimte (Amsterdam), Klappfon (Basel), Win Win Zürich, Blow Out! (Oslo), Brötz Jazzklub (Gothenburg), DOM (Moscow), Free Jazz Festival Saarbrücken, Free Jazz Festival Prague, Suoni Per Il Poplo (Montreal), Artacts (St Johann in Tirol), Bezau Beatz, Météo Festival (Mulhouse), Jazzdor (Strasbourg/Berlin/Dresden), Opus Jazz Club (BMC – Budapest Music Center), Südtirol Jazzfestival (Bolzano), INSTANT Festival (Gent), Domicil (Dortmund), Saalfelden Jazzfestival, among others.

He has released albums on Clean Feed, Shhpuma, Wide Ears, Creative Sources, Ayler Records, JACC, Subcontinental, Multikulti Project, as well as his own LPZ Records, many of which were highly praised by some of the main international media, namely: *The Wire* (UK); *Citizen Jazz*, *Jazz Magazine* and *ImproJazz* (France); *Enola Magazine* (Belgium); *Downbeat*, *All About Jazz*, *Cadence Magazine*, *New York City Jazz Record* and *Signal to Noise* (USA); *Point of Departure* (Canada); *Tomajazz* (Spain); *All About Jazz Italia* (Italy); *JAZZ'N'MORE* (Germany); and *FreeForm*, *FreeJazz* (Brazil).

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The Lisbon Berlin Trio performance at the 2014 edition of Jazz em Agosto.

The projects/bands in which you are currently involved:

Abyss Mirrors, now with nine members: Helena Espvall, Maria da Rocha, Flak, Jari Marjamäki, Bruno Parrinha, Yedo Gibson, Felipe Zenicola and Travassos. The Humanization 4tet, with Rodrigo Amado, Aarón González and Stefan González. The Lisbon Berlin Trio/Quartet, with Robert Landfermann, Christian Lillinger and Rodrigo Pinheiro. Bonbon Flamme, with Valentin Ceccaldi, Fulco Ottervanger and Etienne Ziemniak. The Misanthrope Trio, with Gonçalo Almeida and Philipp Ernsting. The Fuchsia Trio, with Hernâni Faustino and João Sousa. Vine Leaf, with Bruno Parrinha and João Valinho. Solo.

Your plans/projects for the future:

Recording Abyss Mirrors' new album; releasing a new solo album (stereo guitar); performing with Bonbon Flamme at Jazzdor, the Südtirol Jazzfestival and the Saalfelden Jazzfestival and the release of a new album; residencies in Orléans and Berlin; the new Humanization 4tet album; performing with the Lisbon Berlin Quartet at the Free Jazz Festival Saarbrücken and recording a new album; performing at the Skopje Fazz Festival with Cene Resnik and Samuel Ber; the Misanthrope Trio's new album and tour; coming soon, new duo albums with guitarist Jasper Stadhouders, and drummer Jörg Schneider; recording the Fuschia Trio's debut album; releasing an album by a new trio with Audrey Lauro and Tom Malmendier soon.

An international collaboration that you would like to highlight:

The Humanization 4tet, with Rodrigo Amado, Aarón González and Stefan González (USA). The Lisbon Berlin Trio/ Quartet, with Robert Landfermann, Christian Lillinger and Rodrigo Pinheiro (Germany). Bonbon Flamme, with Valentin Ceccaldi, Fulco Ottervanger and Etienne Ziemniak (France and Belgium). Duos with Fred Lonberg-Holm (USA), Jean-Luc Guionnet (France), Julien Desprez (France), Noël Akchoté (France) and Sabir Mateen (USA). And also the trio with Cene Resnik and Samuel Ber (Slovenia and Belgium).



Nascido em Torres Vedras, em 1978, **Luís Vicente** é um trompetista português com intensa e diversa produção ao longo da última década. Pode-se dizer que desenvolve uma música centro-europeia, livre, exploratória e intrigante.

Tem construído uma carreira sólida, percorrendo as mais dinâmicas cenas musicais europeias nos últimos anos, e vários jornalistas e críticos têm escrito sobre a sua música, reconhecendo-lhe a singularidade enquanto instrumentista e compositor. O jornalista Gonçalo Frota referiu, em 2020, no jornal *Público*, que «Luís Vicente consegue manter, através do trompete, um diálogo consigo mesmo ou trocando argumentos com músicos que fazem parte da história do jazz». Já o crítico e ensaísta Rui Eduardo Paes disse que o trompetista «tem firmado o seu nome em abordagens que vão do *world jazz* à improvisação eletroacústica, parecendo um Don Cherry do século XXI».

Luís Vicente lidera um trio com Gonçalo Almeida e Pedro Melo Alves; integra um quarteto com os lendários William Parker, John Dikeman e Hamid Drake; e estreou, em 2023, com o apoio da Direção-Geral das Artes, um quarteto com John Dikeman, Luke Stewart e Onno Govaert, com o qual editou o álbum *House in the Valley*.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Em 2015, recebi um convite de Jasper Stadhouders para ir pela primeira vez aos Países Baixos, onde participaria numa residência com dez músicos excecionais. Durante uma semana, estivemos a gravar e fizemos apresentações no decorrer do Incubate Festival. Foi um momento de viragem na minha vida, havendo uma troca e comunhão muito saudável entre todas as pessoas, que me permitiu conhecer músicos da cena internacional com os quais ainda hoje mantenho contacto, seja através de grupos que temos em comum ou simplesmente colaborações que vão surgindo. Acabou por correr tudo de feição, com grande naturalidade, e prolonguei a minha estada por quase um mês, com o tempo dividido entre sessões de estúdio, gravações e concertos. Foi impactante e inesquecível.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Tenho vários projetos em nome pessoal e colaborações. Encabeço o Luís Vicente Trio, com Gonçalo Almeida e Pedro Melo Alves, e o Luís Vicente 4tet, com John Dikeman, Luke Stewart e Onno Govaert. Faço parte de um duo com Marcelo dos Reis e outro com Vasco Trilla, com quem tenho também um trio recentemente formado, com John Edwards. E outras tantas colaborações que vão constantemente brotando, de entre as quais destacaria um quarteto muito especial, com John Dikeman, William Parker e Hamid Drake.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Continuar a tocar, compor e partilhar experiências com os meus pares, mantendo o encanto e a motivação. O meu trio lançou um novo álbum em junho de 2024, e temos já datas marcadas para vários países da Europa, incluindo Portugal. Vou lançar também o segundo álbum do meu quarteto. Juntamente com Vasco Trilla, não só temos um novo álbum que, neste momento, procura editora como iremos editar, em 2025, um disco em trio com John Edwards. Há ainda planos para gravar um segundo álbum com Mark Sanders e Olie Brice, porventura com convidados, perspetivando-se uma digressão no Reino Unido.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Definitivamente, o meu quarteto com William Parker, Hamid Drake e John Dikeman. Foi uma das experiências mais marcantes que vivi, e continuam a ser incríveis todos os momentos que passámos juntos. Dois dos meus heróis, que tanto têm contribuído para a música que faço, deram-me a oportunidade de partilhar tempo com eles dentro e fora do palco: foi profundamente recompensador e tornou-me consciente de que sou um privilegiado. Tenho aprendido imenso e estou extremamente grato por isso.

LUÍS VICENTE

[ENG]

Born in Torres Vedras, in 1978, **Luís Vicente** is a Portuguese trumpeter with an intense and diverse creative output over the last decade. His music may be considered Central European, free, exploratory and intriguing.

He has built a strong career in recent years, travelling all over Europe and participating in its most dynamic musical scenes. Journalists and critics have written about his music and recognised his uniqueness as a musician and composer. In 2020, journalist Gonçalo Frota (*Público* newspaper) wrote that, «through his trumpet, Luís Vicente manages to maintain an inner dialogue or hold his own with musicians that are part of jazz history». Critic and essayist Rui Eduardo Paes stated that, «establishing himself through approaches ranging from world jazz to electroacoustic improvisation, he seems like a 21st century Don Cherry».

Vicente leads a trio with Gonçalo Almeida and Pedro Melo Alves; he's part of a quartet alongside the legendary William Parker, John Dikeman and Hamid Drake; and, in 2023, with the support of DGArtes, he released *House in the Valley*, his 4tet debut album, featuring John Dikeman, William Parker and Onno Govaert.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

In 2015, I was invited by Jasper Stadhouders to take part in a residency in the Netherlands, alongside ten exceptional musicians. For an entire week, we recorded and performed at the Incubate Festival. This was a turning point in my life: there was a very healthy exchange and communion between everybody, which allowed me to get to know musicians from the international scene with whom I'm still in touch, either through bands in which we play or simply through collaborations that keep coming about. Everything went well, and I ended up staying for almost a month, performing and recording intensely. It was an impactful and unforgettable experience.

The projects/bands in which you are currently involved:

I have various projects as a leader and collaborations. I lead a trio with Gonçalo Almeida and Pedro Melo Alves and a quartet with John Dikeman, Luke Stewart and Onno Govaert. I have a duo with Marcelo dos Reis, another with Vasco Trilla and a recently formed trio with the latter and John Edwards. Among several collaborations constantly coming about, I would highlight a quartet very dear to me, with John Dikeman, William Parker and Hamid Drake.

Your plans/projects for the future:

To keep playing, composing and sharing experiences with my colleagues, while retaining the same drive and sense of wonder. My trio has released a new album in June 2024 and we already have concerts scheduled in various European countries, including Portugal. I'm also going to release my quartet's second album. With Vasco Trilla, there's a second duo album currently looking for a label and a trio one with John Edwards, to be released in 2025. I even plan to record a second album with Mark Sanders and Olie Brice, possibly with guests, with a UK tour in mind.

An international collaboration that you would like to highlight:

My quartet with William Parker, Hamid Drake and John Dikeman was one of the most memorable experiences of my life, and I still remember fondly all the moments we shared. Two of my heroes, who have contributed tremendously to the music I make, allowed me to spend time with them both on and offstage. It was incredibly rewarding, making me very conscious that I am extremely fortunate. I've learned a lot and I'm extremely grateful for it.



Made of Bones é um grupo português composto por Duarte Fonseca (bateria), João Clemente (guitarra), Nuno Santos Dias (*Waldorf*) e Ricardo Sousa (contrabaixo). Os quatro são colaboradores há quase 20 anos e já partilharam inúmeras sessões de gravação, concertos e projetos musicais das mais diversas áreas (Slow is Possible, Sideways, Salad Ensemble, Cat in a Bag, TMR & The Sea Wolves, Japanese Ducks, Golden Dark, Peixe-Agulha, entre outros).

Desenvolvem o seu percurso musical à margem dos centros artísticos principais e movem-se ao seu próprio ritmo e balanço. Os quatro são membros fundadores do coletivo *Profound Whatever*, que vai já na 3.ª edição do seu festival e que conta com um catálogo discográfico de 75 álbuns (profoundwhateverdir.bandcamp.com).

2020 foi o ano de formação dos *Made of Bones* e, desde então, já gravaram sete álbuns, seis deles editados pela *Profound Whatever* e outro (*Handgun*) pela *Phonogram Unit*. A música que fazem é caracterizada pela espontaneidade e pela relação orgânica entre os músicos. Contém a vitalidade do rock, a espontaneidade da música improvisada e a imprevisibilidade da música experimental. Os seus concertos são marcados pela intensidade e entrega total. Em fevereiro e março de 2024, fizeram a primeira digressão internacional, viajando até à Colômbia para sessões de gravação e cinco concertos em Medellín e Bogotá.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

A nossa digressão pela Colômbia em fevereiro/março de 2024.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

TMR & The Sea Wolves; Saturation Divers; Golden Dark; Street Fight; Peixe-Agulha; Japanese Ducks; Shapeless Man.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

Continuar a criar, gravar e tocar música que passa ao lado da maioria dos ouvintes mas que adoramos fazer. *Profound Whatever*.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Destacamos duas: com os [expr] taller de práticas sonoras, coletivo com quem tocámos cinco concertos na Colômbia e com quem fizemos dois dias de sessões de gravação em estúdio (ainda em fase de mistura). Com o David John Hull (poeta e cantor inglês, que reside há mais de 30 anos em Berlim), fizemos o álbum *Paraffin Wax*.

Made of Bones is a Portuguese group composed of Duarte Fonseca (drums), João Clemente (guitar), Nuno Santos Dias (Waldorf) and Ricardo Sousa (double bass). The four have been collaborators for almost 20 years and have shared numerous recording sessions, concerts and musical projects across various genres (Slow is Possible, Sideways, Salad Ensemble, Cat in a Bag, TMR & The Sea Wolves, Japanese Ducks, Golden Dark, Peixe-Agulha, among many others).

They have been developing their musical path for several years on the fringes of the main artistic centres, moving at their own pace. All four are founding members of the *Profound Whatever* collective, which has been organising a festival for three years and has released 75 albums (profoundwhateverdir.bandcamp.com).

Made of Bones was formed in 2020 and, since then, they have recorded seven albums, six of which were released by the *Profound Whatever* label and one, *Handgun*, by the *Phonogram Unit*. Spontaneity and an organic rapport between the musicians characterise their music. It has the vitality of rock, the spontaneity of improvised music and the unpredictability of experimental music. Their concerts are known for the group's intensity and commitment to its music. In February and March 2024, they embarked on their first international tour, travelling to Colombia, for recording sessions and five concerts in Medellín and Bogotá.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Our tour in Colombia, in February/March 2024.

The projects/bands in which you are currently involved:

TMR & The Sea Wolves, Saturation Divers, Golden Dark, Street Fight, Peixe-Agulha, Japanese Ducks and Shapeless Man.

Your plans/projects for the future:

To continue creating, recording and playing music that most listeners have no idea exists but which we love making. *Profound Whatever*.

An international collaboration that you would like to highlight:

We would like to highlight two: one with [expr] taller de práticas sonoras, a collective with whom we made five concerts in Colombia and had a couple of studio recording sessions (still in the process of mixing); and another with Berlin-based English poet and singer David John Hull, with whom we recorded the album *Paraffin Wax*.



Mano a Mano é o duo dos irmãos guitarristas André e Bruno Santos, naturais do Funchal. Tudo começou porque Bruno, o mais velho (n. 1976), decidiu ser guitarrista e influenciou André, o mais novo (n. 1986), que lhe imitou os gestos. Depois de muitos anos a tocar na sala de estar, decidiram tornar a coisa séria e lançaram o seu primeiro disco, *Vol. 1*, em 2014.

Dez anos volvidos, contam com cinco álbuns editados, numa discografia diversa que reflete uma transformação desde o primeiro disco em quarteto, em que tocavam maioritariamente versões de *standards* de jazz e música popular brasileira, até ao último disco em duo, *Trilogia das Sombras*, em que tocam exclusivamente originais, numa celebração da obra e da vida da artista plástica madeirense Lourdes Castro. Usando as suas guitarras ou cordofones madeirenses, Mano a Mano criou um som singular, fruto de uma empatia musical muito grande e de duas abordagens musicais distintas que se complementam.

Nestes dez anos de existência, têm tocado em festivais e teatros de norte a sul do país e em alguns concertos fora de Portugal (Espanha, Luxemburgo, EUA e Uruguai), maioritariamente em duo mas também em formação alargada (com *ensemble* de cordofones e a cantora Rita Redshoes).

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

O concerto no Teatro Solís, em Montevideu e o destaque na revista *Downbeat* a propósito do lançamento do nosso *Vol.2*.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

André Santos: Salvador Sobral, António Zambujo, Vereda e Cantigas de Maio. Bruno Santos: Almmod Trio, Rita Redshoes, Contraconto, Septeto e Orquestra Hot Clube de Portugal.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

Neste momento, estamos a preparar um concerto de Mano a Mano com *big band*. E está já na calha um 6.º disco em duo.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Bruno Santos: com o projeto Melo/Santos, tivemos o prazer de contar com vários convidados internacionais – Benny Golson, Peter Bernstein, Paulinho Braga, Omer Avital e Jesse Davies. André Santos: as colaborações com artistas “internacionais” portugueses, como Carlos Bica, Maria João, Teresa Salgueiro, Salvador Sobral, António Zambujo, Carminho ou Ana Moura, marcaram a minha carreira.

Mano a Mano is a duo led by brothers André and Bruno Santos, from Funchal, Madeira. It all started when Bruno, the eldest (b. 1976), decided to become a guitarist, and André, the youngest (b. 1986), felt the urge to follow the steps of his idol. After many years of playing and having fun in their parents' living room, they created a band: Mano a Mano, which means both «brother to brother» and a (guitar) duel. Their first album, *Vol. 1*, was released in 2014.

Ten years and five records later, you can listen to the transformation of the band throughout its discography, from their first record in quartet, playing mostly versions of jazz standards and Brazilian popular music, until their latest duo album, *Trilogia das Sombras*, in which they play only original music, in homage to the life and artistry of the great Madeiran artist Lourdes Castro. Using not only guitars but also traditional instruments from Madeira, Mano a Mano created a peculiar sound, that is identifiable as soon as one hears the first notes played, resulting from great musical and personal empathy and two distinct personalities that complement each other.

Throughout this decade, the duo Mano a Mano has been playing in plenty of venues and festivals in Portugal and abroad (Luxembourg, Uruguay, Spain and the USA), but also with a larger ensemble (composed of a trio of traditional instruments from Madeira and singer Rita Redshoes).

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The concert at Teatro Solís, in Montevideo, and the feature in the *DownBeat* magazine about the release of our album *Vol.2*.

The projects/bands in which you are currently involved:

André Santos: Salvador Sobral, António Zambujo, Vereda and Cantigas de Maio. Bruno Santos: Almmod Trio, Rita Redshoes, Contraconto, Hot Clube de Portugal septet and orchestra.

Your plans/projects for the future:

We are currently preparing a Mano a Mano concert with a big band. And we are also preparing a 6th duo album.

An international collaboration that you would like to highlight:

Bruno Santos: with our Melo/Santos project, Filipe Melo and I enjoyed playing with several international guest artists – Benny Golson, Peter Bernstein, Paulinho Braga, Omer Avital and Jesse Davies. André Santos: collaborations with «international» Portuguese artists, such as Carlos Bica, Maria João, Teresa Salgueiro, Salvador Sobral, António Zambujo, Carminho and Ana Moura, have impacted my career.



Marcelo dos Reis nasceu em Coimbra, em 1984. É um dos mais ativos e proeminentes músicos nacionais de jazz e música improvisada.

Além de atuar nos mais conceituados festivais e salas da Europa, tem tido amplo reconhecimento: entre inúmeras referências na imprensa especializada, foi considerado músico do ano pela revista *jazz.pt*, foi por cinco vezes eleito um dos guitarristas do ano pela prestigiada *El Intruso International Critics Poll* e, mais recentemente, foi nomeado um dos mais influentes músicos da última década pela importantíssima publicação *The Free Jazz Collective*. A sua abordagem idiossincrática à guitarra faz dele uma das figuras centrais da nova música portuguesa. Explora o formato solo, lidera o seu trio Flora, desenvolve trabalho em duo com Eve Risser e Luís Vicente, e em grupos como Frame Trio, Open Field, In Layers, The Monkious, Chamber 4, Staub Quartet e Fail Better! (estes três últimos foram considerados grupos-revelação pela imprensa especializada, em anos recentes).

Marcelo dos Reis tem ainda partilhado o palco com dezenas de músicos e artistas por toda a Europa. Além do trabalho como músico performativo, compõe música para teatro e cinema, organiza o ciclo de concertos Double Bill, é curador da editora discográfica Cipsela e coordenador e docente na Academia de Música do Centro Norton de Matos.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Felizmente, muitos, mas diria toda a discografia que até agora tenho produzido e a sua excelente receção à escala mundial, bem como a possibilidade de tocar nas melhores salas por toda a Europa.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Neste momento, o meu foco está no trabalho a solo, no meu trio Flora, no quarteto Turquoise Dream, no duo com o Luís Vicente e no projeto The Monkious (que reinventa o repertório de Thelonious Monk) e, mais pontualmente, em todos os outros projetos de que faço parte.

Os seus planos/projetos para o futuro:

A edição de três discos, que serão lançados em breve: um a solo, o segundo disco do Frame Trio e a estreia discográfica do trio The Monkious.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Tenho partilhado o palco com muitos músicos internacionais, e não só, mas talvez por uma questão de validação e confirmação de muitos pensamentos musicais, e também pela transmissão de conhecimento, diria que as experiências com músicos mais antigos, como o Evan Parker, Burton Greene, Michael Moore e Carlos «Zíngaro», foram e têm sido reveladoras com o passar do tempo.

Marcelo dos Reis was born in Coimbra, in 1984. He is a prominent voice in the new generation of European improvisers, whose work has been widely acclaimed.

Besides other accolades, he was named musician of the year by the *jazz.pt* magazine, in 2017, was voted one of the guitarists of the year by the prestigious *El Intruso International Critics Poll* on five occasions and, more recently, was considered one of the most influential musicians of the last decade by the renowned *The Free Jazz Collective*. His idiosyncratic approach to the guitar renders him one of the key figures of the new Portuguese music scene. He works in the solo format, leads his own trio, Flora, plays duo with Eve Risser and Luís Vicente, and in bands such as Turquoise Dream, Frame Trio, The Monkious, Open Field, In Layers, Chamber 4, Staub Quartet and Fail Better! (the last three were recently selected among the best newcomer groups of the year by the specialized press).

Marcelo dos Reis has also shared the stage with dozens of artists and musicians throughout Europe. Alongside his work as a performer, he organizes the Double Bill concert series, works regularly as a composer for theatre companies, makes film music, runs the Cipsela record label and teaches guitar at the Academia de Música do Centro Norton de Matos, which he directs.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Thankfully, there have been plenty, but I would like to mention my discography so far, its excellent reception worldwide and the possibility of playing in the best venues across Europe.

The projects/bands in which you are currently involved:

At the moment, I'm primarily focused on my solo work, my trio Flora, the Turquoise Dream quartet, my duo with Luís Vicente and the project The Monkious (which reinvents Thelonious Monk's repertoire), as well as, secondarily, all the other projects I'm involved in.

Your plans/projects for the future:

I will soon release three new albums: a solo album, the second album of the Frame Trio and the debut album of The Monkious, also a trio.

An international collaboration that you would like to highlight:

I've been sharing the stage with many international musicians and others, but I would say that encounters with older musicians, such as Evan Parker, Burton Greene, Michael Moore and Carlos «Zingaro», have been particularly revealing over time. These have been reassuring experiences, from which I've learned a lot.



Nascida em Lisboa, em 1956, **Maria João** tem sido presença assídua nos mais conceituados festivais de jazz europeus e mundiais. Um percurso iniciado na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e que, em poucos anos, extrapolou fronteiras, fazendo dela uma das poucas cantoras portuguesas aclamadas no estrangeiro.

Com um estilo único, tornou-se uma referência no difícil e competitivo campo da música improvisada. Uma capacidade vocal notável e uma intensidade interpretativa singular valeram-lhe não só o reconhecimento internacional como a presença na galeria das melhores cantoras da atualidade. Unâimes no aplauso, crítica e público consideraram-na «uma voz levada às últimas consequências» e «uma cantora que não para de evoluir».

Além da sua parceria com Mário Laginha, Maria João gravou vários discos em nome próprio. No plano internacional, trabalhou com prestigiados nomes da música, como Aki Takase, André Mehmari, Bobo Stenson, Christof Lauer, Egberto Gismonti, Gilberto Gil, Joe Zawinul, Lauren Newton, Lenine, Guinga, Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Ralph Towner, Manu Katché, Saxofour, Brussels Jazz Orchestra e Frankfurt Radio Big Band, entre muitos outros.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Todas as vezes que posso pisar um palco e cantar, todas as vezes que canto.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

Maria João OGRE Electric: *Songs for Shakespeare*. Maria João e André Mehmari: *Algodão*. Maria João e Carlos Bica: *Close to you*. *Canções de Amor em Abril*, com André Gago.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Apresentar ao vivo o repertório dos álbuns *Close to You*, *Algodão* e *Abundância*.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Destacaria quatro: com Joe Zawinul, Guinga, André Mehmari e Egberto Gismonti.

Born in Lisbon, in 1956, **Maria João** is regularly present at the most prestigious jazz festivals worldwide. Starting her career at the Hot Clube de Portugal Jazz School, she quickly became one of the few internationally acclaimed Portuguese singers.

With a unique style, she has become a reference in the competitive field of improvisational music. Her remarkable vocal ability and unusual interpretative intensity have earned her international recognition and a place among the greatest singers of our time. Critics and audiences unanimously lauded her as «a voice pushed to the edge» and «a singer who never stops evolving».

In addition to her celebrated partnership with Mário Laginha, she has recorded several albums under her own name. Internationally, she has worked with renowned musicians from all over the world, such as Aki Takase, André Mehmar, Bobo Stenson, Christof Lauer, Egberto Gismonti, Gilberto Gil, Joe Zawinul, Laureen Newton, Lenine, Guinga, Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Ralph Towner, Manu Katché, Saxofour, Brussels Jazz Orchestra and Frankfurt Radio Big Band, among many others.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Every time I can step on stage and sing, every time I sing.

The projects/bands in which you are currently involved:

Maria João OGRE Electric: *Songs for Shakespeare*. Maria João & André Mehmar: *Algodão*. Maria João & Carlos Bica: *Close to You*. *Canções de Amor em Abril*, with André Gago.

Your plans/projects for the future:

To present the albums *Close to You*, *Algodão* and *Abundância* live.

An international collaboration that you would like to highlight:

I would like to highlight four: Joe Zawinul, Guinga, André Mehmar and Egberto Gismonti.



Desde Portugal, o país que a viu nascer, em 1985, até ao seu lar adotivo nos Países Baixos, a cantora e compositora **Maria Mendes**, natural do Porto, foi por quatro vezes nomeada para os Grammys americano e latino, pelo seu universo musical virtuoso e vibrante, assente na fusão do jazz com outras estéticas.

Aclamada pela prestigiada revista de jazz *DownBeat* como «uma cantora de jazz do mais alto nível» e com um «futuro promissor», vaticinado por Quincy Jones, Maria Mendes viu o seu último álbum, *Saudade, Colour of Love* (um casamento perfeito entre jazz e fado), figurar entre os melhores discos de 2022 da *DownBeat*, *Jazziz*, *Jazzwise* e *Jazzism*. Com quatro discos a solo, a cantora gravou e colaborou em palco com músicos e orquestras de renome internacional: Metropole Orkest, Anat Cohen, John Beasley e Brussels Jazz Orchestra. Encantou plateias em clubes e grandes palcos mundiais, incluindo a influente Concertgebouw, a Bimhuis e os festivais de jazz de Montreux e North Sea. Até à data, teve a honra de: receber quatro nomeações ao Grammy americano e Grammy latino nas categorias de Melhor Arranjo; vencer o prémio Edison Jazz (Países Baixos) na categoria de Melhor Álbum de Jazz Vocal com o seu disco *Close to Me*; ser convidada por Wayne Shorter e John Beasley para estreiar na Alemanha a obra de jazz sinfónico *Gaia*; encabeçar o cartaz do icónico Blue Note Jazz Club, em Nova Iorque; ter a sua canção *Inverso* (com a participação de Anat Cohen) a integrar a banda sonora da telenovela *Ouro Verde*, vencedora de um EMMY internacional.

Maria Mendes estudou em Nova Iorque, Bruxelas e Porto, tendo completado o mestrado em Jazz Vocal em Roterdão. Colabora ativamente com as universidades de música europeias Codarts, Conservatorium Maastricht, ArtEZ, ESMAE e Universidade Lusíada de Lisboa. O Maria Mendes Quarteto é composto por Maria Mendes (voz), Cédric Hanriot (piano), Jasper Somsen (contrabaixo) e Mário Costa (bateria).

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Quatro momentos que estão unidos pelo meu último disco: a minha segunda nomeação para o Grammy americano, ter o Hermeto Pascoal a oferecer-me uma composição especialmente escrita para o disco, a digressão do meu disco com a Metropole Orkest e receber o convite de Wayne Shorter e John Beasley para estreiar na Alemanha a obra *Gaia*, do próprio Shorter.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

Maria Mendes 4teto e Maria Mendes Band ft. Metropole Orkest.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Gravação do meu novo disco e digressão internacional com o meu quarteto, bem como colaborações com *big bands* e orquestras com o meu projeto dedicado ao fado, apontado por quatro vezes aos Grammys.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Metropole Orkest, John Beasley, Magnus Lindgren e Steven Kamperman.

From her native Portugal to her adoptive home in the Netherlands, vocalist-composer **Maria Mendes**, born in Porto, in 1985, has been nominated four times for the American and Latin Grammys, thanks to her virtuoso and vibrant musical universe, based on the fusion of jazz with other aesthetics.

Hailed by *DownBeat* as «a jazz singer of the highest order», with a «promising future» predicted by Quincy Jones, Maria Mendes has seen her latest album, *Saudade, Colour of Love* (a perfect marriage between jazz and fado), featured among the best albums of 2022 by *DownBeat*, *Jazziz*, *Jazzwise* and *Jazzism*.

Mendes has released four solo albums and toured with Grammy award winners, such as the Metropole Orkest, Anat Cohen and John Beasley, and has collaborated with the Brussels Jazz Orchestra. She has thrilled audiences worldwide, from small clubs to grand stages, including the world-renowned Concertgebouw and the Bimhuis in Amsterdam, as well as the North Sea and Montreux jazz festivals. Mendes has received four Grammy and Latin Grammy award nominations in the Best Arrangement category and won the Dutch Edison Jazz award for Best Vocal Jazz Album with her album *Close to Me*. She was invited by Wayne Shorter and John Beasley to premiere Shorter's symphonic jazz work *Gaia* in Germany, headlined the iconic Blue Note Jazz Club, in New York City, and also had her song *Inverso* (featuring Anat Cohen) included in the soundtrack of the international Emmy award-winning soap opera *Ouro Verde*.

Mendes has studied in New York, Brussels and Porto, and completed her master's degree in Jazz Vocals in Rotterdam. She collaborates actively with European music universities, such as Codarts, Conservatorium Maastricht, ArtEZ, ESMAE and Lusíada University of Lisbon. The Maria Mendes Band comprises Maria Mendes (vocals), Cédric Hanriot (piano), Jasper Somsen (double bass) and Mário Costa (drums).

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Four moments, all of which are related to my latest album: my second American Grammy nomination, the piece Hermeto Pascoal explicitly composed for the album, the album's tour with the Metropole Orkest and being invited by Wayne Shorter and John Beasley to premiere Shorter's work *Gaia* in Germany.

The projects/bands in which you are currently involved:

Maria Mendes 4tet and Maria Mendes Band ft. Metropole Orkest.

Your plans/projects for the future:

Recording my new album, touring internationally with my quartet and collaborating with big bands and orchestras with my project devoted to fado (four-time Grammy nominee).

An international collaboration that you would like to highlight:

Metropole Orkest, John Beasley, Magnus Lindgren and Steven Kamperman.



Baterista, guitarrista, produtor, compositor, engenheiro de som e fotógrafo, **Mário Barreiros**, nascido no Porto, em 1961, é provavelmente o nome mais presente na discografia de qualquer fã de música portuguesa.

Nos últimos 40 anos, poucos trabalhos de referência houve, no jazz, no rock e na pop, que não tivessem passado pelas suas mãos. Colaborou em mais de 400 discos, de que são exemplos: *Recados*, dos Jafumega; *Cores e Aromas*, de António Pinho Vargas; *Mingos & Os Samurais*, de Rui Veloso; *Viagens*, de Pedro Abrunhosa; *Impressões*, de Carlos Barretto; *O Monstro Precisa de Amigos*, dos Ornatos Violeta; *Norte*, de Jorge Palma; ou *Undercovers*, de Maria João e Mário Laginha. Enquanto instrumentista, tocou com nomes como Wayne Shorter, Lee Konitz, Frank Lacy, Al Grey, John Stubblefield, Gary Burton, David Schnitter, Andrzej Olejniczak, Steve Potts, David Liebman, Ronan Guilfoyle, Avishai Cohen, Ben van Gelder, Andy Sheppard, Perico Sambeat, Jesus Santandreu, Mariano Díaz, Abe Rábade, Antonio Serrano, François Théberge, Demian Cabaud, Rão Kyao, José Eduardo, António Pinho Vargas, José Nogueira, João Paulo Esteves da Silva, José Peixoto, Carlos Bica, Maria João, Mário Laginha, Carlos Barretto, Bernardo Sassetti, Ricardo Toscano, Pedro Moreira, Pedro Guedes, Pedro Barreiros, Mário Santos, Jorge Reis, Edgar Caramelo, Tomás Pimentel, José Pedro Coelho, Miguel Meirinhos, entre muitos outros.

É membro fundador dos Mini-Pop, dos Jafumega, da Escola de Jazz do Porto e do Quarteto e Sexteto de Mário Barreiros. Na sua discografia destacam-se *Ao Encontro* (1988), com o Sexteto Jazz de Lisboa – considerado à época o 10.º melhor grupo de jazz europeu pela Federação Internacional de Jazz –, *Dedadas* (2007), gravado com o Sexteto de Mário Barreiros, ou *Dois Quartetos Sobre o Mar* (2022), gravado com o Mário Barreiros Quarteto e elogiado pela crítica especializada e pelo público.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A participação na estreia europeia do projeto de Wayne Shorter para quinteto e orquestra no âmbito da Porto Capital Europeia da Cultura 2001.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

The Gift, Sexteto Jazz de Lisboa e Mário Barreiros Quarteto.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Edição em CD do trabalho *Na Pele da Terra*, desenvolvido no âmbito da minha tese de mestrado em Música – Interpretação Artística (MIA), na ESMAE.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

São várias: Wayne Shorter, Brian Eno, Lee Konitz, Billy Hart, Avishai Cohen, Gary Burton, Perico Sambeat, etc.

Drummer, guitarist, producer, composer, sound engineer and photographer, **Mário Barreiros**, born in Porto, in 1961, is arguably the most ubiquitous name in the discography of any Portuguese music fan.

Over the past 40 years, only a few landmark works in jazz and pop-rock have not had his contribution. He has collaborated on over four hundred albums, such as Jafumega's *Recados*, António Pinho Vargas's *Cores e Aromas*, Rui Veloso's *Mingos & Os Samurais*, Pedro Abrunhosa's *Viagens*, Carlos Barretto's *Impressões*, Ornatos Violeta's *O Monstro Precisa de Amigos*, Jorge Palma's *Norte* or Maria João and Mário Laginha's *Undercovers*, among many others. He has played with several musicians, namely Wayne Shorter, Lee Konitz, Frank Lacy, Al Grey, John Stubblefield, Gary Burton, David Schnitter, Andrzej Olejniczak, Steve Potts, David Liebman, Ronan Guilfoyle, Avishai Cohen, Ben Van Gelder, Andy Sheppard, Perico Sambeat, Jesús Santandreu, Mariano Díaz, Abe Rábade, Antonio Serrano, François Théberge, Demian Cabaud, Rão Kyao, José Eduardo, António Pinho Vargas, José Nogueira, João Paulo Esteves da Silva, José Peixoto, Carlos Bica, Maria João, Mário Laginha, Carlos Barretto, Bernardo Sasseti, Ricardo Toscano, Pedro Moreira, Pedro Guedes, Pedro Barreiros, Mário Santos, Jorge Reis, Edgar Caramelo, Tomás Pimentel, José Pedro Coelho and Miguel Meirinhos.

He is a founding member of Mini-Pop, Jafumega, the Porto Jazz School and the Mário Barreiros Quartet and Sextet. His discography includes *Ao Encontro* (1988), with the Lisbon Jazz Sextet – considered at that time the tenth-best jazz group in Europe by the International Jazz Federation –, *Dedadas* (2007), by the Mário Barreiros Sextet, and *Dois Quartetos Sobre o Mar* (2022), by the Mário Barreiros Quartet, acclaimed by both critics and audience.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Being part of the European premiere of Wayne Shorter's project for quintet and orchestra at the Porto European Capital of Culture 2001.

The projects/bands in which you are currently involved:

The Gift, the Lisbon Jazz Sextet and the Mário Barreiros Quartet.

Your plans/projects for the future:

CD edition of the work *Na Pele da Terra* and is part of my master's thesis on Music Performance, at the Porto School of Music and Performing Arts.

An international collaboration that you would like to highlight:

I would like to highlight various collaborations: Wayne Shorter, Brian Eno, Lee Konitz, Billy Hart, Avishai Cohen, Gary Burton and Perico Sambeat, among others.



Nascido em Viana do Castelo, em 1986, **Mário Costa** construiu um notável percurso musical ao longo dos anos. O seu êxito está associado a tudo o que o jazz nacional conquistou cá dentro e além-fronteiras – colaborou com vários músicos de diferentes gerações, de João Mortágua ou Hugo Carvalhais a Carlos Bica ou Mário Laginha, passando também por projetos como MAZAM, Ensemble Super Moderne, Carlos Azevedo Quarteto, Orquestra Jazz de Matosinhos, entre muitos outros. Internacionalmente, é membro do quinteto de Émile Parisien, que soma já dois registos discográficos na editora ACT: *Sfumato* (2016), álbum do ano nos prémios franceses Victoires du Jazz, e *Sfumato Live in Marciac* (2018), este último com a participação dos lendários Michel Portal, Joachim Kühn e Wynton Marsalis.

Entre outros nomes conceituados da cena jazzística internacional, Costa já partilhou o palco com John Taylor, Lionel Loueke, Metropole Orkest, John Beasley, Daniel Humair, Jason Rebello, Vincent Peirani, Michael Wolny, Théo Ceccaldi, Roberto Negro, Liudas Mockunas, Dominique Pifarély, Bojan Z e Yaron Herman. Ingressou ainda no novo quarteto do saxofonista inglês Andy Sheppard. Paralelamente ao jazz, tem sido baterista de artistas portugueses, como António Zambujo, Miguel Araújo e Ana Moura, com centenas de concertos realizados em algumas das mais prestigiadas salas do mundo.

Em 2018, lançou o álbum *Oxy Patina* (Clean Feed), acompanhado novamente por duas figuras incontornáveis do jazz europeu: Benoît Delbecq, no piano, e Marc Ducret, na guitarra. A sua estreia em nome próprio, além de inúmeras críticas internacionais, valeu-lhe a classificação máxima da revista *jazz.pt*, que lhe atribuiu ainda os títulos de Disco Nacional do Ano e Músico Nacional do Ano.

Atualmente, está a promover o seu mais recente quarteto – acompanhado por Cuong Vu (trompete), Benoît Delbecq (piano e sintetizadores) e Bruno Chevillon (contrabaixo) –, que lançou o álbum *Chromosome* e foi nomeado Grupo do Ano nos prémios RTP/Festa do Jazz 2023. No início de 2024, Costa recebeu novamente o título de Músico Nacional do Ano pela *jazz.pt*. Também o site *JazzLogical* distinguiu *Chromosome* como CD Nacional do Ano e o baterista como Músico Nacional do Ano.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Ter tocado nos palcos das mais prestigiadas salas do mundo, como, por exemplo, Sydney Opera House, Carnegie Hall, Elbphilharmonie e Berliner Philharmoniker. Ter recebido o título de Músico do Ano pela revista *jazz.pt*, em 2018 e 2023, assim como o de Grupo do Ano, em 2023, nos prémios RTP/Festa do Jazz.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Mário Costa *Chromosome* ; Dominique Pifarély Trio; Andy Sheppard Quartet *Costa Oeste*; Carlos Azevedo Quarteto; Hugo Carvalhais *Ascética*.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Escrever música nova para um novo trio com músicos internacionais. Criar um grupo com músicos portugueses. (Re)criar o meu projeto a solo natural-habitat.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A atuação do projeto *Sfumato*, de Émile Parisien, em Marciac, que contou com a participação de figuras maiores do jazz mundial, como os lendários Michel Portal, Joachim Kühn e Wynton Marsalis.

MÁRIO COSTA**[ENG]**

Born in Viana do Castelo, in 1986, **Mário Costa** has built a remarkable musical career over the years.

His success is linked to everything Portuguese jazz has achieved both within and across borders – he has collaborated with musicians from different generations, namely João Mortágua, Hugo Carvalhais, Carlos Bica or Mário Laginha, having also taken part in projects such as MAZAM, Ensemble Super Moderne, Carlos Azevedo Quarteto, Orquestra Jazz de Matosinhos, among many others. At an international level, he is a member of Émile Parisien's quintet, which has released a couple of albums for the ACT label: *Sfumato* (2016), named album of the year at the Victoires du Jazz, and *Sfumato Live in Marciac* (2018), the latter with legendary figures such as Michel Portal, Joachim Kühn and Wynton Marsalis.

Among other renowned musicians on the international jazz scene, Costa has shared the stage with John Taylor, Lionel Loueke, Metropole Orkest, John Beasley, Daniel Humair, Jason Rebello, Vincent Peirani, Michael Wollny, Théo Ceccaldi, Roberto Negro, Liudas Mockunas, Dominique Pifarély, Bojan Z and Yaron Herman. He is also part of British saxophonist Andy Sheppard's new quartet. Besides jazz, he has been the drummer of choice of Portuguese artists, such as António Zambujo, Miguel Araújo and Ana Moura, performing hundreds of concerts in some of the world's most prestigious venues.

In 2018, he released his debut album, *Oxy Patina* (Clean Feed), alongside two notable European jazz musicians: pianist Benoît Delbecq and guitarist Marc Ducret. Apart from several international reviews, *Oxy Patina* received the highest score from the *jazz.pt* magazine, which also named it National Album of the Year and Costa himself Musician of the Year.

He is currently promoting his new quartet – with Cuong Vu (trumpet), Benoît Delbecq (piano and synths) and Bruno Chevillon (double bass) –, which released the album *Chromosome* and was named Group of the Year at the 2023 RTP/Festa do Jazz Awards. In early 2024, Costa was once again named Musician of the Year by the *jazz.pt* magazine. Moreover, the *JazzLogical* website distinguished *Chromosome* as National Album of the Year and Costa as National Musician of the Year.

Q&A**A noteworthy moment in your career:**

Playing in some of the world's most prestigious venues, such as the Sydney Opera House, the Carnegie Hall, the Elbphilharmonie and the Berliner Philharmoniker. Being named Musician of the Year by *jazz.pt*, in 2018 and 2023, and receiving the Group of the Year distinction at the RTP/Festa do Jazz Awards in 2023.

The projects/bands in which you are currently involved:

Mário Costa *Chromosome*; Dominique Pifarély Trio; Andy Sheppard Quartet *Costa Oeste*; Carlos Azevedo Quarteto; Hugo Carvalhais *Ascética*.

Your plans/projects for the future:

To write new music for a trio with international musicians. To start a new band with Portuguese musicians. To (re) start a solo project: natural-habitat.

An international collaboration that you would like to highlight:

Playing in Émile Parisien's *Sfumato* project, in Marciac, alongside some of the foremost names in jazz, such as the legendary Michel Portal, Joachim Kühn and Wynton Marsalis.



Nascido em Lisboa, em 1960, **Mário Laginha** é habitualmente conotado com o mundo do jazz, com uma carreira de mais de três décadas. Mas, se é verdade que, inicialmente, seguiu um caminho predominantemente jazzístico – foi um dos fundadores do Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), criou o Mário Laginha Decateto (1987) e lidera o seu próprio trio –, o universo musical que construiu com a cantora Maria João, por exemplo, presta homenagem a toda a música de que gosta – a começar pelo jazz, mas incluindo também as músicas brasileira, indiana e africana, a pop, o rock e, claro, a clássica – a base dos seus estudos académicos e influência do seu primeiro projeto a solo, inspirado na música de Bach (*Canções e Fugas*, 2006).

Laginha desenvolveu uma forte personalidade musical e vontade de partilhar a sua arte com outros músicos e criadores. Em primeiro lugar, com Maria João, parceria que resultou num dos mais consistentes e originais projetos musicais portugueses, com mais de dez álbuns editados e centenas de concertos em salas e festivais por todo o mundo (Montreux Jazz Festival, North Sea Jazz Festival, San Sebastian Jazz Festival e muitos outros). Depois, desde o final dos anos 80 até ao presente, com o pianista clássico Pedro Burmester, com quem gravou um álbum e realizou múltiplas digressões. Até ao seu prematuro desaparecimento, Bernardo Sasseti foi também um dos seus principais colaboradores, com dezenas de concertos e dois álbuns, o segundo dos quais dedicado à música de José Afonso.

Com uma sólida formação clássica, Laginha escreveu música para diferentes formações, tais como a Hamburg Radio Big Band, Frankfurt Radio Big Band, Hannover Radio Philharmonic Orchestra, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble Casa da Música, Drumming Grupo de Percussão e a Orquestra Sinfónica do Porto. Tocou ainda, em palco e em estúdio, com músicos excecionais, entre os quais Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson, Django Bates e Helge Norbakken.

Escreve também música para cinema e teatro. Os seus trabalhos mais recentes incluem *Mongrel*, em trio com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão, com base na música de Chopin, e *Iridescente*, com Maria João, gravado na Fundação Calouste Gulbenkian. Tem ainda, desde 2012, uma parceria com o pianista brasileiro André Mehmar, duo que gravou um álbum e tocou por diversas ocasiões ao vivo no Brasil e em Portugal. No final de 2013, Laginha e o seu Novo Trio, com Miguel Amaral na guitarra portuguesa e Bernardo Moreira no contrabaixo, lançou o álbum *Terra Seca*, que explora novos caminhos para o jazz e para a música portuguesa. Em 2016, foi convidado pela Orquestra Gulbenkian para uma digressão em que tocaram o seu *Concerto para Piano e Orquestra*. Em 2017, juntamente com Julian Argüelles e Helge Norbakken, lançou o aclamado *Setembro* e, em 2020, o segundo álbum do grupo, *Atlântico*. Em 2022, editou *Jangada*, o mais recente registo do seu trio com Moreira e Frazão.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Concerto na Fundação Calouste Gulbenkian, em 2018, só com música da minha autoria (*Concerto para Piano e Orquestra* e *Concerto para Clarinete e Orquestra*).

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

O meu trio com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão; o trio LAN (Mário Laginha, Julian Argüelles e Helge Andreas Norbakken); o duo com o pianista clássico Pedro Burmester; o duo com o fadista Camané; a solo.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Gravar o próximo disco a solo e gravar o terceiro disco do LAN Trio.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O projeto LAN Trio, com dois discos editados pela Edition Records.

MÁRIO LAGINHA**[ENG]**

Born in Lisbon, in 1960, **Mário Laginha** is usually associated with the jazz world, with a career spanning over three decades. But, if it is true that he initially followed a predominantly jazzy path – he was one of the founders of the Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), created the Mário Laginha Decateto (1987) and leads his own trio –, the musical universe he has built with singer Maria João, for instance, is a tribute to all the music he loves – beginning with jazz, but also including Brazilian, Indian and African music, pop, rock and, of course, the classical basis that was present in his academic studies and that would influence his first solo project, inspired by Bach's music (*Canções e Fugas*, 2006).

Laginha has articulated his strong musical personality with a strong will to share his art with other musicians and creators. Firstly, with Maria João, which resulted in one of the most consistent and original Portuguese music projects, with over ten albums released and hundreds of concerts in venues and festivals all over the world (Montreux Jazz Festival, North Sea Jazz Festival, San Sebastian Jazz Festival and many others). Secondly, since the late 80s up to the present, with classical pianist Pedro Burmester, with whom he would record an album and tour extensively. Until his unexpected disappearance, Bernardo Sasseti was also one of Laginha's musical partners and accomplices, with dozens of concerts and two albums, the latter dedicated to José Afonso's music.

With a solid classical background, Laginha has written music for different formations, such as the Hamburg Radio Big Band, Frankfurt Radio Big Band, Hannover Radio Philharmonic Orchestra, Lisbon Metropolitan Orchestra, Remix Ensemble Casa da Música, Drumming Percussion Group and the Porto Symphonic Orchestra. He has also played, on stage and in the studio, with exceptional musicians, namely Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson, Django Bates and Helge Norbakken.

In addition, he writes music for film and theatre. More recent works include *Mongrel*, in a trio with Bernardo Moreira and Alexandre Frazão, based on music by Chopin, and *Iridescente*, with Maria João, recorded at the Calouste Gulbenkian Foundation. He also has a partnership, since 2012, with Brazilian pianist André Mehmari, a duo which has released an album and performed several concerts in Brazil and Portugal. In late 2013, Laginha and his Novo Trio, with Portuguese guitar player Miguel Amaral and double bassist Bernardo Moreira, released their album *Terra Seca*, which explores new paths for jazz and Portuguese music. In 2016, he was invited by the Gulbenkian Orchestra for a tour in which they performed his *Concerto for Piano and Orchestra*. In 2017, together with Julian Argüelles and Helge Norbakken, he released the critically acclaimed *Setembro* and, in 2020, they released a second album, *Atlântico*. 2022 saw the release of *Jangada*, Laginha's latest trio album with Moreira and Frazão.

Q&A**A noteworthy moment in your career:**

The concert at the Calouste Gulbenkian Foundation, in 2018, focused exclusively on my work, including performances of my *Concerto for Piano and Orchestra* and *Concerto for Clarinet and Orchestra*.

The projects/bands in which you are currently involved:

My trio with Bernardo Moreira and Alexandre Frazão; the LAN Trio (with Julian Argüelles and Helge Andreas Norbakken); a duo with classical pianist Pedro Burmester; a duo with fado singer Camané; solo.

Your plans/projects for the future:

To record my next solo album and the third album of the LAN Trio.

An international collaboration that you would like to highlight:

The LAN Trio project, with two albums released by Edition Records.



Nascido em 1971, **Miguel Ângelo** começou a sua trajetória musical na Tuna Musical de Fiães (a sua cidade natal), em que frequentou aulas de formação musical, guitarra e, mais tarde, contrabaixo. Embora o rock tenha inicialmente cativado o seu interesse artístico, foi o jazz que acabou por conquistar por completo a sua atenção.

Sob a orientação do contrabaixista Alberto Jorge, retomou os estudos de contrabaixo na Escola de Jazz do Porto, onde também estudou combo, com o pianista Paulo Gomes. Posteriormente, continuou a sua formação com os contrabaixistas Pedro Barreiros e António Augusto Aguiar. Alguns anos após a conclusão da licenciatura em Informática e Matemática Aplicada pela Universidade Portucalense, regressou ao ensino superior para se dedicar ao estudo do contrabaixo. Em 2008, concluiu a licenciatura em Contrabaixo/Jazz na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), onde teve oportunidade de colaborar com destacados músicos e participar em diversos *workshops*.

Atualmente, Miguel Ângelo lidera o seu trio MAU, que lançou *Utopia* (2019), e o seu quarteto, já com três álbuns editados – *Branco* (2013), *A Vida de X* (2016) e *A Dança dos Desastrados* (2021), todos aclamados pela crítica nacional e internacional. Em 2017, lançou *I think I'm going to eat dessert*, o seu primeiro álbum de contrabaixo solo, editado pela Creative Sources. É colíder dos projetos KiMiKus e MAZAM, tendo este último editado já dois álbuns: *Land* (2021) e *Pilgrimage* (2022). Integra os grupos Pedro Neves Trio, que conta com quatro álbuns editados, Carlos Azevedo Quarteto – *Serpente* (2022) –, Luís Ribeiro Sexteto – *A Invenção da Ficção* (2023) – e Rui Fernandes Quarteto. E também fez parte do coletivo MAP – que editou quatro álbuns, um dos quais em colaboração com o saxofonista norte-americano Chris Cheek – e do Ensemble Super Moderne, cujo álbum homónimo foi considerado o melhor disco de jazz nacional em 2014.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A presença em alguns festivais internacionais de jazz, como o Cairo Jazz, o Kriol Jazz Festival (Praia, Cabo Verde), o Soberao Jazz (Sevilha) e o AMR (Genebra), entre outros, e o reconhecimento do *Ensemble Super Moderne* como disco e grupo nacionais do ano, em 2014.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Miguel Ângelo Quarteto; MAU Trio; KiMiKus, em parceria com o cantor Kiko Pereira; MAZAM, coletivo com os músicos Mário Costa, Carlos Azevedo e João Mortágua; Pedro Neves Trio; Carlos Azevedo Quarteto; Luís Ribeiro Sexteto; Rui Fernandes Quarteto; Jogo de Damas.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Lançar e promover novos discos neste ano, a saber: *Modus Novos*, dos KiMiKus; *Pilgrimage Vol. II*, dos MAZAM; o segundo disco do meu trio MAU. E, claro, dar continuidade aos projetos Miguel Ângelo Quarteto e MAU Trio, assim como criar novos.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

A colaboração do coletivo MAP com o saxofonista Chris Cheek, que resultou num disco gravado ao vivo.

Born in 1971, **Miguel Ângelo** began his musical journey at the Tuna Musical de Fiães (his hometown), in which he attended music theory, guitar and, later, double bass classes. Although rock initially captivated his artistic interest, it was jazz that captured his attention completely.

Under the guidance of double bassist Alberto Jorge, he resumed his double bass studies at the Porto Jazz School, in which he also studied combo, with pianist Paulo Gomes. Later, he studied with double bassists Pedro Barreiros and António Augusto Aguiar. He also attended the Conservatoire until the 5th grade, studying with Professor Alexander Worf. Several years after completing his degree in Computer Science and Applied Mathematics at the Portucalense University, he returned to higher education to study the double bass. In 2008, he completed a bachelor's degree in Double Bass/Jazz at the School of Music and Performing Arts, in which he had the opportunity to collaborate with prominent musicians and participate in various workshops.

Miguel Ângelo currently leads his MAU trio, which debuted with *Utopia* (2019), and his quartet, with three albums to date – *Branco* (2013), *A Vida de X* (2016) and *A Dança dos Desastros* (2021), all of which were acclaimed by both national and international critics. In 2017, he released *I think I'm going to eat dessert* (Creative Sources Records), his first solo double bass album. Ângelo co-leads the projects KiMiKus and MAZAM, having released the albums *Land* (2021) and *Pilgrimage* (2022) with the latter. He is also involved in groups such as the Pedro Neves Trio, with four albums to date, the Carlos Azevedo Quartet – *Serpente* (2022) –, the Luís Ribeiro Sextet – *A Invenção da Ficção* (2023) – and the Rui Fernandes Quartet. And he was part of the MAP collective – which released four albums, including a collaboration with American saxophonist Chris Cheek – and the Ensemble Super Moderne, whose homonymous album was named best national jazz album in 2014.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Performing at some international jazz festivals, such as Cairo Jazz, Kriol Jazz, Soberao Jazz (Seville) and AMR – Genève, among others, as well as when *Ensemble Super Moderne* was named national album and group of the year, in 2014.

The projects/bands in which you are currently involved:

Miguel Ângelo Quartet; MAU Trio; KiMiKus (duo with singer Kiko Pereira); MAZAM (a quartet featuring Mário Costa, Carlos Azevedo and João Mortágua); Pedro Neves Trio; Carlos Azevedo Quartet; Luís Ribeiro Sextet; Rui Fernandes Quartet; Jogo de Damas.

Your plans/projects for the future:

To release and promote new albums this year, namely KiMiKus' *Modus Novos*, MAZAM's *Pilgrimage Vol. II* and MAU's second album. And, of course, to continue the Miguel Ângelo Quarteto and MAU Trio projects, as well as creating new ones.

An international collaboration that you would like to highlight:

The collaboration between saxophonist Chris Cheek and the MAP collective, which led to a live album.



A **Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM)** promove a criação, a investigação, a divulgação e a formação na área do jazz desde 1997 e conta com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos. Cruza ambição internacional com responsabilidade local, tendo sido distinguida com uma Medalha de Mérito Cultural pelo Governo Português, em 2017.

Enquanto orquestra nacional de jazz, apresenta repertórios de todas as variantes estéticas e épocas do jazz. Tem direção artística de Pedro Guedes e foi codirigida com Carlos Azevedo até 2021, tendo colaborado com Maria Schneider, Carla Bley, Kurt Rosenwinkel, John Hollenbeck, Carlos Bica, Mark Turner, Rich Perry, Fred Hersch, Dee Dee Bridgewater, Maria Rita, Mayra Andrade, Peter Evans, Guillermo Klein, Perico Sambeat, Guinga, entre muitos outros. Atua regularmente nas salas mais relevantes de Portugal e tem sido convidada para tocar nas principais cidades europeias – foi orquestra residente no Voll-Damm Internacional Jazz, em Barcelona, ou na Vienna Konzerthaus – e nos Estados Unidos – Blue Note, Carnegie Hall, Iridium e Birdland.

Desde 2018 que tem sede no Centro de Alto Rendimento Artístico (CARA), em Matosinhos, que é também a sua nova editora. A discografia da OJM inclui colaborações com Chris Cheek, Lee Konitz e Ohad Talmor, Kurt Rosenwinkel, Maria João, João Paulo Esteves da Silva, Rebecca Martin e Larry Grenadier e Zé Eduardo. Os seus últimos lançamentos foram o livro *Tocamos o Que Nos Apetece*, de Paulo Moura, e o disco *Músicas Brasileiras, Músicos Portugueses*, numa edição partilhada com a editora brasileira Biscoito Fino. As edições do CARA incluem ainda dois *websites* – o catálogo discográfico completo da extinta editora TOAP, disponível para escuta, e o projeto Uma Viagem Pelos Tempos do Jazz, que propõe um percurso pela história das *big bands*. Ao longo destes 27 anos, a OJM tem fomentado a criação e a difusão da arte, apoiando novos talentos, promovendo o diálogo entre arte, ciência e tecnologia, olhando sempre para o futuro.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

Em 2018, a OJM mudou-se para a sua nova casa, na Real Vinícola, em Matosinhos. É lá que está instalado o CARA, que é não só uma editora mas também um espaço com 800 m², onde se promove o diálogo entre arte, ciência e tecnologia, designadamente através de projetos multidisciplinares que visam a investigação e o desenvolvimento de soluções para a criação, fruição e disseminação de conteúdos criativos. Este espaço acolhe concertos, ensaios, gravações e iniciativas do Programa Educativo da OJM.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

Enquanto orquestra nacional de jazz, a OJM apresenta repertórios de todas as variantes estéticas e épocas do jazz. Nos últimos tempos, tem colaborado com Kurt Rosenwinkel, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Bica, Chris Cheek, Ohad Talmor, Rebecca Martin, Peter Evans, Perico Sambeat, Guillermo Klein, Kiko Freitas, Maria João, Manuela Azevedo, Mário Laginha, Rui Reininho, Zé Eduardo, Guinga, entre muitos outros. A parceria que desenvolve com a Casa da Música desde 2007 dá lugar à apresentação de dois projetos inéditos, por ano, nesta sala de concertos. Em 2024, juntou-se a Ricardo Ribeiro num destes concertos, projeto que contou com o pianista João Paulo Esteves da Silva, no piano e curadoria do concerto. Em 2024, a Orquestra concretizou um trabalho sonhado por Zuza Homem de Mello, a convite da nossa vizinha Casa da Arquitetura, e manifestado pela OJM com dois convidados muito especiais: Kiko Freitas (bateria) e Gabi Guedes (percussão). Lançará o disco *Músicas Brasileiras, Músicos Portugueses* simultaneamente em Portugal e no Brasil, pela reputada Biscoito Fino.

Este disco tem curadoria de Zuza Homem de Mello e arranjos de alguns dos mais importantes compositores brasileiros contemporâneos.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

A história, bem como o presente e o futuro da Orquestra, faz-se com os músicos que a compõem. O seu projeto maior para os próximos anos é a profissionalização de todos os músicos, dando-lhes um vínculo contratual e o valor, não só artístico, que lhes é devido.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Ao longo da última década e meia, a OJM tem partilhado o palco com o guitarrista norte-americano Kurt Rosenwinkel, dando a conhecer o disco conjunto *Our Secret World* em cidades como Nova Iorque, Barcelona, Viena, Porto, Boston, Coimbra, entre outras.

ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS

[ENG]

The **Orquestra Jazz de Matosinhos** (OJM) is an active promoter and creator of new music, backing jazz research, education and performance since 1997, with the support of the Municipality of Matosinhos. It combines an international ambition with local responsibility and was honoured with the Medal for Cultural Merit by the Portuguese Government, in 2017.

OJM is the leading national jazz orchestra, performing a repertoire of all aesthetic currents and ages of this genre. Directed by Pedro Guedes and co-directed with Carlos Azevedo until 2021, it has collaborated with Maria Schneider, Carla Bley, Kurt Rosenwinkel, John Hollenbeck, Carlos Bica, Mark Turner, Rich Perry, Fred Hersch, Dee Dee Bridgewater, Maria Rita, Mayra Andrade, Peter Evans, Guillermo Klein, Perico Sambeat, Guinga and many more. It performs regularly in Portugal's major concert halls and tours frequently in Europe – namely Barcelona, as a resident orchestra at Voll-Damm International Jazz, and Vienna Konzerthaus – and in the US – at Birdland, Iridium, Blue Note or Carnegie Hall.

OJM is currently based at CARA – High Performance Center for the Arts, in Matosinhos –, which is also its new label. OJM's discography includes collaborations with Chris Cheek, Lee Konitz and Ohad Talmor, Kurt Rosenwinkel, Maria João, João Paulo Esteves da Silva, Rebecca Martin and Larry Grenadier, Zé Eduardo, among others. Its latest releases were the book *Tocamos O Que Nos Apetece*, by Paulo Moura, and the album *Músicas Brasileiras, Músicos Portugueses*, a joint edition with the Biscoito Fino label. CARA editions also include a couple of websites – an archive that makes the complete catalogue of the extinct TOAP label available for listening, as well as a project named *Uma Viagem Pelos Tempos do Jazz*, which takes one on a journey through the history of big bands. Over its 27 years, OJM has advocated for art creation and diffusion, supporting new talents, promoting dialogue between art, science and technology, and always looking towards the future.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

In 2018, OJM moved to its new facilities, at the Real Vinícola, in Matosinhos. It is there that the CARA is based. The CARA is not just a label but also an 800 m² complex, where a dialogue between art, science and technology occurs, namely through multidisciplinary projects aimed at researching and developing creative solutions. These facilities host concerts, rehearsals, recordings and events related to OJM's educational program.

The projects/bands in which you are currently involved:

As the main national orchestra, OJM performs a repertoire of all jazz aesthetic varieties and eras. It has been recently collaborating with Kurt Rosenwinkel, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Bica, Chris Cheek, Ohad Talmor, Rebecca Martin, Peter Evans, Perico Sambeat, Guillermo Klein, Kiko Freitas, Maria João, Manuela Azevedo, Mário Laginha, Rui Reininho, Zé Eduardo, Guinga, among many others. Our partnership with Casa da Música, since 2007, gives rise to the presentation of two new projects in that concert hall every year. In 2024, Ricardo Ribeiro joined us for one of these concerts, a project featuring João Paulo Esteves da Silva on the piano and as the concert's curator. Also this year, OJM will carry out a project conceived by Zuza Homem de Mello, an invitation of the Casa da Arquitectura, featuring two very special guests: Kiko Freitas (drums) and Gabi Guedes (percussion). We will release the album *Músicas Brasileiras, Músicos Portugueses* (Brazilian Music, Portuguese Musicians) in both Portugal and Brazil, on the renowned Biscoito Fino label. This album is curated by Zuza Homem de Mello and includes arrangements by some of the most important contemporary Brazilian composers.

Your plans/projects for the future:

OJM's history, as well as its present and future, is down to the musicians it comprises. Our main goal for the coming years is to professionalise all our musicians, granting them a contract bond and the income they deserve.

An international collaboration that you would like to highlight:

Over the last fifteen years, OJM has been sharing the stage with American guitarist Kurt Rosenwinkel, presenting their collaborative album *Our Secret World* in cities such as New York, Barcelona, Vienna, Porto, Boston and Coimbra.



Nascida em 2021, na cidade que lhe deu nome, pela mão do trompetista Luís Cunha e do trombonista Sérgio Gabriel, a **Orquestra Jazz de Setúbal** (OJS) assume a formação tradicional da *big band* de jazz, contando com músicos consagrados e jovens talentos do panorama nacional no seu elenco, que se reúnem regularmente na casa de uma das mais antigas sociedades musicais portuguesas: a Capricho Setubalense.

Tendo-se estreado no ano da sua formação em concertos dedicados a nomes incontornáveis das *big bands* do jazz norte-americano, como os clarinetistas Benny Goodman e Artie Shaw ou a grande diva Ella Fitzgerald, a OJS procura, desde o início, diversificar o seu repertório, abarcando diferentes épocas e estilos musicais. São disso exemplos a colaboração com o pianista e compositor Carlos Azevedo, apresentando em 2023 repertório original do mesmo sob a sua direção, assim como a gravação e apresentação do disco *Em Cada Esquina Um Amigo*, em que a música de Zeca Afonso é interpretada em nove arranjos originais.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

O concerto com o compositor Carlos Azevedo, com repertório original do mesmo, em 2023.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

A gravação e promoção do disco *Em Cada Esquina Um Amigo*, em que a OJS toca a música de Zeca Afonso em nove arranjos originais, apresentado ao vivo em fevereiro de 2024.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

A constante diversificação do nosso repertório e inclusão de convidados, como o saxofonista norte-americano Chris Cheek. A gravação de um novo disco em 2025.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Dado o percurso ainda jovem da OJS, não contamos com colaborações com músicos internacionais – o saxofonista Chris Cheek será a nossa primeira colaboração nesse âmbito.

Founded by trumpeter Luís Cunha and trombonist Sérgio Gabriel in 2021, the **Orquestra Jazz de Setúbal** (OJS) adopts the traditional big band jazz configuration. With a line-up comprising both renowned musicians and young talents on the Portuguese scene, it regularly gathers at the historic Capricho Setubalense, one of the country's oldest musical societies.

Having debuted live with concerts devoted to key figures of American jazz big bands, such as clarinetists Benny Goodman and Artie Shaw, as well as the great diva Ella Fitzgerald, OJS has, since its inception, sought to diversify its repertoire across different eras and musical styles. Examples of such approach include the collaboration with pianist and composer Carlos Azevedo, presenting his original repertoire under his direction in 2023, and the recording and presentation of the album *Em Cada Esquina Um Amigo*, featuring nine original arrangements of music by singer-songwriter Zeca Afonso.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

A concert devoted to the music of composer Carlos Azevedo, in 2023.

The projects/bands in which you are currently involved:

The release and promotion of *Em Cada Esquina Um Amigo*, an album devoted to the music of singer-songwriter Zeca Afonso, featuring nine new arrangements and presented live in February 2024.

Your plans/projects for the future:

We will keep diversifying our repertoire and inviting special guests, such as saxophonist Chris Cheek. We will also record a new album in 2025.

An international collaboration that you would like to highlight:

Given our young trajectory, we have not yet collaborated with international musicians. Saxophonist Chris Cheek will be our first international guest.



Paula Oliveira nasceu em Coimbra, em 1966. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Coimbra, terminando o curso de Canto Clássico no Conservatório Nacional de Lisboa. Durante este tempo, amplia a sua experiência participando em seminários de música clássica e jazz: curso de Direção Coral, com Paulo Brandão; curso de Interpretação de Música Antiga, com René Jacobs; I e II Seminários de Jazz do Estoril, dirigidos pelos norte-americanos Rufus Reid e Reggie Workman.

Mais tarde, participou no curso de Interpretação de Jazz na escola Taller de Músics, em Barcelona, fazendo uma série de concertos por toda a Catalunha com um trio composto por músicos locais. Foi depois até Nova Iorque, onde participou no seminário de jazz integrado no festival JVC, na Manhattan School of Music, dirigido pelo saxofonista Phil Woods. Participou no I e no II Seminários de Jazz da Fundação Casa de Mateus, com a cantora Norma Winstone. Em 1995, regressou a Nova Iorque para estudar técnica vocal, com Taína Urrey, e treino auditivo, com o pianista Armen Donelian. Nessa altura, desenvolveu um trabalho com o trio de norte-americanos Armen Donelian (piano), David Fink (contrabaixo) e Portinho (bateria), que rodou nos clubes de Nova Iorque e, no ano seguinte (1996), em diversas cidades de Portugal.

Em 1998, gravou o seu primeiro álbum, *Paula Oliveira*, com os músicos Cliff Korman (piano), David Fink (contrabaixo) e Paulinho Braga (bateria), integrado num ciclo de música brasileira organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2003, gravou o álbum *Quase Então*, em duo com o conceituado pianista português João Paulo Esteves de Silva, com um repertório que vai desde temas compostos pelos dois até música tradicional portuguesa. Em 2005, lançou *Lisboa que Adormece*, pela Universal Music, projeto assinado em parceria com o prestigiado contrabaixista Bernardo Moreira, com um repertório de compositores e poetas das décadas de 1970 e 1980, como Ary dos Santos, Manuel Alegre, Sérgio Godinho, entre outros. Em 2007, editou *Fado Roubado*, também pela Universal Music, com direção musical de Bernardo Moreira, e no qual a poesia tem um papel central, contando com autores como Fernando Pessoa, Ary dos Santos, Zeca Afonso e Sophia de Mello Breyner. Em 2010, gravou *Raça*, pela Universal Music, com o quinteto de trombones LisBones, sob direção musical de Lars Arens.

Os seus projetos mais recentes incluem *Just in Time*, um documentário sobre a primeira geração de músicos de jazz em Portugal, *Trincadeira*, em duo com o pianista e compositor brasileiro Luiz Avellar, e *Flores de Saramago*, música original baseada na poesia de José Saramago.

Ao longo dos anos, Paula Oliveira tem participado em festivais de jazz em Portugal e no estrangeiro e em vários programas de televisão, como a *Operação Triunfo*. Já lecionou nos cursos de Jazz da Universidade de Évora e da Universidade Lusíada de Lisboa e, neste momento, integra o grupo de músicos professores da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A entrada para os tops de vendas do projeto *Lisboa que Adormece* (Universal Music, 2005), com o meu quinteto – João Moreira, Leo Tardin, Bernardo Moreira e Bruno Pedroso – e um *video clip* gravado no emblemático antigo Hot Clube de Portugal.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

Tenho apresentado, em concertos, o meu último trabalho, *Flores de Saramago*, com composições da minha autoria e poemas de José Saramago. Este projeto teve início na comemoração do 20.º aniversário do Prémio Nobel a Saramago, foi editado no centenário do seu nascimento e encerra, em 2024, com as comemorações dos 50 anos do 25 de Abril. Sou também responsável pela autoria, produção e direção artística do Festival de Música Terra dos Barcos, na ilha do Pico, que vai na 6.ª edição: uma combinação entre a arte da música e o espaço envolvente da natureza açoriana.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Está em fase de construção o projeto *As canções de Michel Legrand*, em parceria com o pianista suíço Leo Tardin – o primeiro *single* saiu a 10 de maio de 2024. Este projeto assinala o ciclo de 20 anos de concertos e edições discográficas. Estou também a preparar uma residência artística na ilha do Pico, com o meu quinteto, para um novo trabalho discográfico, cuja temática se relaciona com a natureza açoriana.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O meu primeiro trabalho discográfico, *Paula Oliveira Featuring* (1998), com o trio – Cliff Korman (piano), David Fink (contrabaixo) e Paulo Braga (bateria) – que tive o privilégio de conhecer em Nova Iorque, durante os meses que lá vivi, e com o qual me estreei na Fundação Calouste Gulbenkian, numa homenagem a Elis Regina.

PAULA OLIVEIRA

[ENG]

Paula Oliveira was born in Coimbra, in 1966. She began her musical studies at the Coimbra Conservatoire and completed the Lisbon's Conservatoire classical singing course. She also attended both classical music and jazz seminars with, among others, Paulo Brandão, René Jacobs, Rufus Reid and Reggie Workman.

Later, she took part in the jazz interpretation course at the Taller de Músics school, in Barcelona, while performing a series of concerts in Catalonia with a trio featuring local musicians. She attended further seminars: at the JVC Festival at the Manhattan School of Music, directed by saxophonist Phil Woods, and the Casa de Mateus Foundation jazz seminars, with Norma Winstone. In 1995, she returned to New York to study vocal technique, with Taína Urrey, and ear training, with pianist Armen Donelian. Back then, she worked with a trio of American musicians, featuring Armen Donelian (piano), David Fink (double bass) and Portinho (drums), playing in the New York clubs and, the following year (1996), in various cities in Portugal.

In 1998, she recorded her first album, *Paula Oliveira*, with Cliff Korman (piano), David Fink (double bass) and Paulinho Braga (drums), as part of a Brazilian music cycle organised by the Calouste Gulbenkian Foundation. In 2003, she recorded *Quase Então*, an album with the renowned Portuguese pianist João Paulo Esteves da Silva, with a repertoire ranging from original compositions by both to Portuguese folk music. In 2005, in collaboration with renowned double bassist Bernardo Moreira, she recorded *Lisboa que Adormece* (Universal Music), a project based on the work of composers and poets from the 70s and 80s, such as Ary dos Santos, Manuel Alegre, Sérgio Godinho, among others. 2007 saw the release of *Fado Roubado* (Universal Music), an album directed by Bernardo Moreira, in which poetry plays a key role, including authors such as Fernando Pessoa, Ary dos Santos, Zeca Afonso and Sophia de Mello Breyner. In 2010, she released *Raça* (Universal Music), in collaboration with the LisBones group (an ensemble of trombones and euphoniums), directed by Lars Arens.

Recent projects include *Just in Time*, a documentary about the first generation of jazz musicians in Portugal, *Trincadeira*, a duo with Brazilian pianist and composer Luiz Avellar, and *Flores de Saramago*, original music based on poetry by José Saramago.

Over the years, Paula Oliveira has taken part in several jazz festivals in Portugal and abroad, as well as in various television shows, such as *Operação Triunfo*. She has taught at the University of Évora and the Lusíada University of Lisbon and currently teaches at the Hot Clube de Portugal's Luiz Villas-Boas Jazz School.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

My project *Lisboa que Adormece* (Universal Music, 2005), featuring my quintet – João Moreira, Leo Tardin, Bernardo Moreira and Bruno Pedroso –, and a music video recorded at the iconic Hot Clube de Portugal's original venue, featured in that year's top charts.

The projects/bands in which you are currently involved:

I've been presenting my latest project, *Flores de Saramago*, featuring my own compositions and poetry by José Saramago. This project began as a celebration of the 20th anniversary of Saramago's Nobel Prize, was released at the centenary of his birth and resumes this year with the celebrations of the 50th anniversary of the 25th April revolution. I also run the Festival de Música Terra dos Barcos, at the Pico island, Azores, in which music and nature intersect, now approaching its 6th edition.

Your plans/projects for the future:

I'm working on the project *As canções de Michel Legrand*, alongside Swiss pianist Leo Tardin – its first single came out on May 10, 2024. This project marks 20 years of concerts and recordings. I'm also planning a residency at the Pico island, with my quintet, focused on a new thematic album related to Azorean nature.

An international collaboration that you would like to highlight:

My first album release, *Paula Oliveira Featuring* (1998), with the trio – Cliff Korman (piano), David Fink (double bass) and Paulo Braga (drums) – I had the privilege to meet in New York, at the time I lived there and with which I made my debut at the Calouste Gulbenkian Foundation, a concert in honour of Elis Regina.



Pianista e compositora, **Paula Sousa** nasceu em Viana do Castelo, em 1954, e começou a tocar piano clássico aos 6 anos de idade. Completou o 2.º ano do curso superior de Piano no Conservatório de Música do Porto. Vivendo nesta cidade, foi durante alguns anos professora de Educação Musical e Piano Clássico, assim como pianista acompanhadora de bailado clássico, atuando ainda como pianista noutros contextos.

Em 1982, participou na gravação do disco de Eunice Muñoz *Mulheres Poetas Portuguesas*. Entre o final dos anos 80 e os anos 90, fez parte de algumas bandas pop, com as quais gravou vários discos: Stick, Ban (*Santa e Surrealizar*), Repórter Estrábico (*Uno, Dos*) e Três Tristes Tigres (*Partes Sensíveis*). Em 2001, já a viver em Lisboa, começou a estudar Jazz na Escola Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal. Entre 2002 e o final de 2004, viveu em Boston, onde completou o diploma de Performance *Magna cum laude* na Berklee College of Music. De regresso a Lisboa, tem desenvolvido atividade de professora de Piano Jazz e Clássico e Ensemble na escola JBJazz, e também a título particular. Ao mesmo tempo, está envolvida em projetos na área do jazz, quer de *standards* quer dos seus originais. Em 2010, foi professora de Piano, Treino Auditivo e Ensemble no Instituto de Música Contemporânea da Universidade San Francisco de Quito, no Equador.

Gravou dois discos em nome próprio, com as suas composições: *Valsa Para a Terri* (edição de autor, 2008) e *Nirvanix* (JACC, 2010). Em 2008, o saxofonista norte-americano Greg Osby gravou, no seu disco *9 Levels*, um tema de Paula Sousa: *Less Tension, Please*. Em 2011 e 2012, a compositora e pianista dirigiu, em parceria com Nuno Ferreira, *workshops* de jazz na JBJazz. Desde 2013, organiza e dirige regularmente *workshops* de jazz particulares E, desde 2008, desenvolve uma parceria com a cantora Rita Maria, com quem tem feito inúmeros concertos, com repertório de originais e também de temas de outros autores. No final de 2013, foi lançado o primeiro disco de originais dos Cine Qua Non (editado pela TOAP), um coletivo que reúne Paula Sousa, João Paulo Esteves da Silva, Afonso Pais e Mário Franco.

Integra ainda o projeto Jazz no Feminino – Girls on Fire, com Sónia Cabrita, Inma Galiot, Olympia Jensen e Andreia Santos. Em 2021, juntamente com Beatriz Nunes e André Rosinha, Paula Sousa lançou, pela editora Nischo, o álbum *À Espera do Futuro*, com originais dos três músicos.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Um dos momentos assinaláveis na minha carreira foi o concerto de lançamento do meu disco de originais *Nirvanix*, no Museu do Oriente, em Lisboa, em julho de 2010. Foi um concerto com o trio de base do disco (Paula Sousa – piano e composição; Demian Cabaud – contrabaixo; Luís Candeias – bateria) e os convidados que participaram na gravação: Sara Serpa, Afonso Pais, André Matos, João Paulo Esteves da Silva e Jorge Reis. O concerto contou ainda com a participação da minha amiga Esperanza Spalding, que cantou o meu tema *Nirvanix* com a Sara Serpa.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

Atualmente, estou envolvida num trio com a Beatriz Nunes e o André Rosinha, que gravou o disco *À Espera do Futuro*, além do meu trio e quarteto de *standards* e originais da minha autoria.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Estou em fase de composição de novos temas para a gravação de um novo disco.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Esperanza Spalding e Greg Osby.

PAULA SOUSA**[ENG]**

Pianist and composer **Paula Sousa** was born in Viana do Castelo, in 1954. She started playing classical piano at 6 and completed the 2nd grade of the higher Piano diploma at the Porto Conservatory of Music. Living in Porto, she was a classical piano and music teacher for some years, accompanying a pianist in classical ballet and performing as a pianist in several other contexts.

In 1982, she participated in Eunice Muñoz's recording *Mulheres Poetas Portuguesas*. During the late 80s and through the 90s, she was a keyboardist and co-composer in many Portuguese pop bands, with which she recorded various albums: like *Stick*, *Santa* and *Surrealizar* (by Ban), *Uno, Dos* (by Repórter Estrábico) and *Partes Sensíveis* (by Três Tristes Tigres). In 2001, having moved to Lisbon, Sousa started studying Jazz at the Luiz Villas-Boas School at the Hot Club of Portugal. Between 2002 and late 2004, she lived in Boston, where she completed her Performance diploma (*Magna cum laude*) at the Berklee College of Music. Since her return to Lisbon, she has taught Classical and Jazz Piano and Ensemble at the JBJazz school and privately. She has been developing many projects in jazz, performing both standards and her own compositions. In 2010, she taught Piano, Ensemble and Ear Training at the Contemporary Music Institute at the San Francisco University in Quito (Ecuador).

Sousa has released two albums as a leader, featuring her compositions: *Valsa para a Terri* (self-released, 2008) and *Nirvanix* (JACC Records, 2010). In 2008, saxophonist Greg Osby included her piece *Less Tension, Please* in his album *9 Levels*. In 2011 and 2012, with guitarist Nuno Ferreira, she directed jazz workshops at the JBJazz school. Since 2013, she has frequently organised and directed private jazz workshops and, in 2008, she started a duo with singer Rita Maria, with whom she has often performed, either playing original music or by other composers. With João Paulo Esteves da Silva, Afonso Pais and Mário Franco, Sousa formed the Cine Qua Non collective, which released its first album in late 2013, on the TOAP label.

She is also a member of the project Jazz no Feminino – Girls on Fire, with four other women: Sónia Cabrita, Inma Galiot, Olympia Jensen and Andreia Santos. She later formed a trio with Beatriz Nunes and André Rosinha, which released its first album in 2021, *À Espera do Futuro*, on the Nischo label, featuring originals by the three musicians.

Q&A**A noteworthy moment in your career:**

One highlight of my career was the release concert of my album *Nirvanix* at the Museu do Oriente, in Lisbon, in July 2010. It was a concert with the album's core trio (Paula Sousa – piano and composition; Demian Cabaud – double bass; Luís Candeias – drums) plus the guests who took part in the recording: Sara Serpa, Afonso Pais, André Matos, João Paulo Esteves da Silva and Jorge Reis. The concert also featured my friend Esperanza Spalding, who sang the piece *Nirvanix* alongside Sara Serpa.

The projects/bands in which you are currently involved:

I'm currently working with the trio that recorded *À Espera do Futuro*, featuring Beatriz Nunes and André Rosinha, as well as with my trio and quartet, which perform standards and compositions of my own.

Your plans/projects for the future:

I've been composing pieces for a new album.

An international collaboration that you would like to highlight:

Esperanza Spalding and Greg Osby.



Nascido em 1986, em Lisboa, **Pedro Alves Sousa**, músico e artista, licenciou-se em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, em 2009. Foi membro fundador dos OTO, trio de música eletrónica improvisada, que se estreou ao vivo em 2008, na Fundação de Serralves.

Hoje em dia, apresenta o seu trabalho maioritariamente como saxofonista, mas atua também noutras áreas, como composição e produção, fotografia, escultura e *performance*. Entre 2018 e 2019, foi responsável pela gestão e programação do Bar Irreal, um bar cultural associativo, em Lisboa. Em 2016 e 2017, gravou, juntamente com Gabriel Ferrandini, Júlia Reis, David Maranhã e Alex Zhang Hungtai, as peças *RAHU* e *KETU*, que foram documentadas em vídeo no filme *Barulho, Eclipse*, de Ico Costa. No final de 2022, deu oficialmente início à sua editora de discos Futuro Familiar, com o intuito de documentar acontecimentos únicos e música com um caráter de preciosidade e cujos primeiros dois lançamentos foram *RAHU* e *KETU*, em LP. Também em 2022, lançou o álbum *Má Estrela* (da banda homónima), o seu primeiro registo discográfico em que todos os membros se encontram subordinados às suas diretivas composicionais.

Além de *Má Estrela*, Pedro Alves Sousa esteve ligado à fundação de bandas como EITR, Rajada, Falaise, Canzana, Betas, Espaço Emocional, Canibal Camy, Casa Futuro, Peter Gabriel Duo, Ferrandini-Sousa-Pinheiro trio ou Pão, e participa ainda em Caveira, Volúpia das Cinzas e Serpente. Colaborou com artistas/bandas como Evan Parker, RP Boo, Phill Niblock, Sei Miguel, Rafael Toral, Mão Morta, Alexander von Schlippenbach, Thurston Moore, Johan Berthling, Peter Evans, Marching Church, Glockenwise e Black Bombaim, e com o encenador Tiago Rodrigues. Recebeu a Bolsa Ernesto de Sousa 2014, com curadoria de Phill Niblock, para uma performance/instalação intituladas *Performance for plural larynx: A song for True*, apresentada na Experimental Intermedia Foundation e na Eyebeam, em Nova Iorque (2014), no Hällö Festspiele, em Hamburgo (2017), no FK:K/Festival for Sound – Music – Art, em Bamberg (2019), e no MAAT, em Lisboa (2023).

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

É difícil, para mim, escolher um momento particular que consiga destacar em relação aos demais, mas posso tentar enumerar alguns momentos-chave: (1) Ter ganho a Bolsa Ernesto de Sousa, em 2014, que me permitiu ir a Nova Iorque apresentar a minha instalação-performance, *Performance for plural larynx: A song for True*, na Experimental Intermedia Foundation, de Phill Niblock (que faleceu em janeiro de 2024). Pude estabelecer-me lá durante algum tempo, travar amizades e desenvolver o meu trabalho. (2) Tocar ao vivo e lançar um álbum com Thurston Moore, dos Sonic Youth. (3) A minha primeira digressão com Casa Futuro, que foi importante para me fazer sentir que o nosso trabalho tinha retorno. (4) O meu concerto a solo Calor Caluda, em 2020, durante a pandemia, no Teatro São Luiz. Foi um concerto difícil de montar e mais ainda de realizar, mas em que consegui afirmar-me numa proposta estética que misturava *performance* e instalação com música. (5) Apresentação, em 2023, da minha instalação-performance *Performance for plural larynx: A song for True* na sala oval do MAAT, com um dia do museu inteiramente dedicado à peça. (6) Apresentação da minha ópera *A Vaia Viva* no Teatro Nacional de São Carlos, no contexto da BoCA Bienal 2023.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Estou, neste momento, mais ativo em Má Estrela, que é a minha própria banda, Peter Gabriel (duo com Gabriel Ferrandini), trio com Rodrigo Pinheiro e Gabriel Ferrandini, duo com Pedro Tavares (Funcionário), duo com Violeta Azevedo, duo com Zarya. BETAS (trio com Miguel Abras e Simão Simões) e Canibal Camy (duo com Simão Simões). Estou também a produzir o segundo álbum a solo de Gabriel Ferrandini.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Acabar o meu primeiro álbum a solo. Finalizar a edição e mistura das gravações individuais com Pedro Tavares, Violeta Azevedo e Zarya. Acabar de editar o segundo álbum de Má Estrela. Conseguir financiamento e produção para a realização de uma série de composições que estou a criar para um coro de vozes em conjunto com saxofone e eletrónica. Gravar um álbum com Elias Bender Ronnenfelt. Gravar e editar uma série de composições feitas para fita de bobina.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Entre algumas das colaborações mais significativas que posso destacar contam-se os concertos e *performances* específicas com o Alex Zhang Hungtai (ex-Dirty Beaches) e outros músicos nacionais, que culminaram na edição de dois LP complementares e que foram álbuns de lançamento da minha editora de discos Futuro Familiar. Também destaco o trio Casa Futuro, com Johan Berthling (Fire!, Ghosted, Nacka Forum, Tape, Angles) e Gabriel Ferrandini, no que foi o meu primeiro álbum na Clean Feed Records e que me permitiu expandir o meu público. Um dos momentos mais curiosos que vivi no âmbito de colaborações internacionais foi a digressão com os Marching Church, banda de Elias Bender Ronnenfelt (Ice Age), que resultou numa amizade e ponte entre músicos de Copenhaga e Lisboa. Relembro ainda o meu álbum com Thurston Moore (Sonic Youth) e Gabriel Ferrandini, gravado ao vivo na Galeria Zé dos Bois, em 2012. Devo ainda destacar os concertos, *workshops* e a amizade com Evan Parker, que foi muito importante para o meu entendimento musical. Entre outros que também foram relevantes nesta ótica contam-se Peter Evans, Alexander von Schlippenbach, Phill Niblock, John Butcher, DJ Sniff, Jean-Luc Guionnet, Nobuyasu Furuya e D'incise.

PEDRO ALVES SOUSA

[ENG]

A musician and artist born in Lisbon, in 1986, **Pedro Alves Sousa** graduated in Sculpture in 2009, at the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon. He was a founding member of OTO, a trio of improvised electronic music, premiered in 2008, at the Serralves Foundation.

Currently, he presents his work mainly as a saxophonist, but also devotes himself to composition and production, photography, sculpture and performance art. Between 2018 and 2019, he was the manager and curator of Bar Irreal, a bar and cultural association in Lisbon. In 2016 and 2017, alongside Gabriel Ferrandini, Júlia Reis, David Maranhã and Alex Zhang Hungtai, he recorded the pieces *RAHU* and *KETU*, which were documented in Ico Costa's film *Barulho, Eclipse*. At the end of 2022, he launched Futuro Familiar, a record label that documents unique events and gemlike music. Its first two official LP releases were *RAHU* and *KETU*. Also in 2022, he released *Má Estrela*, the first album in which all musicians are subjected to his own compositional guidelines.

Apart from Má Estrela (named after its debut album), Pedro Alves Sousa has been involved in the foundation of bands such as EITR, Rajada, Falaise, Canzana, Betas, Espaço Emocional, Canibal Camy, Casa Futuro, Peter Gabriel Duo, Ferrandini-Sousa-Pinheiro trio and Pão, and is also a member of Caveira, Volúpia das Cinzas and Serpente. He has collaborated with artists/bands such as Evan Parker, RP Boo, Phill Niblock, Sei Miguel, Rafael Toral, Mão Morta, Alexander von Schlippenbach, Thurston Moore, Johan Berthling, Peter Evans, Marching Church, Glockenwise and Black Bombaim, as well as theatre director Tiago Rodrigues. He was awarded the 2014 Ernesto de Sousa Grant, curated by Phill Niblock, for a performance/installation called *Performance for plural larynx: A song for True*, presented in New York City (2014), at the Experimental Intermedia Foundation and the Eyebeam, the Hällo Festspiele, in Hamburg (2017), the FK:K/Festival for Sound – Music – Art, in Bamberg (2019), and the MAAT, in Lisbon (2023).

Q&A

A noteworthy moment in your career:

It's hard for me to pick a single moment, but I can mention a few pivotal ones: (1) Winning the 2014 Ernesto de Sousa Grant, which allowed me to present my performance-installation *Performance for plural larynx: A song for True* at Phill Niblock's Experimental Intermedia Foundation, in New York. I could stay there for a while, making new friends and developing my work. (2) Playing and recording a live album with Thurston Moore, from Sonic Youth.

(3) My first tour with Casa Futuro helped me realise our work was paying off. (4) My solo concert Calor Caluda, in 2020, during the pandemic, at the Teatro São Luiz, in Lisbon. Mixing performance and installation art with music, it was a tricky concert to put together and even more so to perform, but I succeeded. (5) Presenting my performance-installation *Performance for plural larynx: A song for True* in 2023, at the MAAT, in Lisbon, which devoted an entire day to the work. (6) Presenting my opera *A Vaia Viva* at the Teatro Nacional de São Carlos, in Lisbon, at the 2023 BoCA Biennial.

The projects/bands in which you are currently involved:

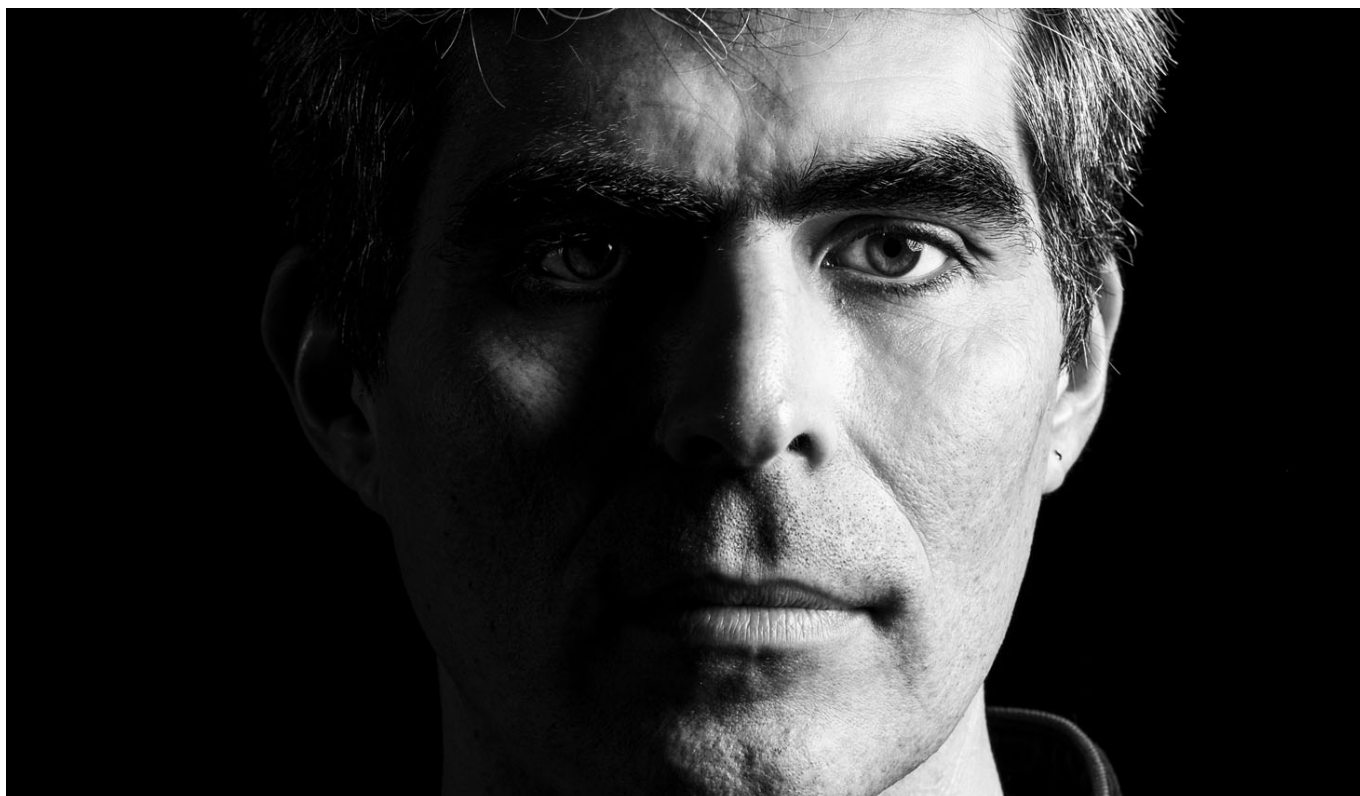
I'm currently active in various projects: my band Má Estrela, Peter Gabriel (duo with Gabriel Ferrandini), a trio with Rodrigo Pinheiro and Gabriel Ferrandini, Funcionário (duo with Pedro Tavares), duo with Violeta Azevedo, duo with Zarya, BETAS (trio with Miguel Abras and Simão Simões) and Canibal Camy (duo with Simão Simões). I'm also producing Gabriel Ferrandini's second solo album.

Your plans/projects for the future:

To put the finishing touches to my first solo album. To complete the editing and mixing of individual recordings with Pedro Tavares, Violeta Azevedo and Zarya. To round off Má Estrela's second album. To get funding for a series of compositions for a vocal ensemble, saxophone and electronics. To record an album with Elias Bender Ronnenfelt. To record and edit a series of compositions for reel-to-reel tape.

An international collaboration that you would like to highlight:

Among some of the most significant collaborations, I can highlight the concerts and performances I did with Alex Zhang Hungtai (formerly known as Dirty Beaches) and a few Portuguese musicians, which resulted in two complementary LP, the first two albums released by my label Futuro Familiar. I would also highlight my trio Casa Futuro, with Johan Berthling (Fire!, Ghosted, Nacka Forum, Tape, Angles) and Gabriel Ferrandini, which marked my first release on Clean Feed Records and allowed me to expand my audience. One of my most interesting experiences was touring with Marching Church, a band led by Elias Bender Ronnenfelt (Ice Age), which connected musicians from Copenhagen and Lisbon. Also, my album with Thurston Moore (Sonic Youth) and Gabriel Ferrandini was recorded live at the Galeria Zé dos Bois, in 2012. And I must highlight the concerts, workshops and friendship with Evan Parker, who was very important to my musical understanding. Among others who have also been relevant in this respect, I would mention Peter Evans, Alexander von Schlippenbach, Phill Niblock, John Butcher, DJ Sniff, Jean-Luc Guionnet, Nobuyasu Furuya and D'incise.



Nascido no Porto, em 1978, **Pedro Neves** é um prolífico pianista e compositor de jazz português e uma figura de destaque no panorama jazzístico nacional, quer como líder do seu trio de piano quer pela participação em vários outros projetos musicais.

Depois de algum tempo a tentar conciliar os estudos superiores em Economia com a vida profissional como pianista, decidiu dedicar-se em exclusivo à música e licenciou-se em Piano Jazz na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), no Porto. A composição surgiu naturalmente, como uma extensão do seu pensamento musical.

Nuno Catarino (*Público* e *A Forma do Jazz*) refere-se à música de Pedro Neves como «um dos mais belos e delicados jazz feitos em Portugal», reforçando a sua predisposição para escrever canções com estruturas bem definidas. Sem barreiras quanto a género ou estilo, as suas composições incorporam diversos grooves e paisagens sonoras do seu vasto espectro musical. O seu álbum de estreia, *Ausente* (2013), foi muito bem recebido em Portugal, integrando as listas de melhores discos do ano de críticos de jazz e jornalistas especializados e ainda uma lista de 13 discos indispensáveis de jazz português, publicada pela revista *Time Out* – distinções importantes num percurso discreto mas sólido e reconhecido.

Pedro Neves afirma-se como um músico com um «bom gosto melódico e um equilíbrio maravilhoso entre o *élan* rítmico e o lírico» (*Time Out*). O seu trabalho tem despertado a atenção da imprensa portuguesa e internacional, garantindo-lhe um público fiel no Japão, depois de *Ausente* ter sido incluído na prestigiada coletânea *Jazz Bar*, de Yasukuni Terashima. Após este primeiro disco, o compositor gravou *05:21* (2016), *Murmuration* (2019) e *Hindrances* (2022), enquanto líder do Pedro Neves Trio, e muitos outros, ao lado de Lucía Martínez, Mariana Vergueiro, Bruno Macedo, Sónia Pinto e Puzzle3.

A sua paixão pelo ensino mantém-no a trabalhar regularmente com as futuras gerações de músicos no Conservatório de Música da Jobra e no Conservatório de Música de Aveiro, o que o conduziu ao mestrado em Educação Musical.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Ver o meu primeiro álbum, *Ausente*, chegar ao mercado japonês e ter sido integrado na coletânea *Jazz Bar*, Vol. 15, do conceituado crítico Yasukuni Terashima.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Pedro Neves Trio e Quarteto, Lucía Martínez Quarteto, Puzzle3 Trio, Nook, Rui Fernandes, A Viola Amaranquina, Sónia Pinto e Mariana Vergueiro.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Gravar o quinto álbum do trio com um convidado internacional, iniciar um novo projeto de música original com uma formação maior (quinteto ou sexteto), gravar o novo projeto de Lucía Martínez, gravar o novo disco d'A Viola Amarantina, vários concertos no estrangeiro e colaboração em projetos internacionais.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O quarteto da Lucía Martínez, por ter sido a primeira colaboração. No primeiro disco, contámos com a colaboração da Maria João e do Perico Sambeat, o que tornou esse álbum ainda mais especial. A Lucía Martínez é uma força musical imensa, um exemplo e uma inspiração.

PEDRO NEVES

[ENG]

Born in Porto, in 1978, **Pedro Neves** is a prolific Portuguese jazz pianist and composer, well known for his acclaimed albums, either as a piano trio leader or for his contribution to the work of many fellow musicians.

After trying to reconcile his university studies in Economics with his professional life as a pianist for a while, he decided to devote himself exclusively to music, taking a degree in Jazz Piano at the School of Music and Performing Arts, in Porto. Composition emerged naturally, as an extension of his musical thinking.

Nuno Catarino (*Público* and *A Forma do Jazz*) refers to Pedro Neves' music as «some of the most beautiful and delicate jazz music made in Portugal», reinforcing his predisposition to write songs with well-defined structures. With no boundaries as to genre or style, his compositions incorporate different grooves and soundscapes from his vast musical taste. His debut album, *Ausente* (2013), was widely acclaimed in Portugal, featuring in selections by jazz critics and journalists for the best albums of the year, as well as in a 13 must-have Portuguese jazz albums' list published by the *Time Out* magazine – important signs of acknowledgment of a rather discreet but plentiful path.

Pedro Neves is said to be a musician with a «tasteful sense of melody and a marvelous balance between rhythmic and lyrical élan» (*Time Out*). His work has caught the attention of the Portuguese and international press and has granted him a faithful audience in Japan, after *Ausente* had been included in the prestigious Yasukuni Terashima's *Jazz Bar* selection. Following that debut album, Neves has recorded *05:21* (2016), *Murmuration* (2019) and *Hindrances* (2022) as leader of the Pedro Neves Trio, and many other albums, alongside Lucía Martínez, Mariana Vergueiro, Bruno Macedo, Sónia Pinto and Puzzle3.

A passionate educator, he teaches new generations of musicians at the Jobra and Aveiro conservatories, and holds a master's degree in Music Education.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Seeing my debut album, *Ausente*, reach the Japanese market and being included in the *Jazz Bar*, Vol. 15 selection, by renowned critic Yasukuni Terashima.

The projects/bands in which you are currently involved:

Pedro Neves Trio and Quartet, Lucía Martínez Quartet, Puzzle3 Trio, Nook, Rui Fernandes' A Viola Amarantina, Sónia Pinto and Mariana Vergueiro.

Your plans/projects for the future:

Record the trio's fifth album with an international guest and start a new project of original compositions for a larger ensemble (quintet or sextet). Record Lucía Martínez's new project and the new album of A Viola Amarantina. Perform several concerts abroad and take part in international projects.

An international collaboration that you would like to highlight:

Taking part in Lucía Martínez's quartet, my first collaboration with international musicians. In the first album, we were joined by Maria João and Perico Sambeat, which made it even more special. Lucía Martínez is an immense musical force, a role model and an inspiration.



Formado em 2007, por Eduardo Raon (harpa e eletrônica), Joana Sá (piano e eletrônica) e Luís J. Martins (guitarra e eletrônica), o **Powertrio** foi o laboratório de experimentação onde o trabalho de criação dos três se iniciou e onde começaram a descobrir-se enquanto vozes artísticas individuais e voz artística coletiva. Com intensa atividade nacional e internacional entre 2007 e 2015, o Powertrio tem como máxima aliar a poética e a complexidade da música contemporânea à urgência, ao imediatismo e à imersão sonora das linguagens mais sónicas do rock.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

A edição de três discos: *Di Iontan* (Clean Feed, 2014), *What We Think When We Walk and What We Walk While Thinking* (Creative Sources, 2009) e *Four Improvisations* (CENTA, 2008).

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

O Powertrio está, neste momento, em fase de criação de *50: contagem urgente*, obra que reflete sobre os 50 anos do 25 de Abril.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

A estreia de *50: contagem urgente* no Festival Música Viva, em Lisboa, e posterior gravação e edição deste mesmo trabalho.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Nada a assinalar.

Founded in 2007, by Eduardo Raon (harp and electronics), Joana Sá (piano and electronics) and Luís J. Martins (guitar and electronics), **Powertrio** was the experimentation lab where each of their creative work took off and where they began discovering themselves as individual artistic voices, as well as a collective one. Widely active both in Portugal and abroad between 2007 and 2015, Powertrio seeks to combine the poetics and complexity of contemporary music with the urgency, immediacy and sonic immersion of some of rock's more experimental idioms.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Releasing three albums: *Di Iontan* (Clean Feed, 2014), *What We Think When We Walk and What We Walk While Thinking* (Creative Sources, 2009) and *Four Improvisations* (CENTA, 2008).

The projects/bands in which you are currently involved:

We are developing *50: contagem urgente*, a work that reflects upon the 50th anniversary of the Carnation Revolution (25 April).

Your plans/projects for the future:

The premiere of *50: contagem urgente* at the Música Viva Festival, in Lisbon, and its subsequent recording and release.

An international collaboration that you would like to highlight:

None.



Ricardo Jacinto nasceu em Lisboa, em 1975. Músico, artista visual e arquiteto, com pesquisa artística e académica focada na relação entre som e território em práticas transdisciplinares. É membro fundador e diretor artístico do coletivo OSSO e realizou a sua pesquisa de doutoramento no Sonic Arts Research Centre (Queen's University Belfast).

Desde 1998, tem apresentado o seu trabalho em exposições individuais e coletivas, concertos e espetáculos em Portugal e na Europa, tendo colaborado frequentemente com outros artistas, músicos, arquitetos e *performers*. A sua música foi editada pela Clean Feed, Shhpuma Records e Creative Sources. É representado pela Galeria Bruno Múrias, e as suas instalações estão presentes em várias coleções nacionais: Fundação de Serralves, Caixa Geral de Depósitos, Fundação Leal Rios ou Coleção António Cachola. Ricardo Jacinto foi correpresentante (com Pancho Guedes) de Portugal na 10.ª Bienal de Arquitetura de Veneza 2006, e o seu trabalho foi apresentado em diferentes locais, como Culturgest (Lisboa e Porto), Fundação de Serralves, Fundação Calouste Gulbenkian, Palais de Tokyo, Mudam, Teatro Maria Matos, Museu Vostell, Casa da Música, CCB, Manifesta 08_Bienal Europeia de Arte Contemporânea, Frac Lorraine_Metz e OK Center_Linz, entre outros.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

No âmbito musical, destaco o ciclo que, em 2023, o CCB dedicou ao meu trabalho de interseção entre a música e as artes plásticas. Foi uma excelente oportunidade para tornar a ativar, reescrever e pôr em diálogo um conjunto de peças (de entre 2001 e 2022) que cruzam a minha prática musical/sonora de matriz performativa com a instalação (de matriz expositiva), e que entendi como centrais no meu percurso artístico – *Peça de Embalar*: para violoncelo, eletrónica, percussão em espelhos suspensos e luz (2001); *Atraso*: para altifalante pendular, voz, eletrónica e instrumentos acústicos (2003); *MEDUSA unit* (com peças de entre 2019 e 2022, para trompete, flauta, violoncelo, contrabaixo, harpa, piano, percussão e eletrónica); e o solo *O Rapto de Europa*: para violoncelo, eletrónica e estruturas ressonantes (2019). Para este projeto, convidei um grupo de músicos e *designers* de luz e som, que incluiu Álvaro Rosso, André Hencleeday, Eleonor Picas, João Almeida, Yaw Tembe, Manuel Pinheiro, Nuno Morão, Frederico Rompante e Suse Ribeiro.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Além do projeto a solo para violoncelo, eletrónica e objetos ressonantes, mantenho ativos o septeto MEDUSA unit (com Álvaro Rosso, André Hencleeday, Eleonor Picas, João Almeida, Yaw Tembe e Nuno Morão) e o trio The Selva (com Gonçalo Almeida e Nuno Morão), e iniciei um novo projeto, Fogo (com Nuno Morão). Mantenho ainda uma constante disponibilidade para integrar formações de improvisação livre. Como a minha pesquisa artística se situa na confluência entre música/artes sonoras e artes plásticas/arquitetura, continuo também ativo neste domínio, com presença em espaços expositivos e performativos mais ligados à arte contemporânea.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Lancei recentemente o meu segundo álbum a solo e estou a preparar um conjunto de novas peças para o segundo álbum de MEDUSA unit. O trio The Selva continuará a apresentar ao vivo o seu último álbum, *Camarão-Girafa*. Estamos também a trabalhar em novas peças para o quinto álbum, que contamos gravar no final deste ano. Apresentarei em breve um novo projeto para violoncelo solo, eletrónica e estruturas ressonantes. Neste âmbito, preparo ainda a edição de um livro sobre a minha prática artística com projetos entre 1998 e 2023, em que música, som, escultura, desenho e arquitetura partilham as suas fronteiras.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Destaco a participação no quarteto de cordas beat the odds (dois violoncelos e dois contrabaixos amplificados), dirigido por Pascal Niggenkemper, comigo e a Elisabeth Coudoux nos violoncelos e o Pascal e a Félicie Bazelaire nos contrabaixos. Entre 2016 e 2019, fizemos algumas digressões na Europa, dando corpo à linguagem musical deste quarteto, em que a preparação dos instrumentos de cordas com dispositivos de percussão e fricção motorizados foi a base para uma música que cruza a improvisação livre com o experimentalismo eletroacústico e o *drone*. Foi editado um único registo fonográfico do projeto com peças gravadas ao vivo (SUBRAN#06), e ficaram incríveis memórias de múltiplos concertos no circuito europeu do jazz e da música experimental, nomeadamente em Berlim (Aufsturz), Zagreb (Mocvara), Ljubljana (Gromka), Zurique (WIM), Munique (Offene Ohren), Wuppertal (ORT), Bonn (In Situ Art Society) e Colónia (Stadtgarten).

RICARDO JACINTO

[ENG]

Ricardo Jacinto was born in Lisbon, in 1978. Musician, visual artist and architect, with artistic and academic research focused on the relationship between sound and territory in transdisciplinary practices. He is a founding member and artistic director of the collective OSSO and holds a PhD from the Sonic Arts Research Centre (Queen's University Belfast).

Since 1998, he has presented his work in individual and collective exhibitions, concerts and performances in Portugal and Europe, and has collaborated extensively with other artists, musicians, architects and performers. His music was edited by Clean Feed, Shhpuma Records and Creative Sources. Jacinto is represented by Galeria Bruno Múrias, and his installations are present in several national collections: Serralves Foundation, Caixa Geral de Depósitos, Fundação Leal Rios or Coleção António Cachola. He was co-representative (alongside Pancho Guedes) of Portugal at the 10th Venice Biennale of Architecture 2006, and his work was showcased in different places, such as Culturgest (Lisbon and Porto), Serralves Foundation, Calouste Gulbenkian Foundation, Palais de Tokyo, Mudam, Teatro Maria Matos, Museo Vostell, Casa da Música, CCB, Manifesta 08_European Biennial of Contemporary Art, Frac Lorraine_Metz and OK Center_Linz, among others.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

In the musical domain, I would like to highlight the cycle that, in 2023, the CCB (Centro Cultural de Belém) devoted to my work of intersection between music and visual art. It was an excellent opportunity to resume various pieces (composed between 2001 and 2022) in which my musical/sonic/performative practice and my work in installation art merge, and which I understood as central to my artistic path – *Peça de Embalar*: for cello, electronics, percussion on hanging mirrors and light (2001); *Atraso*: for pendulum speaker, voice, electronics and acoustic instruments (2003); *MEDUSA unit* (with pieces composed between 2019 and 2022): for trumpet, flute, cello, double bass, harp, piano, percussion and electronics; and the solo performance *O Rapto de Europa*: for cello, electronics and resonant structures (2019). For this project, I invited a team of musicians and sound designers, such as Álvaro Rosso, André Hencleeday, Eleonor Picas, João Almeida, Yaw Tembe, Manuel Pinheiro, Nuno Morão, Frederico Rompante and Suse Ribeiro.

The projects/bands in which you are currently involved:

Alongside my solo project for cello, electronics and resonant objects, I remain active with the septet MEDUSA unit (with Álvaro Rosso, André Hencleeday, Eleonor Picas, João Almeida, Yaw Tembe and Nuno Morão) and the trio The Selva (with Gonçalo Almeida and Nuno Morão). I've just started a new project called Fogo (with Nuno Morão). I'm also constantly available for different collaborations in free improvisation. My artistic research focuses on the intersection between music/sound art and visual art/architecture; so I remain active in the latter domain, presenting my work in contemporary art contexts, namely exhibitions and performances.

Your plans/projects for the future:

I have recently released my second solo album, and I am preparing a new set of pieces for the Medusa Unit. The Selva will keep presenting live its latest album, *Camarão-Girafa*. We are also working on new pieces for our fifth album, which we plan to record later this year. I will soon present a new project for solo cello, electronics and resonant structures.

Besides, I am preparing a book on my artistic practice between 1998 and 2023, in which music, sound, sculpture, drawing and architecture intersect.

An international collaboration that you would like to highlight:

I would highlight my experience with the beat the odds string quartet (with two cellos and two double basses, amplified), directed by Pascal Niggenkemper, with Elisabeth Coudoux and myself on cello and Pascal and Félicie Bazelaire on double bass. We did European tours between 2016 and 2019, developing the quartet's language, merging free improvisation, electroacoustic experimentalism and drone. A live recording of the project (SUBRAN#06) was released. I keep many wonderful memories from several concerts we did throughout the European jazz and experimental music circuit, namely in Berlin (Aufsturz), Zagreb (Mocvara), Ljubljana (Gromka), Zurich (WIM), Munich (Offene Ohren), Wuppertal (ORT), Bonn (In Situ Art Society) and Köln (Stadtgarten).



Rodrigo Amado nasceu em Lisboa, em 1964.

Nomeado, pelo 10.º ano consecutivo, pela prestigiada El Intruso International Critics Poll, como um dos cinco melhores saxofonistas tenor em atividade, ao lado de Evan Parker, Joe Lovano, Charles Lloyd, Ken Vandermark, Jon Irabagon, Ivo Perelman, James Brandon Lewis, Chris Potter ou Ingrid Laubrock, Amado editou, em 2022, dois novos álbuns – *Refraction Solo* (Trost), o seu primeiro registo a solo, e *Love Ghosts* (No Business), o terceiro álbum de The Attic.

Em 2023, estreou finalmente o seu novo quarteto *all star*, The Bridge, partilhado com três nomes de topo da *free music* – Alexander von Schlippenbach, Ingebrigt Haker Flaten e Gerry Hemingway – editando *Beyond the Margins* (Trost), álbum aclamado unanimemente pelo público e pela crítica como uma peça-chave da nova improvisação europeia. Com The Bridge, com o seu quarteto americano, à frente dos Motion Trio ou integrado no Humanization Quartet, Amado realizou, nos últimos anos, inúmeras digressões na Europa e nos Estados Unidos, tendo passado por salas de referência, como o Snug Harbor, em Nova Orleães, Hideout, em Chicago, The Stone, em Nova Iorque, Bimhuis, em Amesterdão, DOM, em Moscovo, Quasimodo, em Berlim, Stadtgarten, em Colónia, Jazz House, em Copenhaga, Cafe Oto, em Londres, Pardon, To Tu, em Varsóvia, De Singer, em Antuérpia, Manufaktur, em Estugarda, ou a State Philharmonic Hall, em Oradea. Viu o seu trabalho elogiado em publicações internacionais de prestígio, como a revista *The Wire* ou os jornais *El País* e *Folha de São Paulo*.

Com uma série de novos projetos previstos para 2025, Rodrigo Amado afirma-se, cada vez mais, como um dos mais destacados improvisadores europeus. O crítico e escritor canadiano Stuart Broomer sublinha, nas *liner notes* que escreveu para *This Is Our Language*, que «Amado é um mestre emergente de uma grande tradição, mais evidente a cada nova gravação ou concerto».

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Nomeado durante dez anos consecutivos como um dos cinco mais importantes saxofonistas tenor em atividade, à escala mundial, pela El Intruso International Critics Poll (64 críticos de 18 países), sendo ainda nomeado, em 2023, nas categorias de Músico do Ano e Álbum do Ano.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Rodrigo Amado The Bridge. Rodrigo Amado This Is Our Language Quartet. The Attic. Rodrigo Amado Refraction Quartet. Rodrigo Amado/Chris Corsano Duo.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Continuar a desenvolver o meu percurso como um dos mais importantes músicos de jazz europeus. Expandir a rede de contactos internacionais e conquistar apoios para realizar mais digressões em países como os Estados Unidos (onde já toquei extensivamente), Canadá e Japão.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Rodrigo Amado The Bridge, com Alexander von Schlippenbach, Ingebrigt Håker Flaten e Gerry Hemingway. Rodrigo Amado This Is Our Language Quartet, com Joe McPhee, Kent Kessler e Chris Corsano. Rodrigo Amado Northern Liberties, com Thomas Johansson, Jon Rune Strøm e Gard Nilssen. Rodrigo Amado Motion Trio, com Peter Evans. Rodrigo Amado Searching for Adam, com Taylor Ho Bynum, John Hébert e Gerald Cleaver.

RODRIGO AMADO

[ENG]

Rodrigo Amado was born in Lisbon, in 1964.

Nominated, for the tenth consecutive year, by the prestigious El Intruso International Critics Poll, as one of the five best active tenor saxophonists, alongside Evan Parker, Joe Lovano, Charles Lloyd, Ken Vandermark, Jon Irabagon, Ivo Perelman, James Brandon Lewis, Chris Potter or Ingrid Laubrock, Amado released two new albums in 2022 – *Refraction Solo* (Trost), his first solo record, and *Love Ghosts* (No Business), The Attic's third album.

In 2023, he finally debuted his new all-star quartet, The Bridge, shared with three top names in free music – Alex von Schlippenbach, Ingebrigt Haker Flaten and Gerry Hemingway, releasing *Beyond the Margins* (Trost), an album unanimously acclaimed by both audience and critics as a key work in new European improvisation. With The Bridge, with his American quartet, leading his Motion Trio or as part of the Humanization Quartet, Amado has toured extensively in Europe and the United States over the last few years, appearing at leading venues, such as Snug Harbor, in New Orleans, Hideout, in Chicago, The Stone, in New York, Bimhuis, in Amsterdam, DOM, in Moscow, Quasimodo, in Berlin, Stadtgarten, in Cologne, Jazz House, in Copenhagen, Cafe Oto, in London, Pardon, To Tu, in Warsaw, De Singer, in Antwerp, Manufaktur, in Stuttgart or the State Philharmonic Hall, in Oradea. He saw his work praised in leading international publications, such as *The Wire* magazine or *El País* and *Folha de São Paulo* newspapers.

With new projects planned for 2025, Amado increasingly establishes himself as one of Europe's leading improvisers. As Canadian critic and writer Stuart Broomer says in his liner notes for *This Is Our Language*, «Amado is an emerging master of a great tradition, more apparent with each new recording or performance».

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Being nominated for ten years in a row as one of the five most important active tenor saxophonists in the world, by the El Intruso International Critics Poll (64 critics from 18 countries), and also being nominated in the Musician of the Year and Album of the Year categories in 2023.

The projects/bands in which you are currently involved:

Rodrigo Amado The Bridge. Rodrigo Amado This Is Our Language Quartet. The Attic. Rodrigo Amado Refraction Quartet. Rodrigo Amado/Chris Corsano Duo.

Your plans/projects for the future:

To continue developing my path as one of the foremost European jazz musicians. To expand my network of international connections and gain support for touring more in countries such as the USA (where I have played extensively), Canada and Japan.

An international collaboration that you would like to highlight:

Rodrigo Amado The Bridge, with Alexander von Schlippenbach, Ingebrigt Håker Flaten and Gerry Hemingway. Rodrigo Amado This Is Our Language Quartet, with Joe McPhee, Kent Kessler and Chris Corsano. Rodrigo Amado Northern Liberties, with Thomas Johansson, Jon Rune Strøm and Gard Nilssen. Rodrigo Amado Motion Trio, with Peter Evans. Rodrigo Amado Searching for Adam, with Taylor Ho Bynum, John Hébert and Gerald Cleaver.



Reconhecido como um dos músicos e pianistas mais destacados na cena portuguesa de improvisação livre, experimental e *free jazz*, **Rodrigo Pinheiro**, residente em Lisboa, destaca-se pela abordagem versátil à música, navegando com facilidade por diversos géneros e idiomas musicais. Tem uma carreira de mais de duas décadas, marcada por contribuições significativas no domínio da improvisação livre, incluindo o seu papel no projeto RED trio. As suas gravações foram aclamadas como alguns dos melhores álbuns de jazz do ano por publicações de renome, como *The Wire*, *Público*, *New York City Jazz Record* e *jazz.pt*.

Rodrigo Pinheiro iniciou a sua jornada musical aos 5 anos, na Covilhã, onde nasceu, em 1973, começando os estudos musicais no conservatório local. Mais tarde, estudou improvisação sob a orientação de mentores como Carlos «Zíngaro», Peter Kowald, Günter Müller, Nuno Rebelo e Patrick Brennan. Além das *performances*, o seu trabalho abrange a composição para cinema e teatro, demonstrando a sua versatilidade criativa. As suas colaborações, incluindo trabalhos com artistas internacionalmente reconhecidos como John Butcher, Axel Dörner, Mattias Ståhl, Nate Wooley, Joe McPhee, Thomas Lehn, Keir Neuringer, Lotte Anker, Peter Evans e muitos outros, conduziram a trocas enriquecedoras e a novas explorações musicais. Tocou em Portugal, EUA, Países Baixos, Alemanha, Áustria, Rússia, Lituânia, Polónia, Sérvia, Roménia e Noruega.

Os seus projetos atuais incluem o quinteto hyper.object, o trio Linae, o trio Cloud at Rest e um duo com Pedro Carneiro, além do trabalho contínuo a solo. Em 2022, fundou a Phonogram Unit, uma editora sediada em Lisboa, dedicada à promoção de música experimental, improvisada e eletroacústica.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Talvez o concerto duplo que dei no dia 5 de agosto de 2022, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, no festival Jazz em Agosto. Na primeira parte, toquei em duo com o Pedro Carneiro, em que fizemos a apresentação do nosso disco *Kinetic Études*, e, na segunda parte, toquei com o *ensemble* Seven Story Mountain, de Nate Wooley.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvido:

Linae, com João Almeida no trompete, Vasco Furtado na bateria e comigo no piano. Duo com Pedro Carneiro na marimba e comigo no piano. hyper.object, quinteto com João Almeida no trompete, Carlos Santos na eletrónica, Hernâni Faustino no contrabaixo, João Valinho na bateria e comigo no piano. Cloud at Rest, trio com Pedro Sousa no saxofone, Gabriel Ferrandini na bateria e comigo no piano.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Vou começar a trabalhar com um novo quarteto, com Rodrigo Amado no saxofone, Hernâni Faustino no contrabaixo, Gabriel Ferrandini na bateria e comigo no piano. Tenho dois discos que planeio lançar em breve: o primeiro com José Lencastre no saxofone, Dirk Serries na guitarra e comigo no piano; o segundo com Diogo Alexandre na bateria, João Hasselberg na eletrônica e comigo no piano. Espero também começar a trabalhar na gravação do meu disco a solo.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Uma das colaborações que mais me influenciaram foi com o saxofonista inglês John Butcher, com quem toquei em muitos concertos com o RED trio. Esta parceria deu origem a dois discos: *Empire* (NoBusiness, 2011) e *Summer Skyshift* (Clean Feed, 2016).

RODRIGO PINHEIRO

[ENG]

Recognised as one of the most prominent musicians and pianists on the Portuguese free improvised, experimental and free jazz scenes, **Rodrigo Pinheiro**, a Lisbon-based artist, embodies a versatile approach to music, seamlessly navigating through different genres and idioms. Significant contributions in the field of free improvisation mark his career, spanning over two decades, including his role in the RED trio project. Notable publications – *The Wire*, *Público*, *New York City Jazz Record* and *jazz.pt* – have acclaimed his recordings as some of the year's best jazz albums.

Beginning his musical journey at the age of 5, in Covilhã, where he was born, in 1973, Rodrigo Pinheiro embarked on foundational studies at the local conservatoire, later studying improvisation under the guidance of mentors like Carlos «Zíngaro», Peter Kowald, Günter Müller, Nuno Rebelo and Patrick Brennan. Beyond performance, his work spans composing for film and theatre, reflecting his creative versatility. His collaborations, including work with internationally recognised artists such as John Butcher, Axel Dörner, Mattias Ståhl, Nate Wooley, Joe McPhee, Thomas Lehn, Keir Neuringer, Lotte Anker, Peter Evans and many others, have led to meaningful exchanges and new musical explorations. His performances have taken him across Portugal, the USA, the Netherlands, Germany, Austria, Russia, Lithuania, Poland, Serbia, Romania and Norway.

Current projects include the quintet hyper.object, the trio Linae, the trio Cloud at Rest and a duo with Pedro Carneiro, alongside his ongoing solo work. In 2022, he founded Phonogram Unit, a Lisbon-based label dedicated to promoting experimental, improvised and electro-acoustic music.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Perhaps the double concert I gave on August 5, 2022, at the Grand Auditorium of the Calouste Gulbenkian Foundation, during the Jazz em Agosto festival. In the first part, I played in a duo with Pedro Carneiro, presenting our album *Kinetic Études*, and in the second, I took part in Nate Wooley's Seven Storey Mountain ensemble.

The projects/bands in which you are currently involved:

Linae, featuring João Almeida on trumpet, Vasco Furtado on drums and myself on piano. A duo with Pedro Carneiro on marimba and myself on piano. hyper.object, a quintet with João Almeida on trumpet, Carlos Santos on electronics, Hernâni Faustino on double bass, João Valinho on drums and myself on piano. Cloud at Rest, a trio with Pedro Sousa on saxophone, Gabriel Ferrandini on drums and myself on piano.

Your plans/projects for the future:

I am starting to work with a new quartet, with Rodrigo Amado on saxophone, Hernâni Faustino on double bass, Gabriel Ferrandini on drums and myself on piano. I'm planning to release two new albums soon: one with José Lencastre on saxophone, Dirk Serries on guitar and myself on piano; and another with Diogo Alexandre on drums, João Hasselberg on electronics and myself on piano. I'm also starting to work on the recording of my solo album.

An international collaboration that you would like to highlight:

One collaboration that strongly influenced me was with English saxophonist John Butcher, with whom I played several concerts with the RED trio. This partnership resulted in two albums: *Empire* (NoBusiness, 2011) and *Summer Skyshift* (Clean Feed, 2016).



Nascida em Lisboa, em 1979, **Sara Serpa** é uma cantora, compositora e improvisadora que, através da sua música e *performance*, explora o uso da voz como um instrumento.

Tem trabalhado no campo do jazz e da música improvisada e experimental desde que se estabeleceu em Nova Iorque, em 2008. Descrita pelo *New York Times* como «uma cantora com uma postura elegante e cosmopolita» e pela revista *JazzTimes* como «uma mestra das atmosferas sem palavras», produziu e lançou dez álbuns enquanto líder, sendo os mais recentes *Night Birds* (2023), *Intimate Strangers* (2021) e *Recognition* (2020). Foi eleita Rising Star Female Vocalist pela *DownBeat* Critics Poll, em 2019, e pela *NPR* Jazz Vocalist, em 2020.

Sara Serpa ensina na New School, em Nova Iorque. Entre 2019 e 2022, foi artista residente no Park Avenue Armory, naquela cidade, e recebeu a NYFA Artist Fellowship (2022), o Copland's Recording Fund (2022), a USArtists Grant, da Mid Atlantic Arts Foundation (2022 e 2021), e o Herb Alpert/Ragdale Prize in Composition (2021). Tem estado envolvida ativamente nas questões de igualdade de género na música e é cofundadora (juntamente com Jen Shyu) da Mutual Mentorship for Musicians (M3), uma organização criada para empoderar e elevar mulheres e músicos não-binários.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

Tocar no Village Vanguard com Greg Osby, em 2008. A edição do disco *Camera Obscura*, com Ran Blake, em 2010. Tocar no Village Vanguard com Linda May Han Oh, em 2022.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

The Glass Hours, projeto de Linda May Han Oh. Sara Serpa & André Matos. Floating City, projeto de Erik Friedlander. Sara Serpa Trio, com Ingrid Laubrock e Erik Friedlander.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Lançamento do disco *Encounters and Collisions*, com Ingrid Laubrock, Erik Friedlander e Angelica Sanchez. Digressão na Europa com André Matos.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

As colaborações com Ran Blake e Linda May Han Oh.

A native of Lisbon, **Sara Serpa**, born in 1979, is a Portuguese singer, composer and improviser, who explores the use of the voice as an instrument through her practice and performance.

Serpa has worked in jazz and improvised and experimental music since moving to New York, in 2008. Described by the *New York Times* as «a singer of silvery poise and cosmopolitan outlook» and by the *JazzTimes* magazine as «a master of wordless landscapes», she has produced and released ten albums as a leader, the latest being *Night Birds* (2023), *Intimate Strangers* (2021) and *Recognition* (2020). She was voted 2019 Rising Star Female Vocalist by the *DownBeat* Critics Poll, as well as 2020 *NPR* Jazz Vocalist.

Sara Serpa teaches at The New School, in New York. Between 2019 and 2022, she was Artist-In-Residence at Park Avenue Armory, in that city, and a recipient of the NYFA Artist Fellowship (2022), the Copland's Recording Fund (2022), the USArtists Grant from the Mid Atlantic Arts Foundation (2022 and 2021) and the Herb Alpert/Ragdale Prize in Composition (2021). She has been active in gender equity in music and is the co-founder (along with fellow musician Jen Shyu) of Mutual Mentorship for Musicians (M3), an organisation that aims to empower and elevate women and non-binary musicians.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Playing at the Village Vanguard with Greg Osby, in 2008. The 2010 album *Camera Obscura*, with Ran Blake. Playing at the Village Vanguard with Linda May Han Oh, in 2022.

The projects/bands in which you are currently involved:

The Glass Hours, by Linda May Han Oh. Sara Serpa & André Matos. Floating City, by Erik Friedlander. Sara Serpa Trio, with Ingrid Laubrock and Erik Friedlander.

Your plans/projects for the future:

The release of my new album *Encounters and Collisions*, featuring Ingrid Laubrock, Erik Friedlander and Angelica Sanchez. A European tour with André Matos.

An international collaboration that you would like to highlight:

Those with Ran Blake and Linda May Han Oh.



Natural de Lisboa, **Sofia Borges** é uma percussionista, compositora e improvisadora, que se tem destacado em diversos projetos internacionais.

Como *performer* a solo e ao lado de vários artistas nas áreas da música contemporânea, improvisada, *free jazz* e *global music*, atuou em inúmeros festivais internacionais, tais como: Jazzfest, Ulrichsberg Kaleidophon, CTM Festival, Hamburger Klangwerkstage, Klangwerkstatt (Alemanha), Jazz no Parque (Portugal), WOMAD (Espanha, Austrália, Reino Unido e Nova Zelândia), Percpan – Panorama Percussivo Mundial, Women Voices (Taiwan), Cork Choral Festival, nomeadamente na Suíça, Estónia, Países Baixos, França, Polónia, EUA e Macau. Nas suas composições e *performances*, Sofia Borges combina instrumentos tradicionais com instrumentos por ela própria criados, frequentemente utilizando configurações eletroacústicas.

Começou a tocar percussão na adolescência, recebendo formação inicial em bateria, percussão, jazz, música orquestral e de câmara na Escola de Música do Conservatório Nacional e no Hot Club de Portugal. Posteriormente, expandiu os seus estudos para incluir composição, música eletrónica e multimédia na Escola Superior de Música de Lisboa e na Hochschule für Musik und Theater Hamburg (Alemanha).

Como improvisadora, Sofia Borges é particularmente ativa na cena berlinense e tem realizado digressões pela Europa, em *performances* a solo e colaborações com músicos proeminentes, recebendo elogios da crítica pelas suas atuações. Utiliza uma paleta sonora distinta e em constante evolução, que inclui instrumentos de percussão complementados por uma grande variedade de objetos do quotidiano, ferramentas, *hardware*, caixas de música e brinquedos, criando paisagens sonoras diversas e inesperadas.

É membro do quinteto SORBD desde a sua fundação, em 2019, e colabora com diversos músicos, como Axel Dörner, Craig Taborn, Mat Maneri, Robyn Schulkowsky, Ignaz Schick, Sanem Kalfa, Signe Emmeluth, Nick Dunston, Joakim Rainer, Camila Nebbia e Stefanie Egedy. Participa frequentemente em projetos multidisciplinares, desempenhando papéis tanto de intérprete como de compositora. Colaborou com coreógrafos de renome, como Meg Stuart e Alexis Blake, e integra o *ensemble* de teatro musical Sounding Situations. Em 2019, Sofia Borges recebeu uma encomenda da Bauhaus Dessau Foundation para criar uma obra musicoteatral destinada a crianças e jovens, como parte das celebrações do centenário desta instituição histórica.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

O lançamento do meu primeiro disco a solo, o duplo álbum eletroacústico *Trips & Findings*.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

O meu projeto a solo nas suas diversas configurações eletroacústicas, o quinteto SORBD, o trio Borges, Rainer & Dunston, o trio SLOTSCH e o duo Sofia Borges & Camila Nebbia, entre outros.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Tenho vários projetos discográficos em fase de produção, incluindo o meu próximo álbum a solo, assim como o primeiro disco do duo Sofia Borges & Camila Nebbia. Estou a preparar um novo duo com Brad Henkel e a compor para um novo quarteto. Nos últimos meses, tenho-me dedicado a desenvolver um *setup* eletroacústico, que pretendo estrear em breve.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

O quarteto com Craig Taborn, Mat Maneri e Nick Dunston, na edição de 2022 do Jazzfest Berlin.

SOFIA BORGES**[ENG]**

Born in Lisbon, **Sofia Borges** is a percussionist, composer and improviser, who has gained prominence through many international projects.

As a solo performer, and in collaboration with various artists from the fields of contemporary classical music, free improvisation, free jazz and global music, she has performed at multiple international festivals, including Jazzfest Berlin, Ulrichsberger Kaleidophon, CTM Festival, Hamburger Klangwerkstage, Klangwerkstatt (Germany), Jazz no Parque (Portugal), WOMAD (Spain, Australia, the UK and New Zealand), Percpan – Panorama Percussivo Mundial, Women Voices (Taiwan), Cork Choral Festival, namely in Switzerland, Estonia, the Netherlands, France, Poland, Macau and the USA. Her compositions and performances bring together traditional and custom-made instruments and electronic configurations.

Sofia Borges has been playing percussion since she was a teenager, receiving early training in drums, percussion, jazz, chamber and orchestral music at the Lisbon Conservatory and the Hot Club Jazz School (Portugal). She later expanded her studies into composition, computer music and multimedia at the Lisbon College of Music and the Hochschule für Musik und Theater Hamburg (Germany).

As an improviser, she is particularly active on the Berlin scene and has toured throughout Europe, for solo performances and collaborations with prominent musicians, receiving critical praise for her work. She performs using a distinguished sound palette that is constantly evolving, incorporating a selection of percussion instruments complemented by a wide variety of everyday objects, tools, hardware, music boxes and toys, creating diverse and unexpected sonic landscapes.

Borges has been a member of the SORBD quintet since its inception, in 2019. She collaborates with a range of musicians and improvisers, including Axel Dörner, Craig Taborn, Mat Maneri, Robyn Schulkowsky, Ignaz Schick, Sanem Kalfa, Signe Emmeluth, Nick Dunston, Joakim Rainer, Camila Nebbia and Stefanie Egedy, frequently engaging in multidisciplinary projects as a performer and composer. She has collaborated with renowned choreographers, such as Meg Stuart and Alexis Blake, and the musical theatre ensemble Sounding Situations. In 2019, for its 100th anniversary, the Bauhaus Dessau Foundation commissioned a stage work from her, aimed at younger audiences.

Q&A**A noteworthy moment in your career:**

The release of my first solo record, the double electro-acoustic album *Trips & Findings*.

The projects/bands in which you are currently involved:

My solo project in its various electro-acoustic configurations, the SORBD quintet, the Borges, Rainer & Dunston trio, the SLOTSCH trio and the Sofia Borges & Camila Nebbia duo, among others.

Your plans/projects for the future:

I'm currently producing several albums, including my next solo album and the first one of my duo with Camila Nebbia, SORBD. I'm also preparing a new duo with Brad Henkel and composing for a new quartet. Over the last few months, I've been writing for an electro-acoustic setting I plan to launch soon.

An international collaboration that you would like to highlight:

The quartet with Craig Taborn, Mat Maneri and Nick Dunston, at the 2022 Jazzfest Berlin.



Trompetista, improvisadora e compositora do Porto, nascida em 1979, **Susana Santos Silva** tem sido, nos últimos anos, considerada pela imprensa internacional como uma das vozes mais fortes e emergentes do jazz contemporâneo e da música improvisada. «Uma das improvisadoras mais interessantes do mundo», segundo a *DownBeat*. Com uma abordagem singular, que surge de um largo espectro de influências, da música clássica e contemporânea ao jazz e à arte sonora, Susana interessa-se por desafiar os limites do instrumento e explorar novas formas de expressão dentro da música, assim como explorar criativamente a dissolução de fronteiras de percepção, género e meio.

No final de 2022, lançou, pela editora sueca Thanatosis, o seu quarto disco a solo, *All The Birds And A Telephone Ringing*, em que aborda extensivamente o uso de gravações de campo. Além do seu trabalho a solo, mantém colaborações em duo com Fred Frith, Torbjörn Zetterberg (também em trio com Hampus Lindwall), Kaja Draksler e em quarteto com esta última, Mette Rasmussen e Ada Rave (Hearth). Nos últimos dois anos, tem colaborado com Anthony Braxton, em trio e quarteto. As gravações de seis concertos desse trio acabam de ser editadas pela New Braxton House Records, parte de uma coletânea de dez discos. Susana Santos Silva trabalha, desde 2022, com o Ictus Ensemble e integra a ópera *Don Giovanni's Inferno*, do compositor Simon Steen-Andersen.

Interessada em descobrir outras formas de arte, faz parte do projeto do coreógrafo e bailarino francês Nêmo Flouret e tem uma nova colaboração com a coreógrafa e bailarina portuguesa Vera Mantero. Muito solicitada, partilhou o palco com Mats Gustafsson, Hamid Drake, Ellen Arkbro, C.C. Hennix, Evan Parker, Chris Cutler, Paul Lovens, Mat Maneri, Joëlle Léandre, Sven-Åke Johansson, Angles e a Trondheim Jazz Orchestra, entre muitos outros.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na sua carreira:

A digressão em trio com o Anthony Braxton: seis concertos que foram gravados e estão agora editados numa coletânea de dez discos.

Os projetos/grupos em que está atualmente envolvida:

Solo. Duo com Fred Frith. Duo com Kaja Draksler. Duo com Torbjörn Zetterberg. Duo com Hampus Lindwall. Trio com Torbjörn Zetterberg e Hampus Lindwall. Hearth (quarteto com Mette Rasmussen, Kaja Draksler e Ada Rave). Muitos outros como *sidewoman*.

Os seus planos/projetos para o futuro:

Um projeto com a coreógrafa e bailarina Vera Mantero.

Uma colaboração com músicos internacionais que considere importante e que tenha tido impacto na sua carreira:

Fred Frith.

Susana Santos Silva is a trumpeter, improviser and composer from Porto, born in 1979. Over the last few years, the international press has considered her one of the strongest emerging voices in contemporary jazz and improvised music. «One of the most exciting improvisers in the world», according to *DownBeat*. With a singular approach that comes out of a comprehensive spectrum of influences, from contemporary classical music to jazz and sound art, she is interested in expanding the sonic possibilities of her instrument and exploring new forms of musical expression, as well as creatively exploring the dissolution of boundaries of perception, genre and media.

At the end of 2022, Susana Santos Silva released her fourth solo album, *All The Birds And A Telephone Ringing*, on the Swedish label Thanatosis, in which she relies extensively on the exploration of field recordings. Besides her solo work, she has collaborations in a duo with Fred Frith, Torbjörn Zetterberg (also in a trio with Hampus Lindwall), Kaja Draksler and in a quartet with the latter, Mette Rasmussen and Ada Rave (Hearth). She toured with Anthony Braxton in trio and quartet, in the last two years. The recordings of six concerts by this trio are now released on New Braxton House Records, part of a 10-CD box. Since 2022, she has been working with the Ictus Ensemble and is also part of the *Opera Don Giovanni's Inferno*, by composer Simon Steen-Andersen.

Following her desire to discover other forms of art, Susana Santos Silva recently started to work on a project by the French choreographer and dancer Nêmo Flouret and has a new collaboration with the Portuguese choreographer and dancer Vera Mantero. She has been playing with an array of different projects and musicians, such as Mats Gustafsson, Hamid Drake, Ellen Arkbro, C.C. Hennix, Evan Parker, Chris Cutler, Paul Lovens, Mat Maneri, Joëlle Léandre, Sven-Åke Johansson, Angles and the Trondheim Jazz Orchestra, to name a few.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The tour I did with Anthony Braxton: six concerts that were recorded and are now available as part of a 10-disc box set.

The projects/bands in which you are currently involved:

Solo. Duo with Fred Frith. Duo with Kaja Draksler. Duo with Torbjörn Zetterberg. Duo with Hampus Lindwall. Trio with Torbjörn Zetterberg and Hampus Lindwall. Hearth (a quartet with Mette Rasmussen, Kaja Draksler and Ada Rave). Many others as sidewoman.

Your plans/projects for the future:

A project with choreographer and dancer Vera Mantero.

An international collaboration that you would like to highlight:

Fred Frith.



Poderia querer dizer «The Greatest Band» («A Melhor Banda do Mundo»), mas, neste caso, o acrónimo refere-se apenas aos instrumentos: tuba, guitarra e bateria.

Os **TGB** são um trio formado, em 2003, por alguns dos mais aclamados músicos em Portugal: Sérgio Carolino (tuba), Mário Delgado (guitarra) e Alexandre Frazão (bateria). Lançaram o seu primeiro álbum (*Tuba, Guitarra e Bateria*) em 2004, pela Clean Feed. Desde então, têm-se mantido fiéis à editora, lançando *Evil Things* (2010), *III* (2019) e *Room 4* (2024).

Nos seus últimos dois álbuns, apresentam uma música idiossincrática, sem fronteiras e inabalável, definida por esta combinação instrumental invulgar. Misturam jazz, rock, folk, country e muito mais. Os TGB expandiram de tal maneira os seus horizontes e com resultados tão *sui generis* que já não podem ser classificados, reinventando o seu próprio espaço numa ode à liberdade de criar música. Tudo serve o propósito desta aventura, desde a busca de prazer na experiência coletiva ao desafio de expectativas.

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

Os 20 de anos de longevidade do trio, com uma discografia muito bem representada na editora Clean Feed.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

Sérgio Carolino: GB; KOLIZIO brass sextet; Yamaha Tuba Duo; The Postcard Brass Band; XL DUO; COLOR WHEEL ENSEMBLE e R'B & Mr.SC. Mário Delgado: TGB; Mário Delgado Filacteria; Lokomotiv; Sexteto Bernardo Moreira e Quarteto de Desidério Lázaro. Alexandre Frazão: TGB; Mário Laginha Trio; Júlio Resende Fado Jazz; Ensemble e Led On.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

O lançamento do quarto disco, *Room 4*, pela editora Clean Feed, e os concertos relacionados com este novo disco.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Sérgio Carolino: ter colaborado em concerto e gravação com o músico Ray Anderson no Festival Gravíssimo, em 2023. Mário Delgado: ter colaborado no grupo de Andy Sheppard em vários concertos, entre os quais o da Festa do Jazz em 2020. Alexandre Frazão: as parcerias, no tempo dos Dead Combo, com Marc Ribot e Mark Lanegan.

It could mean «The Greatest Band», but, in this case, the abbreviation only refers to the instruments (in Portuguese): tuba, guitar and bateria (drums).

TGB is a trio formed, in 2003, by some of the most acclaimed musicians in Portugal: Sérgio Carolino (tuba), Mário Delgado (guitar) and Alexandre Frazão (drums). They released their first album (*Tuba, Guitarra e Bateria*) in 2004, on Clean Feed Records. Since then, they have remained faithful to the great record label and released *Evil Things*, in 2010, *III*, in 2019, and *Room 4*, in 2024.

With their last two albums, they emerged with idiosyncratic music, without borders and unassailable, defined by such unusual instrumentation. They mix jazz, rock, folk, country and much more. TGB expanded their horizons in such a way and with such *sui generis* results that they went beyond any possibility of being classified, reinventing their own space in an ode to the freedom to create music. Everything serves the purpose of this adventure, from the pursuit of pleasure in collective experience to the challenge of expectations.

Q&A

A noteworthy moment in your career:

The trio's longevity (we've been active for 20 years now) and discography on the great Clean Feed label.

The projects/bands in which you are currently involved:

Sérgio Carolino: GB; KOLIZIO brass sextet; Yamaha Tuba Duo; The Postcard Brass Band; XL DUO; COLOR WHEEL ENSEMBLE and R'B & Mr.SC. Mário Delgado: TGB; Mário Delgado Filacteria; Lokomotiv; Sexteto Bernardo Moreira and Quarteto de Desidério Lázaro. Alexandre Frazão: TGB; Mário Laginha Trio; Júlio Resende Fado Jazz; Ensemble and Led On.

Your plans/projects for the future:

Releasing our fourth album, *Room 4*, on the Clean Feed label, and presenting it live in concert.

An international collaboration that you would like to highlight:

Sérgio Carolino: a concert and recording collaboration with Ray Anderson at the Gravíssimo festival, in 2023.
Mário Delgado: playing in Andy Sheppard's group in several concerts, including one at the Festa do Jazz in 2020.
Alexandre Frazão: the Dead Combo collaborations with Marc Ribot and Mark Lanegan.



Os **The Rite of Trio** juntaram-se em 2013 para alterar a configuração esférica do planeta Terra. Seis anos depois do internacionalmente aclamado *Getting All The Evil Of The Piston Collar!* (2015), os incontestáveis mestres do *jambacore* – André B. Silva (guitarras elétrica e acústica), Pedro Melo Alves (bateria e eletrônica) e Filipe Louro (contrabaixo e baixo elétrico), músicos do Porto – voltam a atacar com um poderoso novo álbum, *Free Development of Delirium*, em que elevam ao máximo o seu conceito musical pós-pós-modernista, absurdo, irónico, cínico, *in your face* e, sim, piroclástico.

A música é feita de escombros de vanguardas passadas, oriundas do jazz, da música clássica contemporânea, do metal, do punk e de outras referências da contracultura. O resultado é, tal como o título promete, um delírio de sons e de formas. Tudo isto tem um efeito provocatório em faixas como *You Won't Mind If We Laugh* e *Ego.Death*, gera confusão em *C2H3Cl3O2* e faz-nos acreditar que ainda há espaço para algo diferente, descomprometido, dedicado e novo. Os The Rite of Trio podem estar constantemente a iludir as nossas expectativas e os nossos sentidos, mas a música é muito séria e vai, com certeza, tocar-nos de formas agradáveis, embora um tanto estranhas e inesperadas. Preparados para este ataque sónico?

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

A participação no festival 12 Points, em Dublin, em 2018. Isto porque foi na edição de 2012 desse mesmo festival, decorrida no Porto, que o nosso projeto The Rite of Trio criou as suas fundações. Assim, após alguns anos de sucessivas candidaturas para o *showcase*, foi finalmente em 2018 que tivemos o prazer de participar e de apresentar o nosso disco de estreia, *Getting All The Evil Of The Piston Collar!*, que, além de uma calorosa receção, nos trouxe imensas oportunidades internacionais de concerto nos anos seguintes.

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

André B. Silva: The Rite of Trio, Mt. Meru, The Guit Kune Do, André B. Silva Trio. Filipe Louro: The Rite of Trio, Unsafe Space Garden, Salto, João Mortágua AXES, Orquestra de Jazz de Matosinhos, Memória de Peixe. Pedro Melo Alves: The Rite of Trio, Pedro Melo Alves' Omniae Large Ensemble, Luís Vicente Trio, Surma, Alma Tree, HIIT, MOORIS, Conundrum, Memória de Peixe, in ígma, Bad Company, João Pais Filipe/Pedro Melo Alves.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

Vamos editar o nosso terceiro álbum de originais, com a participação de um coro.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Em The Rite of Trio, nunca se proporcionou a possibilidade de colaboração com músicos internacionais convidados, além da cantora Aubrey Johnson, que substituiu Beatriz Nunes aquando da nossa *performance* em Nova Iorque.

The Rite of Trio got together in 2013, to change the spherical configuration of planet Earth. Six years after the release of the internationally acclaimed *Getting All The Evil Of The Piston Collar!* (2015), the uncontested masters of *jambacore* – André B. Silva (electric and acoustic guitars), Pedro Melo Alves (drums and electronics) and Filipe Louro (double bass and electric bass), musicians from Porto – strike again with a powerful new album, *Free Development of Delirium*, in which they give full throttle to their nonsensical, ironic, cynical, in-your-face and, indeed, pyroclastic post-postmodernist musical concept.

The music is made of the debris of past avant-gardes, coming from jazz, contemporary classical music, metal, punk and some other front lines of counter-cultural expression. As the title promises, the result is a delirium of sounds and forms. It provokes us, as in tracks such as *You Don't Mind if We Laugh* and *Ego.Death*, confuses us in *C2H3Cl3O2* and makes one believe there's still space for something different, free, committed and new. The Rite of Trio may be playing us around, but the music is damn serious and it will, for sure, affect you in pleasant, though somewhat strange, ways. Are you ready for this sonic assault?

Q&A

A noteworthy moment in your career:

In 2018, taking part in the 12 Points festival, in Dublin. It was during this festival's 2012 edition, held in Oporto (Portugal), that our project was born. So, after applying for the showcase for a few consecutive years, we finally had the chance to take part in it and present our debut album, *Getting All The Evil Of The Piston Collar!*. Apart from our enthusiastic reception there, this brought us several international concert opportunities in the following years.

The projects/bands in which you are currently involved:

André B. Silva: The Rite of Trio, Mt. Meru, The Guit Kune Do, André B. Silva Trio. Filipe Louro: The Rite of Trio, Unsafe Space Garden, Salto, João Mortágua AXES, Orquestra de Jazz de Matosinhos, Memória de Peixe. Pedro Melo Alves: The Rite of Trio, Pedro Melo Alves' Omniae Large Ensemble, Luís Vicente Trio, Surma, Alma Tree, HIIT, MOORIS, Conundrum, Memória de Peixe, in igma, Bad Company, João Pais Filipe/Pedro Melo Alves.

Your plans/projects for the future:

We will release our third album of original music, featuring a choir.

An international collaboration that you would like to highlight:

Our band has not yet collaborated with international guests other than singer Aubrey Johnson, who replaced Beatriz Nunes at our performance in New York City.



Vera Moraes (n. 1995) e **Hristo Goleminov** (n. 1997) são dois jovens músicos naturais do Porto, que vivem em Amesterdão, cidades onde desenvolveram o seu interesse pela música improvisada, que materializam neste invulgar duo de voz e saxofone tenor. A sua música é uma constante descoberta da simbiose entre a poesia e a improvisação musical, que toma caminhos diferentes a cada concerto. Desenvolvem uma abordagem colaborativa à criação musical, baseada na interpretação de textos e construção de estruturas formais, deixando muito espaço à improvisação.

Em setembro de 2022, lançaram o seu álbum de estreia, *Consider the Plums* (Carimbo Porta-Jazz), assente em interpretações da poesia de William Carlos Williams, que lhes valeu elogios da crítica nacional e internacional, tendo sido considerado um dos 20 álbuns nacionais do ano pela *jazz.pt*. Foi também destaque nos programas de rádio *Cinco Minutos de Jazz*, de José Duarte, e *Império dos Sentidos* (Antena 2) e *De Jazzdelta* (Países Baixos). Têm-se apresentado enquanto duo em vários festivais europeus, como o 12.º Festival Porta-Jazz, Fuir Som e Space Festival (Portugal), Bezau Beatz e Eunic Musikfest (Áustria) ou Sofia Music Weeks (Bulgária).

QUESTIONÁRIO

Um momento assinalável na vossa carreira:

Vera Moraes: a encomenda que recebi da Porta-Jazz para um *ensemble* a estrear no 14.º Festival Porta-Jazz, no âmbito do projeto Ensemble Mutante. Hristo Goleminov: o lançamento do meu primeiro disco como líder, *Ground Wire* (BIMHUIS Records, 2023).

Os projetos/grupos em que estão atualmente envolvidos:

Vera Moraes: duo com Hristo Goleminov, duo com Marcos Cavaleiro, Vera Moraes EUPNEA, Vera Moraes Ensemble Mutante, Novelo Vago, LIÇO, Galatea, Mané Fernandes *matriz_motriz* e Queer Choir Amsterdam. Hristo Goleminov: Vera Moraes & Hristo Goleminov, Hristo Goleminov Ground Wire, Ben van Gelder *Manifold*, Ilia Rayskin Introspections, Ilia Rayskin Mn3mosyne, Siebren Smink Areia, BvR Flamenco Big Band, Jort Terwijn *Önder*, Vazio e Octaedro.

Os vossos planos/projetos para o futuro:

Neste momento, estamos a trabalhar no nosso segundo disco, que planeamos gravar em breve. Estamos também a trabalhar com o coletivo Orbits, em Amesterdão, na organização de festivais e ciclos de concertos de música improvisada. Vera Moraes: também gostaria de lançar a música que escrevi para o Ensemble Mutante, bem como acabar de escrever música para um possível álbum de estreia do meu *ensemble* de vozes e flautas, EUPNEA. Hristo Goleminov: estou a planear mais concertos para o meu octeto (Ground Wire) e a escrever música para um novo projeto ainda não anunciado.

Uma colaboração com músicos internacionais que considerem importante e que tenha tido impacto na vossa carreira:

Vera Morais: o Ensemble Mutante, não só pelo fator internacional mas por juntar pessoas de universos musicais distintos; cruzamento destas experiências e linguagens e a possibilidade de apresentar o resultado nas condições que a Porta-Jazz nos ofereceu ajudaram a música a florescer em total liberdade.

Hristo Goleminov: o projeto Manifold, do saxofonista holandês Ben van Gelder – é música muito bela, escrita para órgão de tubos, voz, 3 sopros, contrabaixo e bateria; temos tocado em igrejas e catedrais incríveis nos últimos meses.

VERA MORAIS & HRISTO GOLEMINOV

[ENG]

Vera Morais (n. 1995) e **Hristo Goleminov** (n. 1997) are two young musicians from Porto, currently based in Amsterdam. Their interest in improvised music, which flourished in these two cities, comes to life in this unusual voice and tenor saxophone duo. Their music stems from the merging of poetry and (musical) improvisation. They have developed a collaborative approach to music-making, which consists of text interpretation and construction of formal structures, much of the remainder, if not everything else, being open to improvisation, thus taking different paths at each concert.

Their debut album, *Consider the Plums* (Carimbo Porta-Jazz, 2022), based on interpretations of poetry by William Carlos Williams, received international critical acclaim and was included in the top 20 albums of the year by the *jazz.pt* magazine (Portugal). It was also featured in the radio programmes *Cinco Minutos de Jazz*, by José Duarte, and *Império dos Sentidos* (Antena 2, Portugal) and *De Jazzdelta* (the Netherlands). The duo has performed in several festivals, such as the 12th Porta-Jazz Festival, Fluir Som and Space Festival (Portugal), Bezaú Beatz and Eunic Musikfest (Austria) or Sofia Music Weeks (Bulgaria).

Q&A

A noteworthy moment in your career:

Vera Morais: the commission I received from the Porta-Jazz association for an ensemble to be premiered at their 14th festival, in the context of the Ensemble Mutante project. Hristo Goleminov: releasing my debut album as a leader, *Ground Wire* (BIMHUIS Records, 2023).

The projects/bands in which you are currently involved:

Vera Morais: duo with Hristo Goleminov, duo with Marcos Cavaleiro, Vera Morais EUPNEA, Vera Morais Ensemble Mutante, Novelo Vago, LIÇO, Galatea, Mané Fernandes *matriz_motriz* and Queer Choir Amsterdam. Hristo Goleminov: Vera Morais & Hristo Goleminov, Hristo Goleminov Ground Wire, Ben van Gelder *Manifold*, Ilia Rayskin Introspections, Ilia Rayskin Mn3mosyne, Siebren Smink Areia, BvR Flamenco Big Band, Jort Terwijn *Önder*, Vazio and Octaedro.

Your plans/projects for the future:

We are currently working on our second album, which we plan to record soon. We are also working with the Orbits collective, in Amsterdam, organising improvised music festivals and concert cycles. Vera Morais: I would also like to release the music I've written for the Ensemble Mutante and resume writing for my vocal and flute ensemble (EUPNEA), possibly with its debut album in mind. Hristo Goleminov: I'm planning my Ground Wire octet's next concerts and writing new music for a forthcoming project.

An international collaboration that you would like to highlight:

Vera Morais: the Ensemble Mutante, which allowed me to connect people from different countries and musical domains; the conditions provided by the Porta-Jazz association allowed the music to develop with total freedom. Hristo Goleminov: Ben van Gelder's *Manifold* project, which features beautiful music written for pipe organ, voice, winds, double bass and drums; we have been playing in magnificent churches and cathedrals over the last few months.

JAZZ PANORAMA PORTUGAL

Edição / Edition

Imprensa Nacional é a marca editorial da
Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa
impresanacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/impresanacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Associação Sons da Lusofonia
Rua da Rosa, 145
1200-383 Lisboa
sonsdalusofonia.com
linktr.ee/sonsdalusofonia
instagram.com/sonsdalusofonia/
info@asl.com.pt

Ideia original / Original idea

Carlos Martins

Investigação e pesquisa / Research and investigation

Pedro Cravinho & João Esteves da Silva

Produção executiva / Executive production

Cristiana Morais

Coordenação editorial / Editorial coordination

INCM

Ilustração e grafismo / Illustration & design

Travassos

Paginação / Typesetting

Leonel Duarte

Revisão / Proofreading

INCM

Data / Date

Novembro / November 2025

© da edição / of the edition

Imprensa Nacional-Casa da Moeda e/and
Associação Sons da Lusofonia

Edição n.º / Edition no.

1026802

ISBN 978-972-27-3251-2

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios, eletrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita dos editores.

All rights reserved. This work may not be reproduced, in whole or in part, in any form or by any means, electronic, mechanical or otherwise, including photocopying, magnetic recording or any information storage or retrieval system, without the prior written permission of the publishers.

Créditos fotográficos / Photo credits

André Fernandes – Pedro Rosa
André Matos – Ebru Yildiz
Beatriz Nunes – Rita Carmo
Bernardo Moreira – Márcia Lessa
Carlos Azevedo – Francisco Teixeira
Carlos «Bechegas» – Nuno Martins
Carlos Bica – Dovile Sermokas
Carlos Martins – Luísa Ferreira
Carlos «Zíngaro» – Vera Marmelo
Demian Cabaud – Joaquim Mendes
Desidério Lázaro – Nanã Sousa Dias
Eduardo Cardinho – Sebas Ferreira
Filipe Raposo – Filipe Ferreira
Gabriel Ferrandini – António Júlio Duarte
Gonçalo Almeida – Gonçalo Almeida
Gonçalo Marques – Miguel Estima
Gonçalo Prazeres – André Pax
Hernâni Faustino – Lais Pereira
Hugo Carvalhais – João Pádua
Isabel Rato – Luís Barrigas
Joana Raquel – João Pedro Dias
João Barradas – Alfredo Matos
João Lencastre – Teresa Q.
João Lobo – Laurent Orseau
João Mortágua – Martim Torres
João Paulo Esteves da Silva – Alexandra Côrte-Real
José Menezes – Olga Moreira
José Valente – André Henriques
Lantana – Pedro Jafuno
Lokomotiv – Cláudio Alves
L.U.M.E. – Manuel Luís Cochofel
Luís Lopes – Nuno Martins
Luís Vicente – Cees van de Ven
Made of Bones – Made of Bones
Mano a Mano – David Cachopo
Marcelo dos Reis – Hugo Sales
Maria João – Alexandre Cabrita
Maria Mendes – Nathalie Hennis
Mário Barreiros – Mário Barreiros
Mário Costa – Pedro Ferreira
Mário Laginha – Márcia Lessa
Miguel Ângelo – Miguel Ângelo
Orquestra Jazz de Matosinhos – Pedro Lobo

Paula Oliveira – Kenton Tatcher
Paula Sousa – Vitorino Coragem
Pedro Alves Sousa – Vera Marmelo
Powertrio – Nuno Carvalho
Ricardo Jacinto – Vera Marmelo
Rodrigo Amado – Vera Marmelo
Rodrigo Pinheiro – Petra Cvelbar
Sara Serpa – Ebru Yildiz
Sofia Borges – Anna Motterle
Susana Santos Silva – Aloísio Brito
TGB – Tiago Fezas Vital
The Rite of Trio – Daniel Orge
Vera Morais & Hristo Goleminov – Beatriz Lerer Castelo



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

